

# *Delegacia Nacional*

4459



DE NOVEMBRO

9 4 4

NÚMERO

3 6 6

CEL. RENATO BATISTA NUNES

TEN.-CEL. LIMA FIGUEIREDO

CAP. JOSE SALLES



## ADQUIRA A VITALIDADE DE UM INDO

 A razão da resistência dos indios está na sua alimentação, sobretudo nos atributos insuperáveis

do guaraná, fonte de saúde, de energia e de vigor, ao alcance de todos, na deliciosa bebida - *Guaraná Champagne*



3 COPOS  
EM UMA  
GARRAFA



MATERIA PRIMA  
de primeira qualidade  
HIGIENE ABSOLUTA  
PERFEIÇÃO TÉCNICA

**Guaraná**  
**Champagne**  
É UM PRODUTO DA **ANTARCTICA**

*Sport* factor de  
SAÚDE

# GYMNASTICA



"Moinho de vento" Gymnastica dos músculos abdominais.  
noas 10 vezes



Gymnastica dos músculos das pernas. 20 vezes



Extensão dos músculos dos braços 20 vezes

Flexão do tronco. 10 vezes.



Arqueamento do corpo. 10 vezes



"Ponto" 10 vezes



Oscilação de árvore 10 vezes



FLEXÕES DE CABEÇA



Para o pescoço, o thorax e as costas.

O corpo humano tem necessidade de exercício. A vida sedentária, impedindo a ação normal dos músculos, afecta a saúde e favorece o acumulo de reservas gordurosas. A gymnastica evita esses inconvenientes. Para maior efficiencia, deve ser praticada como um habito diario, pela manhã, se possível ao ar livre. É um exercicio racional que não rouba tempo, pois requer apenas alguns minutos.

Para sahir de casa disposto, com uma physionomia attrahente, deve o homem moderno fazer tres coisas, todas as manhãs: a gymnastica, o banho e a barba. São tres preceitos basicos de hygiene, indispensaveis para se adquirir boa apparencia, que tanto ajuda a vencer na vida. Com Gillette é facil, rapido e economico barbear-se em casa. Adquira uma Gillette e passe a fazer sua propria barba, com lamumas Gillette Azul, as unicas rigorosamente asepticas



**Gillette**  
Caixa Postal 1797 - Rio de Janeiro

Gillette



**Hoje** 509 homens e mulheres da S. S. WHITE estão prestando serviços nas forças armadas de seu paiz, e êste numero está aumentando constantemente. As fábricas da S. S. WHITE trabalham 24 horas por dia produzindo material dentário e material de guerra para todo o mundo.

Tôda nossa organização está fazendo o máximo para conseguir que 1944 exceda em produção todos os anos anteriores afim de auxiliar a apressar a vitória e a paz.

E desta forma estamos nos esforçando para sermos úteis e merecedores da tradição que herdamos.

**THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO.**

*Um século de serviços à odontologia*

# Só nas Américas

**"TANQUE" AINDA SIGNIFICA**

**ISTO ... E NÃO ISTO**



QUE felizes somos! Nunca o solo de nosso hemisfério trepidou à passagem de um tanque do Eixo. Somente nós, os que vivemos *nas Américas*, não nos esquecemos completamente que "tanque" significa também este símbolo de paz: *um depósito para armazenar petróleo*.

A guerra moderna está provocando de modo extraordinário o aperfeiçoamento de inúmeros produtos necessários à vida da população civil. Os combustíveis e lubrificantes, por exemplo, estão melhorando no grau máximo, e ao mesmo tempo se ampliam as aplicações do petróleo... tudo para seu benefício quando vier a paz.

Nesta tarefa, a Organização Esso continua mantendo o seu importantíssimo papel. Pois continua sempre na vanguarda na produção de produtos petrolieros. A Standard Oil Company of Brazil também aguarda, ansiosamente, pelo dia em que os "tanques" Esso possam voltar a suprir com abundância todas as necessidades da vida civil brasileira.

• • •  
Seja o primeiro a saber das últimas, ouvindo diariamente o Reportor Esso pelas Radios: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de Minas Gerais, de Belo Horizonte; Farroupilha, de Porto Alegre; e R. Clube de Pernambuco, de Recife.



**STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL**

# A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXI

Brasil - Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1944

N. 366

## SUMÁRIO:

	Págs.
Editorial . . . . .	753
Os Bombardeios Aéreos . . . . .	757
A Engenharia Militar no Brasil — <b>Ten.-Cel. Lima Figueiredo</b> . . . . .	771
A Cavalaria Moderna — A D. C. hipomóvel — <b>Ten.-Cel. Arthur Carnaúba</b> . . . . .	777
O Emprêgo das Unidades de Destruidores de Carros — Trad. e adaptação do <b>Cap. José Bezerra Pessoa</b> . . . . .	779
Patriarcas & Carreiros — <b>Coriolano de Medeiros</b> . . . . .	789
A Bateria de 152,4M/M — <b>Major Newton Franklin do Nascimento</b> . . . . .	793
Problemas da Vida do Oficial — <b>Cap. Rui Alencar Nogueira</b> . . . . .	799
Devemos Formar os Nossos Soldados Rodo-ferroviários — <b>1.º Ten. Lidenor de Mello Motta</b> . . . . .	809
“Ecos de uma Campanha Cívica” — <b>Major Emanuel de Moraes</b> . . . . .	815
O Emprêgo dos Carros de Combate com a Infantaria — Trad. do <b>Ten.-Cel. Paulo Mac Cord</b> . . . . .	823
Os Generais do Exército ao Ministro da Guerra, através da Palavra do Général Cristovam Barcelos	833
As Características da Organização Militar e o General Tiburcio . . . . .	843
Excertos — Trad. do <b>Cel. R. B. Nunes</b> . . . . .	845
Organização do Terreno — <b>Major Pastor Almeida</b> . . . . .	857
Oficiais da Reserva do Exército no Espírito Santo — Discurso do Interventor <b>Jônnes dos Santos Neves</b>	874
Boletim . . . . .	877
Livros Novos . . . . .	881
Revistas em Revista . . . . .	889
Noticiário & Legislação . . . . .	906

# EDITORIAL

A propósito do rei Carol, esse itinerante mal-visto, contra cuja permanência no Brasil a opinião pública se manifestou com tão justificada veemência, escrevia recentemente o cronista de "Janela Aberta", no jornal "A Noite", o qual teve uma asserção final que está a pedir o nosso exame esclarecedor.

Escreveu o cronista, reproduzindo e endossando a opinião de "um intelectual de prestígio", que a vocação republicana do Brasil é uma constante da nossa história política, como o demonstra o sentido de todas as nossas revoluções, desde a Inconfidência até à guerra dos Farrapós, "só havendo" — são palavras do cronista, e aqui é que está o ponto sensível, que vamos debater — "só havendo contra as tendências naturais do povo brasileiro o ato de Pedro I e a reação das armas, em nome da realeza".

Ora, o que está ditô aí, de forma tão global e vaga, presta-se a interpretações que ferem direta e violentamente alguns sagrados valores da estrutura nacional.

O "ato de Pedro I", a que se refere o cronista, é nada mais nada menos que o "Grito do Ipiranga". Não há negar que a Independência feita

pelo Príncipe português, em proveito da sua dinastia, contrariou as "tendências naturais do povo brasileiro", sempre voltado para o ideal republicano, através de todas as suas iniciativas libertárias. O que importa, porém, na consideração do lance histórico de 1822, é que o "ato de Pedro I" foi apenas uma fórmula, a mais prática, a mais viável, a mais segura, para conquistarmos a emancipação. Assim pensavam, porque nessa direção trabalharam afincadamente, os campeões da nossa Independência, a começar pelo grande Andrada. E quanto ao povo, este aceitou pronta e entusiasticamente a "fórmula" monárquica, porque compreendia que a causa da emancipação representava uma conquista fundamental, para ser retardada ou perturbada pela intransigência no terreno do ideal político. Sacrificou-se naquelas circunstâncias a nossa "vocação republicana", para que prevalecesse um interesse maior da nacionalidade.

Não se comprehende, destarte, que seja amesquinizada a significação daquela que temos como a maior data nacional. Foi, sem dúvida, um desserviço do cronista tê-la de algum modo desmerecido com uma referência vaga, mas de nítido sentido depreciativo.

Outra alusão do cronista está a reclamar a nossa intervenção retificadora. Aponta ele, entre

os elementos que contrariavam as tendências naturais do povo brasileiro, "a reação das armas, em nome da realeza".

Na verdade, as forças armadas, a serviço do trono, sufocaram todos os movimentos revolucionários que aqui e ali irromperam durante o período imperial. E não podia, com efeito, ser de outro modo. O trono era uma instituição legal que cumpria às forças armadas sustentar, pois que é essa uma das suas principais funções. De outra parte aquelas explosões revolucionárias, conquanto muitas vezes justas e sempre inspiradas em generosos propósitos políticos, foram invariavelmente ações locais. Assim, também por esse lado, não podia ser outra, senão repressora, a atuação das forças armadas.

Há, todavia, uns fatos históricos da mais alta importância, que o articulista teve o cuidado de esquecer para que se tornassem possíveis as suas generalizações... Ele omitiu, por exemplo, a atitude abolicionista do Exército; calou, como se não existisse, toda a imensa parte que coube ao Exército na elaboração republicana, desde a propaganda doutrinária até a execução do golpe que derrubou o trono; não quis ver ainda que esse mesmo Exército sustentou a República periclitante contra uma revolução reacionária, e que Floriano, o soldado-presidente nessa quadra crítica, terminado o

seu mandato constitucional, entregou o poder a um civil eleito regularmente; olvidou, por fim, o articulista que do Exército partiram as rebeliões de 1922, 24 e 26, todas orientadas no sentido do aperfeiçoamento das nossas instituições democráticas.

Repelimos, pois, à luz da história, a insinuação de que o Exército venha sendo na vida nacional um instrumento de “reação contra as tendências naturais do povo brasileiro”. Isto sobre inventário seria absurdo, de vez que o nosso Exército sempre foi e é um organismo essencialmente democrático, tendo os quadros do oficialato abertos a todas as classes, sem restrições de fortuna, de cor ou de condição social. A Escola Militar é mesmo, dado o seu regime especial de internato, a escola superior mais acessível aos estudantes provenientes das classes pobres.

Não há nenhuma instituição nacional mais próxima do povo que o Exército. Seus oficiais veem da massa através de um processo seletivo fundado unicamente em condições morais, físicas e intelectuais. Onde, pois, e por que o motivo para o divórcio que nos foi atribuído?

---

O cronista ao invés de uma “janela aberta” deveria ter uma janela com grades na Polícia ou no Hospício.

# X57

# OS BOMBARDEIOS AÉREOS

O magnífico trabalho que abaixo publicamos é de autoria de notável jurista e ilustre diplomata brasileiro. É obra da maior oportunidade, sobre um dos mais palpítantes aspectos da guerra atual. A erudita exposição feita demonstra a crueldade dos métodos pelos alemães, italianos e japoneses nos ataques aéreos, logo que iniciaram as hostilidades na guerra desencadeada para o domínio totalitário do mundo.

## 1. — PRINCIPIOS JURIDICOS

O horror dos bombardeios aéreos, cujos efeitos devastadores cada vez mais se fazem sentir hoje em dia, em vários teatros de hostilidades, levou muitos internacionalistas, no intervalo entre a primeira e a segunda guerras mundiais, a proclamarem a necessidade da sua interdição. Diversos governos participaram desse ponto de vista e a Conferência do desarmamento, inaugurada em Genebra em Fevereiro de 1932, adotou uma resolução na qual recomendou francamente a supressão de semelhante método de guerra.

Na verdade, a tendência doutrinária, no sentido da sua proibição ou da sua restrição, é antiga, e como que já havia influido na idéia da aplicação à guerra aérea de certos preceitos dos leis de guerra terrestre e da guerra marítima, relativos a bombardeios.

Conforme é sabido, a guerra aérea, de origem relativamente recente, nunca foi objeto de regulamentação internacional especial. É exacto que já da 1.<sup>a</sup> Conferência da Haia, em 1899, resultara uma declaração, que proibiu, por cinco anos, o lançamento de projectéis ou explosivos, dos balões. A 2.<sup>a</sup> Conferência, reunida em 1907, renovou essa interdição, em declaração idêntica, que, no entanto, não recebeu ratificações mui numerosas e só seria obrigatória em guerra na qual todos os belligerantes fossem partes contratantes, não podendo destarte ser invocada em nenhuma das duas guerras mundiais.

Pensou-se contudo, conforme atrás ficou dito, em aplicar à guerra aérea, por analogia, preceitos vigentes no tocante à guerra terrestre e à guerra marítima. Assim, por exemplo, uma vez que o artigo 25 do Regulamento anexo à 4.<sup>a</sup> convenção da Haia, de 1907, sobre leis e costumes da guerra terrestre, proíbe o ataque ou bombardeio, por qualquer meio que seja, das cidades, aldeias, habitações ou edifícios

*não defendidos*, e o artigo 1.<sup>o</sup> da 9.<sup>a</sup> convenção, também da Haia, precisou que a mesma proibição existia, em princípio, no tocante a bombardeamentos por forças navais, — alguns internacionalistas julgaram que se poderia adotar, igualmente, como princípio de ordem geral, o da proibição de bombardeios por aparelhos aéreos, de localidades não defendidas.

Restava, porém, determinar o que seria uma localidade *não defendida*. Não houve definição oficial da expressão, mas alguns autores dos mais reputados consideraram como localidade não defendida a que, efetivamente, se não defende, seja ou não fortificada, declarando que uma localidade é defendida quando o inimigo não pode nela penetrar sem séria resistência.

Tratando-se, todavia, de bombardeio aéreo, tal definição era evidentemente insuficiente, pois o mesmo, em geral, não visa a penetração numa localidade, mas a destruição desta ou de alguma coisa dentro desta. Daí a distinção, que se procurou estabelecer e parece existir, de fato, na técnica militar moderna, entre *bombardeio de ocupação* e *bombardeio de destruição*, sendo o objetivo deste último destruir coisas do inimigo que apresentem algum interesse militar. Por via de extensão, chegou-se, em seguida, à conclusão, confirmada pela prática internacional, de que o *bombardeio aéreo é perfeitamente admissível, se dirigido contra qualquer objetivo militar* (analogamente, aliás, ao que já sucedia com o bombardeio marítimo, permitido explicitamente, no artigo 2.<sup>o</sup> da 9.<sup>a</sup> convenção da Haia, quando se trate de objetivo militar). Nessa categoria, foi geralmente incluído o seguinte: forças militares; obras de fortificação ou outras, de caráter militar; estabelecimentos e depósitos militares; fábricas e centros de manufatura de armas, munições e material de guerra; portos utilizados como bases militares; linhas de transportes ou comunicações, utilizadas militarmente; centros ou nós ferroviários e de estradas de rodagem. A dita conclusão foi consagrada no artigo 5.<sup>o</sup> de uma resolução adotada pela Associação de Direitos Internacionais (*International Law Association*), reunida em Estocolmo em 1924, e já fôr aceita no artigo 24 do chamado Código aéreo da Haia, elaborado de fins de 1922 a Fevereiro de 1923, por uma comissão de juristas composta de representantes da Inglaterra, Estados Unidos da América, França, Itália, Japão e Holanda. Os referidos artigos, depois de definirem como objetivo militar aquele “cuja destruição total ou parcial constituiria para o beligerante uma clara vantagem militar”, estabeleceram, em termos quase idênticos aos da enumeração acima, uma lista de tais objetivos. Declararam, porém, que o bombardeio aéreo deverá ser evitado nos casos em que os objetivos militares se encontrem em tal posição que não possam ser bombardeados sem que seja atingida a população civil. Por outro lado, proibiram o bombardeio de cidades, vilas, aldeias,

habitações e edifícios não situados na vizinhança imediata, só o autorizaram no caso de existir presunção razoável de que a concentração militar aí é bastante importante para justificar o bombardeio, mas sem se perder de vista o perigo em que assim incorre a população civil.

A 19.<sup>a</sup> Assembléia da Liga das Nações, em resolução adotada em Setembro de 1938, recomendou princípios que se não afastam dos do mencionado Código da Haia, formulando-os assim: 1) o bombardeio intencional de populações civis é ilegal; 2) os objetivos visados do ar devem ser legítimos objetivos militares e suscetíveis de ser identificados; 3) qualquer ataque sobre legítimos objetivos deve ser levado a efeito de tal maneira que as populações civis das vizinhanças não sejam bombardeadas por negligência.

E' verdade que tanto o Código da Haia, quanto a resolução da Associação de Direito Internacional são meros trabalhos de juristas, sem sanção alguma oficial. E' verdade, também, que a citada resolução da Liga das Nações não tem força obrigatória. Em todo caso, essa resolução e os ditos trabalhos podem ser considerados como fontes acessórias e indiretas do direito relativo à guerra aérea e poderiam servir de base à prática internacional, dado que, em tal matéria, não há regra alguma de direito escrito, nem seria possível alegar-se a existência de um costume geralmente estabelecido.

Como quer que seja, ao se iniciar a segunda guerra mundial, constituía princípio geralmente admitido pela melhor doutrina internacional o de que *os bombardeios aéreos devem visar exclusivamente objetivos militares*.

Outro princípio, por assim dizer implícito no anterior e sobre o qual parecia reinar acordo geral, era o de que *são ilegítimos os bombardeios aéreos destinados a assustar a população civil*. O Código aéreo da Haia (no seu artigo 22) e a Associação de direito internacional (no artigo 4.<sup>o</sup> da sua citada resolução) manifestaram-se formalmente nesse sentido, bem como também no da interdição dos bombardeios aéreos destinados a destruir ou danificar propriedades particulares sem caráter militar ou ferir não-combatentes. Por sua parte, a Conferência do desarmamento, reunida em Genebra, declarou que "todo ataque aéreo contra as populações civis será proibido de maneira absoluta".

A razão desse princípio era e é óbvia: derivava em linha reta da regra de direito internacional que determina a imunidade dos não-combatentes contra ataques diretos. O princípio de tal imunidade já tem sido reconhecido até por tribunais internacionais.

De certo, essa imunidade não apresenta caráter absoluto. Assim, a doutrina e a prática têm admitido que objetivos militares possam ser bombardeados ainda que pela presença de não-combatentes nas cir-

cunvizinhanças, estes se achem expostos, casualmente, a sofrer danos. É verdade, contudo, que se tem considerado como francamente aconselhável a desistência da ação, quando se calcula que os danos a que se acham expostos os não-combatentes são desproporcionados ao fim visado.

Convém, por outro lado, não esquecer a dificuldade de se estabelecer uma linha precisa de separação entre combatentes e não-combatentes, — a menos que se adote o critério simplista de que os primeiros são os que fazem uso de armas de guerra contra o inimigo, sendo não-combatentes os demais. Ora, há indivíduos que, sem pegar em armas, têm participação ativa na luta armada. Tais são, por exemplo, os operários das fábricas de armas ou munições; os trabalhadores empregados em obras de fortificação: etc. Não devem esses ser equiparados aos combatentes, propriamente ditos?

Desta categoria, a bem dizer, só poderão ser excluídos aqueles que não participem efetivamente do esforço de guerra do seu país.

Em suma, porém, tem-se ou tinha-se como assente a necessidade de serem proibidos os bombardeios aéreos indiscriminado, sobre centros de população civil.

Na primeira guerra mundial, foi geralmente admitida pelos beligerantes a ilegalidade dos bombardeios aéreos dirigidos exclusivamente contra populações civis, para qualquer fim. Essa regra sofreu exceções, mas quasi sempre sob alegações de represálias ou da existência de algum objetivo militar dentro dos centros atingidos.

Não há dúvida que a aplicação rigorosa dos princípios acima expostos se tornou mais difícil com o alargamento dos fins e das condições da guerra moderna, a participação direta ou indireta de quasi todos os elementos válidos da nação na luta armada, a dificuldade técnica de atingir precisamente os objetivos visados do alto.

Em todo caso, isso não impedia que, dada a manutenção dos bombardeios aéreos como meio de guerra, se subordinassem eles aos dois princípios acima enunciados e em favor dos quais militavam os próprios sentimentos de humanidade, princípios que aqui repetimos: 1.º) o bombardeio aéreo deve visar exclusivamente objetivos militares; 2.º) é ilegítimo o bombardeio aéreo destinado a aterrorizar a população civil.

Na prática, naturalmente, esses princípios estavam destinados a sofrer violação na nova guerra mundial, segundo o temperamento de cada povo ou a doutrina de guerra de cada país.

## II. — TEORIAS ALEMÃS

Os Alemães, por exemplo, não se vexariam de os desrespeitar. Primeiro que tudo, em virtude da idéia, que parece entre eles espalhada e é mui cara ao Nazismo, segundo a qual "não há direito contra o

interesse alemão. A raça superior", o povo de senhores" considera-se sempre acima de qualquer lei internacional.

Depois, foi na Alemanha que surgiu a doutrina de que, "na guerra, a necessidade supera a maneira de a fazer" (*Kriegsraeson geht por Kriegsmanier*).

Ora, a teoria da necessidade, sustentada por numerosos autores alemães e já invocada solememente por um chanceler do Reich, tudo justifica. De acordo com a mesma, as leis de guerra perdem sua força obrigatória em caso de necessidade, isto é, uma vez que contrariem os fins que se buscam com a guerra. Segundo informa Lauterpacht, o Tribunal do Reich alemão (*Reichsgericht*), em casos decididos nos anos de 1922 e 1924, baseou-se na doutrina da necessidade, ou, mais precisamente, na de que a salvaguarda própria (*self-preservation*) autoriza o desrespeito dos regulamentos da Haia. Assim, embora os ditos regulamentos tenham estipulado que "os beligerantes não têm um direito ilimitado quanto à escolha dos meios de prejudicar o inimigo", os Alemães, tanto na primeira quanto na segunda guerra mundial, puseram mais de uma vez de parte as leis de guerra, sempre que a *necessidade*, no seu conceito elástico, os incitou a isso.

O Manual do Estado-Maior alemão sobre as leis da guerra continental, de 1902 (*Kriegsgebrauch im Landkriege*), inspirado nos ensinamentos de Clausewitz, Hartmann e outros, já dizia, aliás, ser lícito "todo meio de guerra sem o qual o objetivo de guerra não poderia ser alcançado", e que "os cuidados relativos às pessoas e aos bens só podem ser atendidos se a natureza e o objetivo da guerra com eles se acomodam". Já naquela época, entretanto, vigorava o Regulamento da Haia, de 1899, ao qual a Alemanha se achava ligada pela assinatura e a ratificação...

Na prática, durante qualquer guerra, os Alemães nunca se preocuparam muito com sentimentalismos ou princípios de humanidade. Para não sair da matéria de bombardeios, podemos lembrar, por exemplo, que a concepção segundo a qual estes podem ser empregados como meio de pressão sobre a população civil, afim de aterrorizar e de a forçar a exigir a rendição de uma cidade ou a conclusão da paz, foi a que os levou a bombardear Strasburgo em 1870, destruir voluntariamente a sua biblioteca e atirar sobre a sua catedral. O general alemão Werder confessou então que o bombardeio da cidade não lhe daria os baluartes desta, mas levaria os habitantes a exigirem a capitulação. Durante a mesma guerra, os sitiantes de Paris não atiravam, em geral, sobre as fortificações da cidade, mas sobre o interior desta. Em 1917, também, os bombardeios da capital francesa pelos famosos canhões "Berta" não buscavam outro efeito senão o de aterrorizar a população civil.

Foi, aliás, da Alemanha que partiu a idéia da "guerra total", na qual as considerações de direito e de humanidade nada representam, ou, antes, são postas de lado. Um dos propugnadores da idéia, isto é, o General Ludendorff, já anunciava, alguns anos antes do início do conflito atual, que uma das tarefas especiais da força aérea seria o bombardeamento da população do país inimigo.

Hitler estava, de certo, bem compenetrado disto quando, na noite de 14 para 15 de Março de 1939, num dos salões da sua Chancelaria, em Berlim, ameaçou o velho presidente Hacha da Tchecoslováquia, de destruir Praga por bombardeio aéreo, caso o pobre homem se negasse a entregá-lhe os destinos do seu país...

### III. — ATOS NIPÔNICOS

Os japoneses não se deixam guiar tão pouco por considerações de natureza jurídica ou humanitária, uma vez que estejam em jogo as suas ambições ou os seus interesses egoísticos.

Sabe-se com que crueldade eles teem feito a guerra na China, desrespeitando regras de direito ou princípios de moralidade, tratando desapiedadamente as populações civis.

No tocante à guerra aérea, já em 22 de Setembro de 1937, o governo dos Estados Unidos da América protestava contra o anuncio feito pelo governo de Tokio da sua intenção de fazer bombardear a cidade de Nanquim e seus arredores. Dizia, com razão o primeiro que "o bombardeio geral de uma extensa área onde reside uma larga população empenhada em ocupações pacíficas é ilegítimo (*unwaranted*) e contrário aos princípios de direito e de humanidade".

Nada impediu, porém, que os japoneses bombardeassem aquela e várias outras cidades chinesas, completamente indefesas.

Em 30 de Junho de 1938, o "Osservatore Romano" noticiava que, "em consequência dos conhecidos e recentes danos causados a algumas cidades chinesas por bombardeios executados pela aviação japonesa", a Santa-Sé, "inspirada unicamente pelos princípios de justiça e de caridade cristã", havia encarregado o Delegado Apostólico em Tokio de intervir junto ao governo japonês afim de obter que, no decurso das hostilidades, o exército nipônico usasse de particular cuidado "para evitar os inúteis mortícínios produzidos pelos bombardeamentos de cidades abertas". E acrescentava que o Ministro dos Negocios Estrangeiros japonês havia prometido que seriam empregados "todos os meios permitidos pelas contingências bélicas, para assegurar a imunidade das populações civis". Não consta, porém, que tivesse procurado negar ou ao menos justificar os fatos alegados, nem que o seu governo tenha, depois, dado ordens efetivas às forças militares nipônicas no sentido da cessação dos referidos bombardeios.

Na realidade, estes continuaram, e entre outros danos que deliberadamente provocaram figurou a destruição da Universidade de Nan-Kai, em Tien-Tsin.

Mas os ataques aéreos a civis, na guerra que os japoneses desencadearam contra a China há cerca de seis anos, não se manifestam apenas nos bombardeios indiscriminados, sobre cidades abertas. Assim, por exemplo, é bem conhecido, por se ter tornado um incidente internacional, o caso do avião comercial pertencente a uma companhia sino-americana (a "China National Aviation Corporation"), atacado e abatido por aviões militares ou navais nipônicos, pouca distância de Hong-Kong, em Agosto de 1938. Cinco desses aviões metralharam o avião comercial, forçando-o a pousar ao largo da costa de Kuang-Tung, e depois ainda o metralharam ao solo e lhe jogaram pequenas bombas, até destruí-lo. Os passageiros não foram poupadados, sendo também deliberadamente atingidos pelos tiros nipônicos. Dos 17 ocupantes do avião atacado, sómente 3 se salvaram. Entre os 14 mortos, havia três mulheres e duas crianças.

O pior é que a barbaria japonesa não parece recuar ante processo algum de guerra, por mais contrário que seja aos sentimentos de humanidade. Não hesita, portanto, em recorrer ao uso dos gases asfixiantes, proibido em atos internacionais de que o Japão foi signatário e francamente condenado pelo direito internacional, conforme declarou o Conselho da Liga das Nações em Maio e Novembro de 1938. Efetivamente, os japoneses várias vezes, nos seus bombardeios aéreos sobre cidades chinesas (e também em operações terrestres), utilizaram gases venenosos. Ainda recentemente, em fins de Março do corrente ano, os jornais norte-americanos publicaram notícia proveniente de Chung King, em que se confirmava, mais uma vez, a aludida utilização.

A guerra nipônica apresenta, entretanto, aspecto ainda mais deshumano. Assim é que ela chega ao ponto de lançar mão de meios bacteriológicos, contra as populações civis chinesas. De facto, a 19 de Setembro último, o Encarregado de Negócios da China em Berna comunicava ao Presidente do Comissão Internacional da Cruz-Vermelha, em Genebra, que, na manhã de 30 de Agosto de 1942, três aviões japoneses tinham sobrevoado Nanyang, na província de Honan (China Norte), e lançado sobre aquela cidade grãos de milho e desorgo. O exame a que os serviços da Administração de higiene procedera imediatamente sobre os ditos cereais tinha provado que os mesmos continham bacilos de peste; e, pouco depois, uma epidemia se havia declarado naquela região.

## IV. — A ITALIA E A DOUTRINA DOUHET

A Italia facista não estaria longe de acompanhar, nessa matéria, os seus aliados do famoso Pacto tripartido. Como prova disto, já havia o exemplo da guerra contra a Etiópia, durante a qual aviões italianos bombardearam sem piedade, até com gases tóxicos, populações abissínias indefesas.

Desde antes, porém, o governo facista perfilhara a doutrina da guerra total, pregada incansavelmente pelo general italiano Giulio Douhet. O conhecido livro dêste, intitulado "Il dominio dell'aria", foi publicado, em primeira edição, no ano de 1921, *sob o patrocínio do Ministério da Guerra italiano e largamente difundido* — segundo disse o autor — "entre as autoridades militares do Exército e da Marinha" (prefácio da 2.<sup>a</sup> edição). A segunda edição, aparecida em 1927, foi feita sob os auspícios do Instituto Nacional Fascista de Cultura. A terceira edição, já póstuma, saiu em 1932 (A. Mondadori, editor), com prefácio do general Italo Balbo, então Ministro da Aeronáutica. Essa última edição (da qual tirámos as citações abaixo), editada sob os auspícios da revista "Le Vie dell'Aria", reproduz a anterior, com o acréscimo dos dois últimos estudos publicados por Douhet.

No prefácio da 3.<sup>a</sup> edição, disse o general Balbo que aqueles escritos eram "um documento precioso da genialidade italiana no campo dos estudos militares e que a sua actualidade era "permanente". Balbo louvava Douhet por apresentar os factos militares contemporâneos "com a mente livre de preconceitos escolásticos e à luz do bom senso".

Mais tarde, no volume XVIII (aparecido em 1933) da "Encyclopédia Italiana" (Treccani, editor), à página 92, 2.<sup>a</sup> coluna, o mesmo ardente chefe fascista dizia: "A concepção da guerra aérea totalitária, mediante a armada do céu, é uma concepção nova, nitidamente italiana, que teve no general Giulio Douhet um precursor, cujas teorias são hoje conhecidas e discutidas no mundo inteiro".

Vejamos, pois, quais os princípios fundamentais dessa teoria, tão calorosamente gabada pelos "homens do regime" e tão francamente reivindicada para a Italia.

Segundo o general Douhet, o conceito fundamental, que deve reger a guerra, é o seguinte: "resignarmo-nos a sofrer os danos (*offese*) que o inimigo nos possa infligir, afim de utilizarmos todos os recursos para o fim de infligir ao inimigo danos maiores" (p. 68). Outro princípio que lhe parece essencial é o de "causar ao adversário o máximo dano, o mais rapidamente possível" (p. 59).

O maior dano possível, na guerra aérea, depende, além dos meios aéreos disponíveis, da escolha dos alvos, a ser atingidos. Quanto a es-

tes objetivos mais sensíveis, material e moralmente, como aqueles que produzem as maiores repercussões sobre o andamento geral da guerra". (p. 68).

Ele reconhece quanto é trágico pensar em que a decisão, em semelhante tipo de guerra, "deve resultar necessariamente da destruição de todas as energias materiais e morais de um povo", mas, a título de consolação, logo acrescenta que, com esse gênero de guerra, a decisão surgirá em brevíssimo tempo e, portanto, "não obstante a sua atrocidade, essas guerras serão mais humanas do que as passadas, porque, em definitivo, custarão menos sangue (p. 70).

Em todo caso, Douhet esforça-se por mostrar que, se a guerra aérea, como propugna, parece atroz, será isto devido a uma especial e tradicional sensibilidade, "que será necessário modificar" (p. 221). Ora, a guerra não é mais apenas o embate de forças armadas, mas de nações: é uma luta de povos. Assim, ajunta, com franqueza: "A distinção entre beligerantes e não-beligerantes não é mais hoje admissível, nem de direito, nem de facto. Não o é de direito, porque nas nações em guerra todos trabalham para a guerra: o soldado que empunha a carabina, o operário que carregá o cartucho, o camponês que semeia o grão, o cientista que estuda um composto, químico. Não o é de facto, porque o dano pode alcançar todos os cidadãos, e o lugar mais seguro para alguém se abrigar será a trincheira. Vence-se a guerra despedaçando-se as resistências da nação adversária: obtém-se este escopo mais facilmente, mais rapidamente, mais economicamente, isto é, com menor desperdício de sangue, atacando-se diretamente as resistências adversárias, ali onde sejam mais fracas e mais vulneráveis. Quanto mais as armas tiverem efeitos rápidos e terríveis, quanto mais depressa atingirem os centros vitais, quanto mais profundamente atuarem sobre as resistências morais, mais a guerra se fará realmente civilizada (*civile*), portanto mais limitados serão os danos em relação ao conjunto da humanidade" (p. 222).

Esses os principípios estabelecidos e defendidos pelo autor de "I dominio dell'Aria". Os corolários de semelhante doutrina podem ser facilmente deduzidos das citações acima feitas. O próprio Douhet, porém, incumbe-se de indicar alguns no seu livro. Assim, para despedaçar a força de resistência inimiga, mostra ele que convém aterrorizar a população civil, atingir os centros habitados, difundir o pânico, pois isto "rende imensamente mais" do que atacar obstáculos materiais, mais ou menos sólidos (p. 150).

A escolha dos objetivos, na guerra aérea, depende, em todo caso, do escopo que, no momento, se tenha em vista: ou conquistar o domínio do ar, ou cortar o exército e a marinha, das suas bases, ou agir contra os órgãos diretores do adversário, ou "lançar o terror no país inimigo para despedaçar a resistência moral" (p. 59). Esse último

objetivo será atingido por meio das unidades de bombardeio, que, uma vez conquistado o domínio do ar pela Armada aérea, poderão desen- volver toda a sua potência ofensiva, quase sem nenhum risco, e ser utilizadas "para disseminar a destruição e o terror no interior do país inimigo, para lhe despedaçar a resistência material e moral" (p. 42). Neste caso, *sobre alvos constituídos por edifícios normais — armazens, oficinas, estabelecimentos, centros habitados — a mais completa destruição poderá ser obtida, provocando-se incêndios e paralizando-se, com materiais tóxicos (venefici) toda actividade humana, durante certo tempo*". (p. 49).

Em relação a centros habitados, Douhet insiste em que a Armada aérea, agindo sobre estes, poderá, levando o terror e a confusão ao país adversário, despedaçar-lhe rapidamente a resistência material e moral" (p. 66).

Convém notar que, nas suas idéias sobre a guerra aérea, o general Douhet não esqueceu o valor do emprego de gases tóxicos. Assim, menciona ele como materiais destruidores utilizáveis os incendiários, os explosivos e os tóxicos (*venefici*). Vai, no entanto, mais longe, dizendo que a química já pode fornecer venenos de poder terrível e de eficácia superior aos mais potentes explosivos, mas a bacteriologia poderá fornecer meios ainda mais formidáveis. E exclama: "Basta pensar que forças de destruição viria a possuir a nação cujos bacteriologistas descobrissem o modo de propagar uma epidemia mortal no país adversário e, contemporaneamente, o sôro para se imunizar (p. 10).

Justificando, precisamente, a utilização de tão crueis meios, ele declara: "Quem se bate pela vida ou pela morte — e hoje ninguém se pode bater diversamente — tem o sacroso direito de se valer de todos os meios de que dispõe para não morrer" (p. 206). E pouco adiante acrescenta:... "pois que na guerra se deve causar ao adversário o máximo dano, serão sempre empregados os meios, *quaisquer que sejam*, mais adequados e tal fim". Prevê, aliás, que "precisamente pela sua terrível eficácia, a arma tóxica, (*larma del veneno*) será largamente empregada na guerra futura". E conclui: "Este é o fato brutal que se deve olhar de face, sem falso pudor e sem morfinizantes sentimentalismos". (p. 207).

As citações acima provam superabundantemente que a doutrina do general Douhet é a da guerra aérea totalitária, — como muito bem a qualificou o general Balbo, — e que a mesma muito se aproxima das concepções dominantes na Alemanha.

O mais grave é que essa doutrina recebeu o mais favorável achiamento do governo italiano. O livro em que foi pregada causou-lhe tal impressão que determinou a criação do Ministério da Aeronáutica e, depois, a da Armada aérea italiana.

Das suas idéias se impregnou de tal forma o primeiro chefe do novo departamento governamental (general Balbo) que, este no artigo atrás citado, estampado na "Enciclopedia Italiana", não hesitou em proclamar, com referência à guerra aérea, a necessidade de a dirigir contra objetivos sensíveis, "sempre com o escopo principalmente ofensivo e agressivo, tendente à desmoralização moral do adversário".

As deficiências da aviação italiana, em comparação com os progressos efetuados nessa matéria em outros países, não permitiram à Itália pôr em prática os ensinamentos do general Douhet. Em todo caso, segundo consta, nos primeiros dias após a sua entrada em guerra, quando a França já estava perto de depôr as armas, aviões italianos participaram dos ataques aéreos contra refugiados franceses. E, quando, no outono de 1940, os alemães desenvolveram a sua brutal ofensiva aérea sobre Londres, Mussolini anunciou, em discurso, que pedira aos aliados de alem-Brenner a honra de participar de tal ofensiva, para o que enviou logo à frente ocidental algumas esquadrilhas aéreas italianas. Em ordem do dia, o Comando aéreo italiano tinha aliás anunciado que as águias romanas voariam sobre a Grã Bretanha. Nessa mesma época os jornais italianos estampavam, com satisfação não escondida, fotografias das ruínas causadas pelos bombardeios aéreos em quarteirões habitados de Londres.

## V. — PRÁTICA NA GUERRA ATUAL

Ao se iniciar ou na véspera de se iniciar a grande guerra atual, o Presidente Roosevelt dirigiu um apelo aos governos que nela se poderiam achar envolvidos, para que evitassem, em todos os casos aéreos de populações civis ou de cidades não fortificadas, contando que o compromisso de assim proceder não fosse violado pela parte adversa.

O governo francês respondeu imediatamente (1.<sup>º</sup> de Setembro de 1939), em sentido favorável, declarando que, na eventualidade de ser arrastado à guerra, faria tudo por poupar às populações civis os sofrimentos que as hostilidades podem acarretar, e que já havia dado aos chefes de todas as forças francesas a ordem de não bombardear populações civis e de limitar os bombardeios aéreos a objetivos estritamente militares. Essa ordem, naturalmente, fôrâ dada sob condições de reciprocidade. (Veja-se o *Livre Jaune* de 1939, doc. n. 333, p. 318.319. O governo inglês respondeu em termos análogos.

Dois dias depois, ou, mais precisamente, a 3 de Setembro, os governos francês e inglês publicaram uma declaração conjunta, em que, referindo-se ao apelo do Presidente dos Estados Unidos, manifestaram a firme intenção de poupar as populações civis, preservar em toda a medida do possível os monumentos da civilização e não se afastar das leis de guerra, uma vez que o adversário a estas se submetesse. No tocante a bombardeios, disseram então que já haviam enviados instru-

ções expressas aos comandantes das respectivas forças armadas para que só os dirigessem sobre "objetivos estritamente militares, no sentido mais estrito do termo" (*Livre Jaune* cit., doc. n. 369, p. 345-346).

O governo alemão, alguns dias mais tarde, disse tomar nota da declaração conjunta e anunciou que, por sua vez, estava disposto a aderir à mesma norma de proceder, sob condição de reciprocidade.

Já então, porém, haviam os alemães iniciado (isto é, desde o primeiro dia da guerra e, portanto, antes que a Inglaterra e a França tivessem entrado na luta) a prática de bombardeios indiscriminados sobre cidades polonesas, bem como a de metralhar, do ar, populações civis, — práticas essas que nunca abandonaram, na campanha contra a Polônia. Já no dia 2 de Setembro, ao meio dia, o Embaixador francês, Léon Noel, comunicava de Varsóvia, ao seu governo os aviões não se tinham limitado, na véspera, a alvejar objetivos que apresentassem interesse militar. E dava como exemplo o fato de que, de 130 pessoas mortas, só 12 eram militares, e o de que um asilo para pequenos alienados fora atingido em Varsóvia. Além disto, dizia que refugiados civis que se encontravam num trem que vinha de Poznán tinham sido bombardeados e as vítimas, nesse caso, como no do asilo, tinham sido numerosas (*Livre Jaune* cit., doc. n. 349, p. 327).

Efetivamente, desde o 1º de Setembro de 1939, os Alemães tinham começado os bombardeios aéreos sobre numerosas localidades polonesas sem nenhum objetivo militar, bombardeios que se sucederam durante muitos dias. Simultaneamente, nas estradas e campos da Polônia, eram deliberadamente metralhados, por aviões alemães, campões e refugiados civis.

Varsóvia foi bombardeada desde o primeiro dia, e na noite de 25 para 26 de Setembro sofreu um bombardeio incessante e devastador, até 5 horas da manhã.

Várias outras cidades polonesas, grandes e pequenas, e até simples aldeias, algumas muito longe da frente de batalha ou de qualquer linhas de comunicações, sofreram bombardeios aéreos. A primeira parte da coleção de testemunhos e documentos sobre as atrocidades alemãs na Polônia publicada pelo governo polonês em 1940 (*Livro Negro*), fornece uma lista impressionante, pela extensão e pelos pormenores, das localidades sem objetivos militares atacadas pelos alemães naquele 1º de Setembro.

Segundo algumas estatísticas, só em Varsóvia, em consequência dos bombardeios aéreos e de artilharia, durante aquela curta campanha, morreram mais de 60 mil pessoas.

Depois, com a invasão dos Países-Baixos, foi à vez de Rotterdam uma das mais florescentes cidades holandesas. Esse bombardeio, efetuado sistematicamente, após que tivesse cessado ali qualquer resistência, causou a ruína quase completa da cidade. Em Janeiro de 1941,

um órgão da propaganda nazista muito conhecido, isto é a revista "Signal", estampava uma fotografia de Rotterdam devastada, acompanhando-a da seguinte legenda: "O aspecto da guerra total. Após Varsóvia, Rotterdam não soube tirar a lição de uma defesa inútil contra a aviação alemã. O custo do desafio foi a destruição do coração da cidade". Era a confissão cínica dos dois crimes.

Mais tarde fôram Londres, Coventry e outras cidades britânicas os alvos escolhidos pela aviação tedesca. Os bombardeiros indiscriminados sobre Londres prolongaram-se durante alguns meses, na segunda metade de 1940, especialmente em Setembro e Outubro, quando fôram incessantes. Em 10 de Maio de 1941, ainda houve um grande bombardeio terrorista sobre Westminster Hall, a Westminster Abbey, a torre do Big Ben. Os mortos, quase todos civis, subiram, até aquela data, a muito mais de dez mil.

Em Setembro de 1940, Hitler anunciara publicamente a sua intenção de arrasar as cidades britânicas. No dia 17 daquele mês, o "Völkischer Beobachter" declarava: "O destino de Londres está sendo cumprido com a mesma necessidade lógica com que Varsóvia e Rotterdam pagaram por sua insensata resistência."

O bombardeio de Coventry foi tão devastador que a propaganda do Eixo chegou a criar o verbo *coventrizar* para indicar alegremente o arrasamento de uma cidade por bombas aéreas, sorte de que eram abruptamente ameaçadas outras cidades inglesas.

Em 6 de abril de 1941, a Alemanha inopidamente atacava a Iugoslávia. Antes de qualquer declaração de guerra, desencadeava ela um bombardeio formidável sobre Belgrado, que dias antes fôra declarada cidade aberta e que, por isto, ao se iniciar o ataque, não dispunha de defesa alguma anti-aérea. Ao amanhecer daquele dia, uma formação de 270 a 300 bombardeiros de diversos tipos atacava a cidade, enquanto tropas alemãs estavam em marcha para invadir a Iugoslávia de três lados, ao mesmo tempo. O primeiro bombardeio de Belgrado, efetuado com bombas incendiárias e explosivas, durou duas horas. Dois outros ataques foram feitos no mesmo dia, cerca das 12 e das 15 horas, mais mortíferos do que o primeiro. Segundo informações de um professor da Universidade de Belgrado, ex-presidente da Cruz Vermelha sérvia, teria havido, no primeiro dia, 28 mil mortos, além de milhares de feridos, dos quais morreram 4 mil nos dias subsequentes. Outras informações pretendem que esses algarismos estão muito aquém da realidade.

Esses exemplos são bastante eloquentes e parecem despensar a indicação de outros.

Convém, entretanto, acrescentar que não foi apenas contra as cidades que se desencadeou a furia aérea teutônica. Os refugiados, que

Dois outros ataques foram feitos no mesmo dia, cerca das 12 e das 15

enchiham estradas da Polonia, da Belgica, e da França, foram muitas vezes alvos das metralhadoras dos aviões alemães.

Além disto, navios mercantes não comboiados, navios de pesca, navios-faróis e até faróis fixos fôram também, desde o começo da guerra, atacados desapiedadamente pela aviação germânica. Já em Março de 1940, por exemplo, era assim afundado o navio "Domala", da *British Indian Line*, afundamento que acarretou a morte de cem passageiros e membros da tripulação.

## VI. — CONCLUSÃO

Os casos acima referidos, as doutrinas atrás mencionadas mostram claramente a quem cabem responsabilidades pela grande propaganda dos bombardeios aéreos, sob formas, na verdade, tremendas.

Em 10 de Maio de 1940, quando a Alemanha, após as destruições praticadas na Polonia e depois da invasão da Noruega, Holanda e Belgica, tinha já levado a efeito numerosos bombardeios aéreos indiscriminados, o governo britânico, referindo-se à sua declaração feita no começo da guerra, anunciou que se reservava o direito de tomar medidas adequadas, na hipótese de populações civis na Grã-Bretanha na França ou em países auxiliados pela Grã-Bretanha, serem bombardeados pelo inimigo. Em todo caso, dias depois, a 18 do mesmo mês, reafirmou o seu propósito de que, fosse qual fosse a política da Alemanha a esse respeito, a Grã Bretanha não recorreria a bombardeios dirigidos exclusivamente contra populações civis.

De facto, apesar de ter sido vítima de crueis bombardeamentos, apesar de lhe ser lícito recorrer ao uso de represálias, — terríveis sem dúvida, mas justificadas como única resposta talvez aos abusos flagrantes de um inimigo sem escrúpulos, — a Grã Bretanha tem procurado, com os seus bombardeios aéreos, cingir-se a objetivos materiais úteis para a guerra.

Evidentemente, nem sempre é possível, num bombardeio aéreo, nas condições atuais da técnica da guerra, evitar danos involuntários a objetivos, não previstos. Ainda que dirigidos de boa fé contra objetivos puramente militares, ele atinge muita vez populações civis, obras de art., séculos de civilização. Por isto mesmo é que, por sentimentos de humanidade, julgamos aconselháveis a abolição desse método de guerra, quando terminar o presente conflito.

A nosso ver, com efeito, seria desejável que ao fim desta colossal guerra se adotassem firmemente, como obrigação universal, o princípio da abolição dos bombardeios aéreos. Mas que a essa obrigação sejam constrangidos a ligar-se, em primeiro lugar, — tanto pela assinatura quanto pela supressão dos meios materiais de ação que poderiam tornar vazio o compromisso, — aqueles que atearam o incêndio da presente conflagração, na Europa e na Asia, e iniciaram, com a sua prática e com as suas doutrinas, o sistema dos ataques aéreos contra cidades abertas e populações civis. — (Jornal do Comercio — 11. VII. 943).

# A Engenharia Militar no Brasil

Ten. Cel. *LIMA FIGUEIREDO*

Quando para cá vieram os portugueses, trataram, incontinenti, de fortificar o país que o almirante Alvares Cabral descobrira para a corôa de D. Manuel. Foram peritos em procurar os pontos nevralgicos do litoral e em defendê-los, valentemente, valendo-se dos métodos de fortificação e do armamento coêvos.

Acompanhando o avanço para o oeste, engenheiros militares iam realizando levantamentos e observações astronômicas, de maneira que, em cartas, fosse representado o terreno que iam palmilhando. Esses desbravadores geralmente tinham dupla missão — ocupar a terra e preparar os meios para a sua defesa. Nesse desencargo avulta a figura impar do coronel Ricardo Franco de Almeida Serra que tem seu nome ligado a toda nossa fronteira ocidental e que construiu o forte de Coimbra à margem direita do Paraguai, provando, diante do ataque em força dô inimigo, estar a obra em condições de resistir às investidas de qualquer invasor.

No império os militares foram ainda, só e exclusivamente, empregados na demarcação de limites, sem que contudo, fossem levantadas novas obras de defesa.

A República empregou melhor seus engenheiros militares destinando-lhes a missão de devassar e ocupar o grande vazio que ainda é hoje o nosso "hinterland". Várias comissões foram organizadas para construir linhas telegráficas, estradas de rodagem e ferrovias, ao mesmo tempo que iam implantando, pelo sertão a fora, sementes de cidades — as colônias militares.

Desde a reforma "Benjamin Constant" que academizou o ensino militar, a aspiração de todo jovem militar inteligente

era contemplar o chuveiro de brilhantes coroado por uma bela turqueza, simbolo dum curso difícil que poucos costumavam fazer incólumes das reprovações. Não sei por que os trabalhos entregues à engenharia militar decresceram na razão inversa da produção dos diplomados. Houve um tempo em que só a Comissão Rondon, com um punhado de abnegados, continuava a descobrir o Brasil, rasgando a única comunicação terrestre que atualmente possuímos, ligando o sul ao norte do país: o picadão da linha telegráfica de Cuiabá a Porto Velho. Os técnicos de nomeada, na maioria dos casos, iam para o professorado ensinar a meninos nos Colégios Militares e na Escola Militar.

Foi no Governo Washington Luis que os batalhões de engenharia voltaram a ser empregados na construção de estradas de rodagem. O Dr. Getúlio Vargas esposou o mesmo programa e deu-lhe mais amplo desenvolvimento. Hoje a engenharia militar trabalha nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Pernambuco e nos territórios do Iguaçú, de Ponta Porã e do Guaporé.

Muitas outras obras poderiam ser entregues ao Exército, como sucede em outros grandes países. Obras de desentulhamento e canalização de rios, construção de cais para os portos, aproveitamento de quedas d'água para a produção de energia elétrica, trabalhos de irrigação, trabalhos de engenharia sanitária e muitas outras de que o Brasil precisa para poder desenvolver-se e tornar-se forte, afim de que possa livrar-se do ganho das nações imperialistas.

Para isso era mistér que a engenharia militar tivesse uma grande reserva constituída de engenheiros civis, que adquiriram a prática inicial no Exército, em trabalhos de grande alcance nacional. Firmas de reconhecida idoneidade técnica seriam, também, arroladas para essa obra de preparação do movimento das nossas riquezas.

A engenharia militar está, hoje, dividida em duas partes distintas, uma, TÉCNICA, formada pela Escola Técnica do Exército e, outra, MILITAR, recrutada na Escola Militar. A

primeira acha-se orientada para a especialização, tanto assim que ha cursos de construção, de eletricidade, de metalurgia e armamento, etc. A segunda é constituida pelos oficiais da arma de engenharia, preparados para executarem as missões de campanha nos diferentes setores da arma: transmissões, pontes, organização do terreno, destruições, minas, estradas de ferro e de rodagem, instalações de toda espécie, captação, tratamento e distribuição de agua.

As obras feitas pelos técnicos são do tempo de paz e caracterizam-se pela solidez. As obras executadas pelos "troupiers" são do tempo de guerra e têm como principal característica a rapidez da execução.

Na formação da reserva de engenharia, o Exército põe à disposição dos civis a Escola Técnica do Exército e os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva. Aquela aproveita engenheiros já formados, afim de especializá-los num determinado ramo da técnica, êstes fazem, de rapazes ainda não formados, com conhecimento do ensino secundário, oficiais subalternos da arma de engenharia. Uns e outros poderão ser empregados no grande plano da construção nacional. Os primeiros formarão na direção, formando uma espécie de estado-maior e os segundos enquadrarão a mão de obra. Esta poderia ser numerosa se fossem aproveitados os reservistas que o exército licencia anualmente. Antes de mais nada convém dizer que os provenientes do campo, os agricultores, seriam dispensados. Os recrutados nas cidades que viviam mais ou menos ao Deus dará, estes sim, seriam encaminhados às turmas de trabalhadores, tendo um emprêgo garantido ao terminar seu tempo de serviço.

Tenho observado que rapazes sem cultura, após sua passagem pelas casernas, não querem mais voltar às profissões rudes donde provieram, ambicionam colocações onde possam trabalhar de colarinho e gravata. Muitos oriundos do sertão apegam-se às cidades, desfalcando o contingente de braços daqueles que devem trabalhar a terra. Para isso deve haver um órgão regulador, não para restringir a liberdade do indivíduo,

mas para evitar que nos centros urbanos se enquistem multidões de malandros.

Os Estados Unidos têm o "The Civilian Conservation Corps" — recrutado, equipado e organizado em companhias pelo Exército.

O objetivo do C. C. C. é dar emprêgo e utilizar os jovens sem ofício, os veteranos da guerra e os índios em obras públicas úteis, "em ligação com a conservação e desenvolvimento dos recursos naturais dos EE.UU., seus territórios e possessões insulares." Entre os multifários serviços que estão afetos ao C. C. C. destacam-se o florestal e o de proteção contra a erosão causada pelas chuvas e contra as inundações.

A engenharia militar americana tem um quinhão apreciável no progresso da terra de Lincoln. "Durante os anos de expansão nacional, o Corpo de Engenheiros inspecionou fronteiras, empreendeu quase todas as explorações preliminares, construiu estradas e trilhas conduzindo para o Oeste, construiu pontes e canais e fez levantamentos topográficos e cartas das novas terras. Construiu e administrou faróis. Construiu arsenais, alfândegas e repartições postais e muitos edifícios do Governo e obras públicas em Washington, inclusive o Capitólio, o Monumento de Lincoln e Ponte Monumental e o Aqueduto Washington. Construiu o Canal Chesapeake & Ohio e o Canal Erie. Completou o Canal de Panamá. Engenheiros do Exército fizeram o levantamento, construiram e mesmo dirigiram as primeiras estradas de ferro, tais como a Baltimore & Ohio, a Erie, a Boston & Albany, e foram em grande parte responsáveis pelo acabamento das primeiras linhas transcontinentais. Contudo, nos últimos anos, o trabalho do Corpo de Engenheiros tem sido principalmente dedicado a medidas de controle das inundações e ao melhoramento da navegação nos rios e portos."

Nessas obras civis são empregados oficiais de engenharia da ativa e da reserva. Os primeiros não podem passar, nesses serviços, dum só vez, mais de 4 anos consecutivos, entretanto alguns dispendem mais da metade de sua vida militar em vários períodos de 4 anos. Em 1939, havia no C. C. C. 240

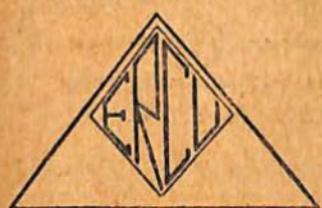
oficiais e 35.000 empregados permanentes civis. Este último efetivo chegou, certa vez, a 80.000.

Alem disso está entregue aos engenheiros militares americanos todo o serviço de transmissões radiotelegráficas no Alaska. "The Alaska Communication System" dirige 21 estações de rádio que coletam o serviço de mais de duzentas outras instaladas em várias povoações, nas fábricas de conservas de peixe, nos campos de mineração, nos serviços de corte de madeira, etc. Empregam em todo esse serviço: 4 oficiais, 2 sargentos, 187 soldados e 4 funcionários civis.

Pelo exposto vemos como o Exército pode pagar, de modo inteligente, grande parcela do que a Nação lhe dá. Bem poderíamos tentar fazer no Brasil o mesmo ou coisa parecida. Poderíamos, de inicio, ficar com a conservação da rede rodoviária e ferroviária e dos trabalhos de portos, rios e canais. Seria um bom começo.

Ha dias um grupo de engenheiros solicitou do Ministro da Guerra um ato, pelo qual pudessem ingressar no Exército como oficiais, sendo-lhes dispensadas as exigências de cursar a Escola Técnica do Exército ou os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva. Seria uma bôa oportunidade para encarrarmos o assunto, aproveitando êsses engenheiros em batalhões de trabalhadores à guisa do C. C. C. americano.

A grandeza do Brasil está nas mãos dos engenheiros e, como a tarefa é colossal, será medida sábia reunir, num só bloco, os paisanos e os fardados.



**Sirenes elétricas, manuals e completo equipamento dos abrigos anti-aéreos, exigido pela Diretoria N. S. Defesa Civil. Fabricação especial de acordo com as exigências da Diretoria Nacional do Serviço de Defesa Civil.**

Material para Corporações Militares inclusive—pistolas e cartuchos de sinalização luminosa tipo regulamentar do Exército. Equipamentos, Arreios, Camas-padiola Conjugaça para alojamentos militares e hospitalares. Maquinas carregadoras de metralhadoras «Madsen».

**Herculano Coimbra & Filho**

RUA BUENOS AIRES, 79—1º ANDAR  
Tel. 23-2326 — Teleg. "Coimbra" — C. P. 2096  
RIO DE JANEIRO



## Trevo de Quatro Folhas

O trevo da felicidade pode ser encontrado pelo seu próprio trabalho, na construção de um sólido futuro para os seus. E o seguro de vida, na Sul América, é a melhor garantia de tranquilidade futura, para o Sr. e para os seus. Consulte o Agente da Sul América, sem compromisso, para saber qual o plano de seguro que mais se adapta ao seu caso particular.



## Sul America

Cia. Nacional de Seguros de Vida  
Fundada em 1895



## O orador

Quem não está habituado a falar em público e é obrigado a fazê-lo, facilmente se perturba e perde a calma e a naturalidade precisas para que a sua oração seja ouvida com prazer. É aconselhável, em oportunidades tais, tomar um ou dois comprimidos de ADALINA, que agem suavemente sobre o sistema nervoso, restabelecendo-lhe a normalidade.

ADALINA é um produto Bayer.

## ADALINA



CALMANTE DOS NERVOS  
SUAVE E IMOFENSIVO

# A CAVALARIA MODERNA

V

## A D. C. hipomóvel

Pelo Ten.-Cel *Arthur Canaúba*

Podemos admitir que a D. C. hipomóvel compreenda, além do seu Q. G. e dos elementos de engenharia, transmissões, etc., 2 Bdas e 2 ou 3 grupos de art. a cavalo.

Trata-se duma Divisão muito aligeirada.

Em certos casos, entretanto, ela poderá receber reforços: unidade de infantaria motorizada, de artilharia automóvel, etc., tiradas da "Reserva Geral".

Tudo depende das circunstâncias...

Como sabemos, nesse domínio, não há regras rígidas nem esquemas.

E' preciso examinar cada caso e dar-lhe a solução mais adequada e lógica.

Acreditamos que êsse tipo de Divisão, que corresponde à fase de transição que atravessamos a que já nos referimos nos nossos artigos anteriores, terá de ser conservado, entre nós, ainda durante muitos anos.

Longe estamos da' fase final duma cavalaria totalmente moto-mecanizada!...

As nossas D. C. hipo devem merecer, portanto, todo o cuidado, já quanto à sua organização, já quando a sua instrução.

*O problema da remonta* continua a ser uma das magnas questões da nossa arma.

E os nossos oficiais não devem ser especializados.

Servirão, ora nas unidades hipo, ora nas couraçadas ou moto-mecanizadas.

Impõe-se um rodízio...

Só haverá uma ARMA e um só ESPIRITO deve animá-la...

O mesmo espírito que animou os Murat, os Andrade Neves, os Osório e os Leovegildo de Paiva!...

Recife, 26-4-44.

# THORNYCROFT

MECÂNICA E IMPORTADORA, S. A.

RIO DE JANEIRO

RUA SANTA LUZIA, 405

TELEFONE: 22-7776

AMBULÂNCIAS	*	FILTROS PARA ÓLEO
AUTOMÓVEIS - CAMINHÕES		MOTORES ELÉTRICOS
POSTOS DE LUBRIFICAÇÃO		ROLAMENTOS - MANCAIS
APARELHOS PARA PINTURA		EIXOS, POLIAS, CORREIAS EM "V"
TINTAS E VERNIZES		LANCHAS, MOTORES MARÍTIMOS
INSTALAÇÕES PARA GARAGE, INSTRUMENTOS NÁUTICOS		
AVIÕES — INSTRUMENTOS PARA AVIAÇÃO		
CAVALOS MECÂNICOS E REBOQUES		
MAGNETÓS, VELAS E BATERIAS		

\*

## SÃO PAULO

ALMOXARIFADO:

Rua Marquês de Abrantes, 102

Tel. 25-5313

RUA PEDROSO, 238

Telefone: 7-3751

DEPÓSITO:

Rua Senador Vergueiro, 137

Tel. 25-5480

# S. A. Industrias Reunidas Marchionatti

End. Telegráfico "SAIREMA" — Cruz Alta — Rio G. do Sul — Brasil.  
 PANIFICAÇÃO MECÂNICA, com forno contínuo a vapor e maquinários ultra-modernos. — FABR. DE MASSAS ALIMENTÍCIAS, de diversos tipos branca, amarela, cortada, semola, talharim e past. com ovos. — FABR. DE BISCOUTOS, BOLACHAS E BOLACHINHAS FINAS de todos os tipos e qualidades.

# O EMPRÉGO DAS UNIDADES DE DESTRUIDORES DE CARROS

Pelos Ten. Cel. G. S. Meloy, Jr. e Maj. Joseph Sill, Jr. (1)

Tradução e adaptação do Capitão  
*JOSE BEZERRA PESSOA*

A idéia básica Americana referente aos Destruidores de Carros nada tem de novo ou original. No entanto, seu emprêgo correto no combate bem poderá determinar nova oscilação do eterno pêndulo da guerra. Empregaram-se unidades de Destruidores de Carros há mais de 500 anos. Antes da Batalha de Crecy as vanguardas de muitos ataques vitoriosos dos francêsos travados contra os inglêses, eram constituídas de massas de forças poderosamente couraçadas. O "tank" francês, daquela época, era constituido pelo combatente montado.

Os cavaleiros antigos e os carros modernos têm muitas características idênticas. Poderosa armadura protegia virtualmente, contra todas as armas da época, o cavaleiro que era dotado de considerável mobilidade e tremenda potência de choque. Mas, como o carro tinha também seus pontos fracos. Encerrado em sua armadura, com a viseira baixada, e a deslocar-se no campo de batalha, ele podia ver quase o mesmo que podeis enxergar através do buraco da fechadura de uma porta oscilante e com alguém a aplicar-vos pontapés. Seu meio de propulsão, o cavalo, era tão vulnerável como o trem de rolamento do carro de combate moderno. Uma vez a pé o cavaleiro perdia a dexteridade e facilidade de movimentos.

Que fizeram os Ingleses em Crecy para deter e destruir esses monstros couraçados que então dominavam a Europa?

Fizeram justamente o que stamos fazendo e aconselhando hoje. Criaram uma arma dotada de alta mobilidade, fogo rápido, e grande poder de penetração, isto é, o famoso arco longo inglês. Deram a essa arma grande mobilidade tática colocando-a nas mãos de rústicos cavaleiros ingleses, sem armadura a lhes dificultar os movimentos e reduzir a visibilidade. Afinal, a êsses arqueiros foi dada a única missão que se atribue atualmente aos Destruidores de Carros: — destruir carros de combate.

Quando as fôrças couraçadas francêses atacaram em Crecy, e como sempre, derramaram-se sobre a infantaria inglêsa, de maneira idêntica à água através das malhas de uma rede, os Destruidores de Carros Inglêses contra-atacaram. De cada dobra ou coberta do terreno, êles desencadearam uma massa de projéteis perfurantes contra os flancos das vanguardas de cavaleiros. Então, antes de os cavaleiros couraçados francêses terem tempo de mudar de frente e fazer face à ameaça, êles trocaram de posição e levaram seu ataque ao objetivo. Antes do anoitecer os senhores couraçados da Europa foram esmagados para não mais se reerguerem, até o advento do carro de combate moderno. O armamento superior em poder de penetração e potência de fogo, e a maior maneabilidade — fogo e movimento — conquistaram, como o farão de novo nossos Destruidores de Carros quando devidamente empregados contra as forças couraçadas do EIXO.

### MISSÃO

Nosso exército criou seriamente o conceito que os Destruidores de Carros destinam-se a pôr os carros fóra de combate mediante o emprêgo de unidades dotadas de armamento de grande poder de penetração e caracterizadas pela manobra audaciosa e agressiva. O Btl. de Destruidores de Carros foi organizado especialmente para êsse fim — trata-se de uma unidade especializada cuja única missão principal é procurar e destruir os carros. Os Batalhões de Destruidores de Carros não devem ser destraídos para outra qualquer missão; não podem nem se destinam a combater contra poderosas fôrças de infan-

taria, cavalaria ou artilharia, e seu equipamento não lhes permite atuar dessa maneira. Sua missão é combater carros, e para cumpri-la com bom êxito devem normalmente contar com o apôio das demais armas para protegê-los contra outros elementos (não os carros).

Em virtude de sua missão de destruir carros de combate, não a de conquistar e conservar terreno, os objetivos dados aos Destruidores de Carros diferem normalmente dos atribuídos às demais armas. Os objetivos dos Destruidores de Carros não podem ser acidentes do terreno; devem ser constituídos pelas fôrças moto-mecanizadas inimigas, os próprios carros, e não locais onde podem ocasionalmente estar os carros em dado momento, e não no seguinte.

Os carros em uma posição de reunião ou em deslocamento podem constituir objetivo adequado aos Destruidores de Carros. Para alcançar tais objetivos, em território inimigo, os Destruidores de Carros terão necessidade do apôio de outras armas que lhes abrirão passagem. Um ataque ou penetração mecanizada pode constituir um objetivo para os Destruidores de Carros; na verdade, são objetivos convenientes: — uma formação moto-mecanizada inimiga em preparativos para se lançar ao ataque, durante a ação, reorganizando-se após um ataque, operando uma retirada, lançando-se na exploração de uma rutura, ou em apôio de outras unidades inimigas de ataque. No entanto, os Destruidores de Carros deverão ser sempre lançados contra carros, objetivos móveis, que terão de ser atacados mediante a combinação do fogo e movimento.

### NORMAS DE EMPRÉGO

Contra tais objetivos o Batalhão de Destruidores de Carros pode ser lançado contra a testa, os flancos, e a retaguarda. Poderá atacar a testa, em seguida os flancos, e após a retaguarda de uma fôrça moto-mecanizada. Poderá atacar sucessivamente êsses pontos, fixando um enquanto ataca o outro. Poderá também atacar os três pontos simultaneamente. O modo de

ação a adotar dependerá do valor das unidades empenhadas. Um Batalhão de Destruidores de Carros tem meios para atacar uma companhia de carros simultaneamente de três pontos, ou ainda um Batalhão de Carros em terreno particularmente favorável. O Grupo de Batalhões de Destruidores de Carros deve operar de maneira idêntica contra um Batalhão de Carros, ou mesmo, em condições favoráveis, um regimento de carros.

A fim de tirar o partido de sua mobilidade, os batalhões de destruidores de carros são mantidos inicialmente em posições desenfiadas, bem à retaguarda, que lhes permitam tirar o máximo partido da rede de estradas para se lançarem em massa em quaisquer direções em larga frente. À proporção que se obtenham informações precisas e oportunas, e seja possível localizar a ameaça mecanizada inimiga, êles concentram seus meios, por surpresa, de direção e em hora inesperadas, com velocidade e poderio imprevistos. O emprêgo de uma unidade de destruidores de carros poderá ser comparada ao back do football: — permanece bem à retaguarda até ter certeza a respeito da direção tomada pelo jogo, lançando-se em seguida ao ataque com todas as forças.

Consideremos agora o emprêgo coordenado dos principais elementos do Batalhão de Destruidores de Carros. Vejamos primeiro a companhia de reconhecimento. É o órgão de busca informações do batalhão. Sua missão principal é o reconhecimento contínuo e agressivo, destinado a procurar e manter contacto com a força moto-mecanizada que constitua o objetivo principal de seu batalhão. Sua principal tarefa consiste em manter o comandante de batalhão informado a respeito da localização, composição, disposições e movimentos da força moto-mecanizada inimiga que tenha de ser atacada pelo seu batalhão. Além disso, poderá fornecer ao comandante do batalhão informações referentes a tropas inimigas e ao terreno. Poderá ter de combater para colher informações, mas deve evitar empenhar-se a fundo para não ter de se aferrar ao terreno. E evidentemente, para desempenhar sua missão, a Cia. deve operar sob as ordens do comando do batalhão; quando o esca-

lão superior lhe der outras missões, o batalhão de destruidores de carros poderoso e manobreiro fica cego e inutil.

Durante a aproximação a companhia de reconhecimento pode ser empregada para reconhecimento de um itinerário, área ou zona. Seu emprêgo normal será no reconhecimento de uma zona. No desempenho desta missão poderá ser lançada em quaisquer direções de 3 a 15 milhas na frente nos flancos — à distância máxima quando a ameaça inimiga for vaga e remota, à mínima quando o inimigo tiver sido localizado precisamente e na iminência do contacto. À noite, quando o reconhecimento montado servirá antes para fornecer ao inimigo do que para buscar informações, a companhia de reconhecimento poderá ser empregada para estabelecer uma linha de postos de escuta constituídos de elementos a pé; poderá ser trazida à retaguarda para cooperar na segurança imediata do batalhão; poderá juntamente com outros elementos do batalhão, tomar parte em incursões contra posições de reunião e outras instalações de unidades de carros. Entretanto, durante o dia, a tarefa de reconhecimento da companhia é de importância vital. A companhia deve ter todo o repouso durante a noite.

No combate a companhia de reconhecimento pode ser empregada: como isca para atrair os carros inimigos à posição em que está instalado o batalhão; para realizar a proteção dos flancos do batalhão; para reconhecer os flancos inimigos ou itinerários de utilização prevista; para estabelecer barricadas para restringir a capacidade de manobra inimiga; para cooperar na segurança de posições de reunião, de reagrupamento, ou zonas da retaguarda.

Um dos mais importantes elementos da companhia de reconhecimento é o pelotão de pioneiros. Sua missão principal é facilitar os movimentos rápidos do batalhão. Repara estradas, reforça pontes, constroe desvios, reconhece estradas, faz tudo o que for possível para facilitar e tornar mais rápidos os movimentos dos elementos de combate. Além disso, constroe barricadas, pequenos campos de minas, destroe pontes, dificulta os movimentos do adversário e, destarte, concorre para res-

tringir as possibilidades de manobra do inimigo e aumentar a mobilidade do batalhão. O reconhecimento adequado e a eficiência dos pioneiros, concorrem para que os engenhos cheguem a tempo ao local escolhido e ampliam a aptidão do batalhão para o ataque pelo fogo e movimento — e ampliam a capacidade de manobra de batalhão.

A companhia de destruidores de carros forma a espinha dorsal do batalhão; constitue seus órgãos de fogo. Sua missão é destruir carros. Os demais elementos do batalhão só têm uma missão: — criar condições que permitam o emprêgo, em boas condições, da potência de fogo que caracteriza as companhias de destruidores de carros.

A unidade básica de fogo na Companhia de Destruidores de Carros é a seção, constituída de 2 canhões automóveis, de 3 polegadas e um canhão automóvel, anti-aéreo, e um grupo de segurança compreendendo duas viaturas blindadas, de  $\frac{1}{4}$  T. Unicamente em condições excepcionais a seção será desmembrada. Só em raras ocasiões, quando a companhia (ou batalhão) age isolada e tem de atravessar desfiladeiros, as peças anti-aéreas ficam separadas dos canhões contra-carros seus companheiros. Os Destruidores de Carros devidamente empregados em massa, Grupos de Batalhões e Brigadas, as unidades superiores solicitarão dos C. Ex. a defesa desses desfiladeiros, deixando que o material anti-aéreo, orgânico, permança junto às duas peças das seções de destruidores de carros.

O pelotão de destruidores de carros é constituído de duas seções idênticas às mencionadas às quais se agrupa uma seção extra. O grupo de segurança é empregado para a proteção da seção destruidores de carros contra pequenos elementos de infantaria adversária.

A companhia de destruidores de carros comprehende três pelotões e uma seção extranumerária. Quando a companhia atua isolada ou em desempenho de missão especial, tem normalmente à disposição um pelotão de reconhecimento. Durante a progressão, esse pelotão agrupado a um pelotão de destruidores de carros, constituirá a vanguarda do batalhão. Ao se en-

trar em contacto com elementos moto-mecanizados inimigos os pelotões de reconhecimento passam para a reserva; podem ser empregados para a proteção dos pelotões de destruidores de carros contra fôrças moto-mecanizadas ligeiras; poderá receber missão de reconhecimento de combate poderá tambem ser empregado para fustigar os flancos inimigos ou dificultar-lhe a retirada.

Quando o inimigo tiver sido definitivamente batido e a situação estabilizada, os três pelotões serão empregados simultaneamente para se obter o efeito de surpresa produzido pela concentração violenta de fogos. Em tais circunstancias, o batalhão poderá conservar de inicio uma companhia em reserva, sendo que as companhias empenhadas não deixarão de empregar toda a potência de fogo disponivel. Outrossim, em situações ainda não esclarecidas um comandante de companhia poderá manter um ou dois pelotões em reserva até que a situação se tenha esclarecido. No entanto, sempre que surgirem as oportunidades previstas, os comandantes de Cia. e Btl. empregarão todas as suas armas para obter resultados decisivos.

No emprêgo da Companhia de Destruidores de Carros só há um ponto a ser posto em relêvo: — é o mesmo ponto a acen-tuar no que toca ao emprêgo de quaisquer elementos de destruidores de carros, desde a seção até a brigada. Os Destruidores de Carros não se destinam a travar luta estática com os carros. A Companhia de Destruidores de Carros é dotada de grande potência de fogo e mobilidade: deverá empregar estas duas características. Deve combater sem perder sua mobilidade, mediante mudanças constantes de posição das peças e ataques continuos pelo fogo. Os Destruidores de Carros não empregam a ação de choque; no entanto, devem atacar sempre pelo fogo e movimento.

### O TERRENO

Em virtude de sua grande mobilidade, as unidades de destruidores de carros sofrem, de maneira particular, a influência do terreno. Conforme seja o terreno utilizado, constituirá êle

sempre amigo ou inimigo. O terreno inadequado, bem como o propício, deve ser aproveitado de molde a trazer os carros e combater em regiões difíceis ao passo que os destruidores de carros manobram nas zonas favoráveis. E' então que se deve tirar todo o partido da mobilidade dos destruidores de carros; empregam a própria mobilidade para combater em terreno de sua escolha, e nesse terreno aproveitam ao máximo sua mobilidade. Em resumo, eis o que buscam os destruidores quando elegem o próprio campo de batalha: espaço amplo para manobra, livre de obstáculos que lhe possam restringir a mobilidade, possibilidades de bloquear a manobra dos carros, desenfiamento, disfarce, facilidades de observação e de campos de tiro, estradas de acesso à posição e que dela desemboquem. Em outros termos, os Destruidores de Carros usam sua mobilidade para combater em terreno que tire a liberdade de movimentos ao inimigo e ao mesmo tempo crie condições que aumentem o próprio poder ofensivo, facilitando-lhe a combinação do fogo e movimento.

Não só o terreno mas o espaço aéreo sobre esse terreno exerce considerável influência na aptidão de uma Unidade de Destruidores de Carros para o deslocamento e tiro. O domínio do ar facilita consideravelmente o emprêgo das Unidades de Destruidores de Carros. Quando o desenfiamento das vistas aéreas não constitue a preocupação primordial o movimento torna-se mais rápido e ampliam-se as possibilidades de manobra. Entretanto, os Destruidores de Carros podem operar sem o domínio do ar, que unicamente torna as operações mais fáceis, flexíveis e eficientes. Mesmo sem êle, os Destruidores de Carros ainda conservam vantagens sobre os carros no que toca aos dois fatores de bom êxito no combate — fogo e movimento.

A cooperação dos Destruidores de Carros com as outras armas e a força aérea é usualmente necessária ao bom êxito no emprêgo dos referidos engenhos. Os grandes ataques de carros serão invariavelmente acompanhados de poderosas forças de infantaria e artilharia. As unidades de Destruidores de Carros,

especialmente preparadas para o desempenho de uma missão específica, dispõem unicamente do equipamento necessário ao combate contra grandes formações de carros de combate. Em consequência, é óbvio que as Unidades de Destruidores de Carros serão quasi sempre empregadas em ação conjunta com outras armas. Muitas missões atribuidas aos Destruidores de Carros levarão os escalões superiores a colocar à disposição de Grupos de Batalhões de Destruidores de Carros elementos de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia. Uma missão que comporte penetração profunda em território inimigo visando o ataque de posições de reunião ou instalações de unidades de carros poderá aconselhar a constituição de um agrupamento tático, talvez pequeno agrupamento moto-mecanizado que tenha por núcleo grupos de batalhões de destruidores de carros. A única missão desses elementos será abrir caminho para os Destruidores de Carros e acompanhá-los até seu objetivo. Reciprocamente, as outras armas não podem dispensar o apôio dos Destruidores de Carros para cumprirem suas respectivas missões. Na verdade, é difícil imaginar um agrupamento tático, qualquer agrupamento tático equilibrado, organizado na época atual, sem contar com o apôio de Destruidores de Carros. Volvamos mais uma vez ao princípio fundamental. O bom êxito no emprêgo de Destruidores de Carros depende da ação combinada do fogo e movimento; o emprêgo dos Destruidores de Carros em ação conjunta com outros elementos amplia-lhes a possibilidade de se deslocarem e manobrarem seus fogos contra seu único objetivo — os carros inimigos.

## SUMÁRIO

O emprêgo de unidades de Destruidores de Carros parece implicar em uma larga gama de assuntos: — deslocamentos de grande amplitude; operações em largas zonas; emprêgo de armas numerosas e variadas; ação coordenada à da força aérea e das demais armas. Contudo, os princípios fundamentais são simples e claros. Os Destruidores de Carros destinam-se a um

único fim: destruir carros de combate. Para destruir êsses engenhos os Destruidores de Carros devem procurá-los, atuar ofensivamente, procurar sempre atacar, mesmo quando estiverem à disposição de grandes unidades na defensiva. Em virtude de terem de operar ofensivamente, assumem a iniciativa, podem e devem escolher o terreno mais favorável à sua ação, onde lhes seja possível manobrar com vantagem e concentrar os fogos de todas as armas disponíveis. Tudo isso pode condensar-se em cinco palavras: ATACAR PELO FOGO E MOVIMENTO.

**Britadores — Peneiros — Conjuntos transportáveis — Máquinas para construção: predial, rodovias, pontes e represas, instalações de Trituração e separação de pedras e minérios; britadores, aparelhos de levantamento e transporte de materiais; compressores de ar; material Decauville; motor-bombas de toda espécie.**

**ALFREDO KAUFMANN**

RIO DE JANEIRO — AV. BEIRA MAR, 165 — Telefone: 42-5218 — Tel.: JAYBEEBEE

## A Amazônia no Panorama Brasileiro

A Associação Comercial do Amazonas reuniu, numa bela "plaquette" os discursos proferidos por ocasião da inauguração, no Rio, da sua Delegacia Geral.

Merece aplausos a iniciativa, porque, realmente, não deveriam ficar nas páginas efêmeras dos jornais os três curiosos trabalhos dos srs. Hannibal Porto, João Daudt de Oliveira e Interventor Alvaro Maia. Sobretudo os dois últimos trabalhos, analisando o panorama econômico nacional e o papel da Amazônia no extenso quadro, merecem não só a sobrevivência nos capítulos de um livro, como a leitura de quantos se interessem pelo conhecimento dos valores brasileiros.

# SERVIÇO de REEMBOLSO POSTAL

---

A DEFESA NACIONAL, visando facilitar aos seus sócios e assinantes a aquisição de livros — militares ou não — à venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu, na sua Secção de Publicações, o serviço de ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.

Os livros solicitados serão remetidos mediante o simples pedido, e o pagamento feito na agência postal da localidade onde se encontra o destinatário, na ocasião da encomenda.

As despesas relativas ao SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO, serão incluídas no valor do pedido.

A toda encomenda acompanhará a fatura respectiva.

Para facilidade do serviço, os pedidos devem ser feitos nesta ficha.



*Este número publica a relação dos livros à venda na Secção de Publicações de A DEFESA NACIONAL.*

*Em...../...../.....*

*Sr. Diretor de Publicações*

*de "A DEFESA NACIONAL"*

**CAIXA POSTAL 32**

**Ministério da Guerra**

**RIO DE JANEIRO**

*Solicito enviar-me, pelo SERVIÇO DE REEM-  
BOLSO POSTAL, os seguintes livros:*

---

---

---

---

---

---

---

---

---

*Nome .....*

*Unidade ou rua .....*

*Cidade .....*

*Estado .....*

# PATRIARCAS & CARREIROS

Por CORIOLANO DE MEDEIROS

(Do Instituto Histórico da Paraíba)

Para a “*Defesa Nacional*”

Numa elegante brochura, impressa nas oficinas da fabrica Beija-Flôr, do Recife, editada pela Revista “Tradição” (c. postal 552 Recife) acaba o escritor potiguar M. Rodrigues de Melo, de publicar valioso trabalho sob o título que serve de epígrafe a estas linhas.

O elevado intuito do escritor se revela neste periodo: “O patriarca sertanejo, durante cincuenta anos incomprendido, despresado, ridicularizado, volta a ser elemento de estudo e comparação para reviver o seu papel de formador e construtor de nacionalidade.”

E’ a reabilitação ou, mais, o despertar de um culto por esses famigerados desbravadores que fincaram os primeiros mourões de currais, lançaram na terra virgem os primeiros germens de nossa agricultura, ergueram os tapumes das primeiras vivendas, traçaram os caminhos das boiadas, edificaram as ermidas em torno das quais semearam as bases das cidades, das vilas ou das povoações dos nossos dias.

E o autor ilustra o seu trabalho nomeando seus herois, os herois do povoamento rio-grandense do norte. “Lidimos senhores feudais foram, entre nós, os donatários, foram os rudes mas honrados sesmeiros — senhores-de-engenho no litoral ou fundadores de currais no sertão”, — afirmativa do Sr. Sérgio Higino na magnifica introdução que faz ao livro em apreço. A medida que vamos encontrando os nomes dos remotos co-

lonizadores do Estado vizinho a que nos referimos, surgem-nos à lembrança os nomes patriarcais dos senhores de Una, de Itapecerica; recordamos os Oliveira Ledo, os Leite de Piancó, os Roteia, do Rio do Peixe, e muitos outros aos quais se ajusta o conceito reivindicador e evocativo de Rodrigues de Melo. É claro: seu estudo, não obstante os traços regionais que o destacam, abrange, toda a região do nordeste.

**CARREIROS** é a segunda parte do suculento livrinho, homenagem carinhosa aos humildes serviços, auxiliares anônimos e inapreciáveis da economia nordestina. E vem à cena o carro de bois agora cedendo lugar aos veículos motorizados arrolando mais de três séculos de continuo labor. Entre nós surgiu conduzindo, em 1585, famílias e utensílios para a fundação da cidade Felipeia de N. Senhora das Neves. Passou às varzeas dos grandes rios da então Capitania; entrou na região acidentada do Brejo; cruzou o Cariri; desceu ao sertão. Multiplicou-se proporcionalmente ao desenvolvimento agrícola. Proprietários houve, nesta Paraíba, cujo número de carros era avultado. Ainda em 1897, o 27.<sup>º</sup> Batalhão, seguindo para Canudos, saltou do trem no Pilar. Dali demandaria Timbauba onde alcançaria a composição que o conduziria ao Recife. A soldadesca começou a lastimar-se pela caminhada a pé, que era obrigada a fazer, uma parte por estrada bem aspera. Surgiu então o vulto esguio e venerável do coronel José Lins, proprietário de vários engenhos, e pôs à disposição do 27.<sup>º</sup> cincoenta carros de bois, vencendo a unidade militar o extenso e penoso trecho, um tanto lentamente, é certo, porém com relativa comodidade.

Também se evidência que o progresso atual ainda não excluiu o carro de bois e ao autor mencionado não escapou o esclarecimento: "... se em verdade o caminhão enxotou-o das estradas gerais do país, auxiliado pelo automóvel, pela estrada de ferro, uma cousa porém não conseguiu fazer: arredá-lo dos milhares de veredas e estradas que cruzam o nosso imenso interior".

Realmente. Na Paraíba, por exemplo cruzada de excelente rodovias o carro de bois continua veiculo valioso. Numa ligeira estatística que organizamos no começo dêste ano, encontramos em 25 municipios 1119 carros de bois e pouco mais de 1000 veiculos motorizados, compreendendo automoveis, caminhões e motociclos. Nas onze comunas restantes, entre as quais figurava, Campina Grande e Mamanguape, talvez não seja exagero atribuir-lhes a existência de umas duzentas dessas viaturas que, com o ritmo de sua musica de frição, embalou, animou o berço de varias gerações dêste trecho do Brasil !

A respeito do carro de bois, no Estado, conhecemos unicamente um artigo de Celso Mariz e opulenta monografia escrita o ano passado pelo Padre Luiz Santiago, contribuição inedita enviada ao dr. Bernardino de Souza que, ha varios anos, trabalho num livro referente ao mencionado meio de transporte. O Estado do Reverendo tem muitos pontos de afinidade com o de Rodrigues de Melo. Este, entrando, se ocupou mais do carreiro, estudando-lhe as superstições, as lendas, as durezas do oficio, as compensações, a vida à frente do carro ou no tratamento dos bois etc.

O autor de "Patriarcas & Carreiros" não é somente um devotado à tradição mas um erudito firmando seus estudos em copiosa e severa documentação espanando o assunto num estilo agradável...

Ao publicista os nossos parabens e o sincero agradecimento pelo exemplar que nos ofereceu.

### **NEPOMUCENO & CIA. LTDA.**

Desde 1918 a 1.<sup>a</sup> casa no gênero. (Fundada pelo falecido industrial Leandro Martins)

### **GUARDA MOVEIS**

Escrítorio: RUA BUENOS AIRES, 140 — Sala n.º 305

(quase na esquina da rua Uruguaiana)

TELEFONE: 43-3226 — NÃO TEM FILIAIS

Armazens: CAMPO SÃO CRISTOVÃO, 6

(prédio próprio) — RIO DE JANEIRO (Brasil)

Longa prática em todos os serviços do ramo. — Conservação, restaurações e embalagens. — Carros fechados para mudanças. — Idoneidade, Zélo e Segurança.

QUEM DISSE QUE  
PESCO SARDINHAS?...  
EU BEBO  
**MALZBIER!**



POR três razões, nestes dias quentes, a Malzbier da Brahma é uma bebida ideal Primeira: é nutritiva, compensa a deficiência das refeições tomadas sem apetite Segunda: é refrigerante, ajuda o organismo a defender-se do calor Terceira: é saborosa, constitue um presente para o paladar. Tome diariamente, por essas três razões, a Malzbier da Brahma a cerveja que alimenta e satisfaz. Beba-a sempre!



# Malzbier DA BRAHM

CIA CERVEJARIA BRAHMA S A BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

# A BATERIA DE 152,4<sup>M</sup>/M

*Major Newton Franklin do Nascimento*

O estudo da bateria pode ser abordado sob muitos aspectos: o tático, técnico, moral, administrativo, o da instrução geral ou peculiar à arma e muitos outros, que seria longo enumerar. Nesse objetivo consiste em tratar o assunto sucintamente e apenas do ponto de vista *organização*, que abrange em síntese aos demais acima citados. Pretendo esboçar algumas considerações em torno do material de 152,4 mm., por ser relativamente novo entre nós e por possuir a dupla missão de agir quer contra objetivos navais móveis, quer contra objetivos terrestres como artilharia orgânica dos altos escalões — *Exército* ou *Corpo de Exército*. São idéias de ordem geral, que tomo a liberdade de apresentar aos oficiais da reserva que estagiaram nas unidades móveis armadas de canhões de 152,4 mm., sendo que alguns desses oficiais já possuem o curso que os especializou na técnica do tiro de costa.

Uma primeira noção pode-se desde já assentar. Essa especialização não deve ser tomada muito ao pé da letra. A guerra moderna é total, faz-se em todas as dimensões e, dum momento para outro, somos levados a atacar seja um objetivo terrestre, seja um objetivo aéreo, ou naval. Antigamente, após o advento da primeira guerra mundial, a artilharia classificava-se de modo diferente do adotado hoje em dia, isso por que não tinham ainda atingido toda a sua plenitude os engenhos ofensivos ou defensivos até então utilizados, isto é, os tanques, os aviões e os navios de superfície com suas diversas classes e tipos. Modernamente procura-se fabricar materiais com características apropriadas aos tiros contra os diversos objetivos que passam surgir na luta, nascendo daí a artilharia anti-aérea, anti-tanque, de costa e de campanha. Isso não impede, por exemplo, que a

artilharia de campanha atue com a de costa, nos casos em que essa colaboração se torne necessária, ou vice-versa, a artilharia móvel de costa venha a agir com a de campanha, quando a situação o exigir. A artilharia anti-aérea, em casos excepcionais, é obrigada a atirar contra objetivos terrestres ou navais, embora esteja equipada especialmente para o tiro contra aviões. Por aí se vê que não se cogita de uma especialização a rigor, mas sim de adaptar o material para bater os objetivos que surgirem no combate.

Ao estudar a organização de qualquer unidade há que distinguir sempre duas partes bem distintas: a do *pessoal* e a do *material*. Ademais, seja qual for o escalão considerado, há que ver, também, três elementos essenciais na composição de uma unidade: — *do comando, da tropa e dos serviços*. Até a peça, que é a unidade elementar por excelência, possue êsses três elementos. Os municiadores e carregadores que, em última análise, alimentam a boca de fogo, trazendo as munições dos respectivos nichos e ajustando-os à câmara de explosão, não representam, no fim de contas, o último elo da longa *cadeia de remuniciamento*, que começa nas fábricas produtoras de munições e termina na linha de fogo, no supremo instante do disparo da peça?

O comandante da peça é em regra um 2.<sup>º</sup> sargento. Trata-se de um material pesado, servido por uma guarnição numerosa (cerca de vinte homens, inclusive motoristas), com muitos meios de transporte e dotação de material bastante numeroso, exigindo isso tudo que o comando seja exercido por um chefe com algum tirocínio, capaz de solucionar todos os incidentes e enfrentar as múltiplas reações que surgem a cada passo.

Como se sabe, o conjunto de quatro peças e demais órgãos que adiante citaremos, constituem o que se chama *linha de fogo*. Há casos, porém, dada a natureza de certos materiais (o de 178 mm., por exemplo, montado e transportado em ferrovia), em que a linha de fogo consta de duas peças somente, sendo a secção o conjunto de dois vagões principais — o da peça e o das munições. Por aí se verifica que em organização não pode ha-

ver soluções rígidas. A situação e os meios disponíveis indicam, para cada caso, caminhos bem diferentes, conquanto lógicos.

Estamos fartos de saber que artilharia de costa é muito vulnerável, mormente aos ataques aéreos, ou mesmo bombardeios navais executados desde as grandes distâncias. Além disso, dada a posição que ocupam na orla do litoral, as unidades costeiras são mui sujeitas ás operações de desembarque, sejam de vulto, sejam simples raides ou golpes de mão (impropriamente chamados "comandos"), no caso de uma invasão vinda do mar. Daí, ser necessário dotá-las de meios de defesa adequados, não só para agir contra aviões em vôo baixo, mas também contra o inimigo que se aproxime do litoral, visando um desembarque para firmar-se em terra. Ao órgão incumbido de fazer a defesa nas proximidades das posições da artilharia de costa dá-se o nome genérico de *secção de proteção*, dotando-se-o de homens e meios suficientes (metralhadoras anti-aéreas, armamento automático, granadas de mão, mosquetões ou fuzis, pistolas ou revólveres e material de defesa contra agentes químicos). Isso tudo que constitue a *tropa* propriamente dita, ou melhor, a *linha de fogo*, fica sob o comando de um 1.<sup>º</sup> Tenente, auxiliado por dois 2.<sup>º</sup>s ditos e consta de:

- quatro canhões.
- serviço de munições (paiões de 1.<sup>º</sup> escalão e de reserva).
- secção de proteção (pessoal e material): defesa anti-aérea, contra golpes de mão e contra agentes químicos.

Para atender às necessidades vitais dos órgãos acima citados, existem os diferentes serviços da Bia. Se analisarmos o étimo do vocábulo, veremos que *serviço* é uma cognata de *servir*, verbo êsse que se origina do *servire* latino e significa a ação de ser útil, prestadio, oportuno e muitas outras coisas mais que não vêm ao caso repisar.

A Bia tem necessidade, para combater e viver, de ser servida por órgãos encarregados de supri-la do seguinte:

- munições.
- higiene, socorro aos feridos e gaseados.
- aprovisionamento em víveres e combustíveis; suprimentos de material; administração, etc.

Para superintender e acionar o conjunto, a bateria tem um comandante, com o posto de capitão. Por sua vez, como o capitão não pode agir à revelia, ele precisa dispôr de órgãos e elementos subsidiários, verdadeiros auxiliares imediatos, que recebem o nome de *órgãos de comando* e que se destinam a tornar a tarefa do capitão proveitosa e eficiente.

Como não é possível, em um só artigo, alongar-me muito nesta parte, veio resumir em poucas linhas os elementos de comando de uma Bia. de 152,4 mm:

- *turma de direção de tiro*, equipada com aparelhagem para o tiro contra objetivos navais móveis e que trabalha no posto de direção de tiro;
- *turma de levantamento*, encarregada de dar em intervalos de tempo sucessivos e uniformes, a localização exata do objetivo em relação à bateria;
- *turma de observação*, incumbida de observar os tiros da bateria em relação ao objetivo, quer em direção, quer em alcance;
- *turma do posto de comando*, de onde o capitão observa e dirige pessoalmente o tiro, dá suas ordens e verifica sua execução;
- *rêdes de transmissões*, constituidas de diversas linhas especializadas, tendo em vista o funcionamento harmônico e eficiente do conjunto e assim denominadas: de comando, de tiro, de intervalos de levantamento e de segurança.

O posto de direção de tiro é também chamado de câmara de tiro. Não há mal algum em chamar-lo de um ou outro nome, pois o essencial é que esse órgão, de importância capital, fun-

cione com precisão em qualquer situação e, para isso, esteja perfeitamente aparelhado. Mas, por uma simples questão de analogia, poder-se-á também chamá-lo de posto de direção de tiro, como já se faz ao P. C., P. O. e P. L.

E, para finalizar esta arenga fastidiosa, desejo focalizar uma última noção. Destinada a agir tanto na costa como na campanha, a bateria de 152,4 mm. é dotada de material topográfico e de observação necessário às duas modalidades de missões. É a unidade básica do tiro e só excepcionalmente é unidade tática e isso, apenas, quando agir isolada, ou quando as ligações com o grupo estiverem interrompidas.

Servida por homens que pensam e, portanto, homens que têm alma, coração e cérebro, é a bateria, acima de tudo, o reflexo de seu comandante e de seus quadros.

Aqui, como alhures, se adapta perfeitamente o velho aforismo regulamentar de que a tropa é o índice mais seguro do valor de seus oficiais. Não é sem razão que o R. I. S. G. afirma sem ênfase, porém com profunda sabedoria, que o comando da bateria é o que se chama a *verdadeira escola de comando*.

Isso traduz muita coisa e fornece muitas conclusões. Entre outras lições, o comando da bateria ensina a quem o executa de verdade, que o sentimento do dever e de justiça deve pairar acima de qualquer paixão. Não é cometendo arbitrariedades, nem satisfazendo apetites pesscais, que o chefe se torna digno desse nome. Seu cuidado máximo, para servir de exemplo a seus subordinados, reside em cingir-se ao cumprimento exato dos regulamentos.

Não basta que uma unidade seja dotada de todo o material, tenha seus quadros e efetivos completos, esteja preparada tecnicamente para o tiro. Sem o espírito de coesão e sem os elos morais que levem o homem à renânciam e ao sacrifício, ela não poderá ser chamada verdadeiramente de bateria.

Rio, em 17 — VIII — 44.

# ACABA DE SAÍR

## FORMULARIO para o processo de desertores e insubmissos

Ten.-Cel. NISO MONTEZUMA

3.<sup>a</sup> Edição

ADAPTADO AO CÓDIGO PENAL MILITAR APROVADO PELO DECRETO-LEI N.<sup>o</sup> 6.227, DE 24 DE JANEIRO DE 1944 E AUMENTADO COM UM APÊNDICE CONTENDO:

- 1). — A LEGISLAÇÃO SÔBRE O ESTADO DE GUERRA;
- 2). — OFICIAIS DA RESERVA: — instruções para conocação; disponibilidade; insubmissão; tempo de convocação; classificação; uniforme; transporte; ajuda de custo vencimentos; precedência; promoções; mudança de domicílio; permissão para contrair matrimônio; amparo do Estado à família, quando falecem em campanha, etc.;
- 3). — PRAÇAS CONVOCADAS: — alunos de escolas superiores; dispensa diária; que fizeram prova de seleção nos C. ou N. P. O. R.; apresentação; prazo para apresentação; donos ou sócios de casas comerciais; portadores de diplomas; possuidores de curso secundário; incorporação adiada; arrimo de família; operários empregados em obras militares; trabalhadores encaminhados para a extração e exploração de borracha no vale amazônico; operários da Fábrica Nacional de Motores; empregados em construção de aeroportos; pessoal admitido para obras; demissão de empregado convocado; obrigações dos empregados e dos empregadores; em caso de dissolução de firma; mudança de residência; vencimentos e vantagens, etc.;
- 4). — PARECERES E DECISÕES do D. A. S. P. e do MINISTÉRIO DO TRABALHO sobre a situação de funcionários públicos e de empregados, em geral, convocados para o serviço militar aitivo;
- 5). — RESERVISTAS E ESTRANGEIROS, operários de Estabelecimentos Fabrís Militares e Civís produtores de materiais bélicos;
- 6). — ESTABELECIMENTOS FABRÍS CIVÍS considerados de interesse militar.
- 7). — A MULHER em face da legislação de guerra;
- 8). — ORGANIZAÇÃO DA JUSTIÇA MILITAR junto Ks Fôrças Expedicionárias;
- 9). — C. P. O. R. — Faltas e entradas — tarde de alunos — funcionários ou empregados; frequência; alunos de escolas superiores; execução de proas parciais.

E UM LIVRO DE INTERÉSSE GERAL

PREÇO: CR\$ 15,00 — Pelo Correio: — Cr\$ 16,00

PEDIDOS: — A DEFESA NACIONAL (4.<sup>o</sup> andar da ala dos fundos) Edifício do Ministério da Guerra. — Praça da República — Rio. Telefone: — 43-0563 — Caixa Postal 32 — Rio.

Sendo a edição limitada, convém que os interessados façam seus pedidos.

# Problemas da vida do oficial

*RUI ALENCAR NOGUEIRA*

Cap. de Infantaria

Aqueles que, espontaneamente, ingressam na legendária Escola Militar e se tornam oficiais do Exército ativo, o fazem consoante aspirações e desejos próprios, porque têm um ideal e pretendem dedicar toda a vida aos serviços do Exército.

Ninguém ignora os afanosos trabalhos da vida da caserna e os percalços que a carreira apresenta. Todos estão convictos dos tropeços a encontrar a todo momento, mas, acima de tudo isto, paira um objetivo perfeitamente definido: — um patriotismo sadio e cheio de esperanças.

O gosto pela carreira das armas não aparece naqueles simplicios comodistas, acostumados ao conforto, que só pensam no bem-estar pessoal, que encaram a vida sob prismas diferentes e que são afeitos aos gozos e prazeres materiais.

As classes armadas, pelos seus diferentes escalões hierárquicos, são constituidas, com raríssimas exceções, de cidadãos pobres e originários das classes menos privilegiadas da fortuna.

Tal fato decorre, certamente, de serem estes menos favorecidos de dinheiro, habituados desde a infância aos princípios de economia doméstica, à luta pela vida e ao trabalho exaustivo dos que estudam e, muitas vezes, empregam atividades em outros setores para manutenção dos meios de subsistência.

Durante toda a sua existência, o militar é obrigado a manter um ânimo forte, um espírito combativo e inamoldável, uma vontade ferrea, um caráter sem jaça, pondo de lado todo sentimentalismo, todas as qualidades íntimas de família, para só

pensar no que fôr em beneficio do serviço. Tais são os compromissos que assume.

Mas, além disto, ainda deve possuir, como qualidade e como virtude primordial, uma paciencia capaz de vencer todos os obstáculos.

Esta última virtude, no dizer do Marechal Foch, certa vez na Escola de Guerra da França, quando dava uma aula aos seus alunos, é mais importante do que a disciplina, o valôr, a tenacidade, o sangue frio, a confiança e a vontade de vencer, porque com ela “tudo se consegue e tudo se vence”.

Para o militar, não há hora prescrita para o trabalho. Onde e quando fôr chamado, estará sempre pronto para atender.

Todos estes princípios básicos estão enquadrados nos mistérios profissionais porquanto, o próprio Estatuto dos Militares assim preceitua: — “A carreira das armas não é emprego, profissão toda feita de abnegação e altruismo”.

“Assim, os militares de carreira não são funcionários públicos. Sem constituirem casta no âmbito social, formam uma classe especial dos servidores da Patria — a classe dos militares.”

“A qualquer hora do dia ou da noite, na séde da corporação ou onde o serviço das armas o exigir, o militar deve estar pronto para cumprir a missão que lhe fôr confiada por seus superiores”.

E tudo isto é, realmente, normal na vida do militar. Tão normal que a familia se adapta a essas injunções e o acompanha durante toda a existência.

As espôsas dos militares são companheiras abnegadas, co-mungantes dos mesmos idéais, vivendo quasi uma vida de soldado, com tenacidade e denodo.

A educação dos filhos, constitue ainda um problema na vida do oficial. Apezar de existir o Colegio Militar, criado e idealizado pelo grande Caxias, para educar os filhos dos militares, nem sempre ele satisfaz a sua finalidade, quer pelas dificuldades impostas pelas distâncias, quer por simples ques-

tões sentimentais dos pais, que não desejam deixar os filhos muito jovens assim tão distantes do controle paterno.

Como muito bem escreveu, há pouco, na "Revista Militar Brasileira", o Exmo. Sr. Gen. José Pessoa, os colégios militares devem constituir a pedra fundamental para a formação dos futuros oficiais. Servirão para criar uma mentalidade apropriada, continuada nas "Escolas de Cadetes" e completada na Escola Militar".

Um único Colegio Militar parece-nos insuficiente, para um país de vastos territórios. Ao lado das Escolas de Cadetes, em outros estados, deveríamos criar mais Colégios Militares. Não seria útil termos bons colégios, bem orientados, uniformes e com boa disciplina? Tão bons resultados não deram os que já existiram? Não têm sido úteis à Pátria os cidadãos oriundos dos Colegios Militares?

Por todos estes motivos, a criação de outros similares no Norte, no Centro e no Sul prestaria bons serviços ao Brasil e auxiliaria a educação dos filhos dos militares em serviço por todos os recantos do país. Poderiam ser escolhidos os Estados do Pará, Santa Catarina e Mato Grosso.

Esclarecemos aos leitores que não somos de nenhum dos três Estados acima citados.

Para os meninos, ainda há uma solução. Mas, para as filhas?

Terão elas que ficar sacrificadas nos seus estudos ou permanecer em casas de parentes para a freqüência aos estabelecimentos das cidades maiores ou, em último caso, continuar internadas, sujeitas a regimens quasi sempre diferentes do adotado nos seus lares ou em desacordo com as necessidades dos tumulto da vida moderna, onde a mulher já vai precisando de educação diferente da que vem recebendo nos colégios religiosos.

Mesmo quando as transferências se fazem para as cidades maiores e de recursos educacionais, e a faculdade que a Lei atribui aos militares das mudanças de colégio em qualquer.

época do ano pôssa ser aplicada, não deixa de haver uma oscilação prejudicial ao aluno, somente.

Para as filhas dos militares, não vemos como aliviar uma possível solução, mesmo porque para elas o caso é mais simples e menos importante que o dos filhos, no nosso modo de pensar. Certamente, algum companheiro que esteja "vivendo uma situação" das que apontámos poderá apresentar sugestões e projécos tendentes a solucionar o caso da melhor forma.

Ha, contudo, no momento, um problema seríssimo a resolver: o das residências.

Com as dificuldades atuais da vida, o oficial chega com a família a uma cidade, embóra pequena, e fica em situação embaraçosa.

Precisa ele de se instalar, de abrir a sua bagagem, arrumar os seus livros e regulamentos e retirar todos os seus uniformes.

A hospedagem nos hoteis compatíveis com sua posição social é quasi impossível, porque os preços exorbitantes obrigam-no a ficar em acomodações modestas e, por vezes, sem conforto.

No entanto, sua atividade impõe-se imediatamente. O cumprimento do dever, as servidões regulamentares levam-no a outras responsabilidades em curto espaço de tempo.

E, de par com os novos encargos assumidos, ha que pensar na casa para acomodação da família. São mil tropelias nas horas de folga, promessas, etc., mas no fim, tudo na mesma: os preços são avassaladores, ha as exigências do proprietário, contratos, pagamentos adiantados, fianças, etc. Além destas, outras imposições que se estão generalizando aparecem. Uns, não alugam a casa a quem tem filhos e outros negam-se a alugá-la aos oficiais, com receio das transferências.

Quando, enfim, a casa foi conseguida após ingentes sacrifícios, surge a questão do mobiliário.

Afinal de contas, não é possível levar uma vida extremamente desconfortável. E' preciso ter o mínimo essencial, mas... é preciso!

As viagens acarretam prejuízos e, em geral, os oficiais desfazem-se em cada lugar dos seus moveis, vendendo-os apressadamente e por preços irrisórios, a velhos oportunistas que surgem nas vespertas dos embarques, experientes e conhecedores dos prazos estipulados para inicio de viagem.

Para adquirir mobiliario, é preciso gastar dinheiro.

As "ajudas de custo" são insuficientes para satisfação de compromissos pecuniários indispensáveis aos preparativos de embarque, dos transportes, das chegadas a destino, levando-se em conta as paradas intermediárias do trajeto e, até, os excésos de bagagem.

Se isso não bastasse, muitas vezes o oficial chega á séde da sua Unidade, foi designado para uma fração desacada e para lá tem de seguir logo. Mal chegado, há casos em que é novamente transferido por conveniencias internas de exclusiva atribuição do comando e, outra vez, tem de viajar, embóra a "ajuda de custo" seja uma só, em dôze meses.

Para os preparativos de viagem, a despesa é enorme com a arrumação da bagagem, e maior ainda nos momentos que a antecedem, com carregadores, caminhões, etc.

Para a solução dos seus problemas financeiros e, digamos, sociais, muito ha que ser feito em beneficio dos que abraçaram a carreira das armas e labutam a vida das casernas, muito além do que já tem sido realizado.

Dos mais importantes, indiscutivelmente, é este das habitações.

No entanto, as casas residenciais dos oficiais, conforme já é plano das altas autoridades do Exército, devem ficar localizadas em centro urbanos, no meio das demais, para um entrelaçamento entre civis e militares, facultando um ambiente que não os dos conglomerados exclusivamente "verde-oliva", diferente do próprio ambiente de trabalho comum.

Esta é a sábia orientação dada pelos nossos chefes militares, experimentados em longos anos de serviço e esclarecidos pela idéia de cada vez mais servirem ao Exército, ao qual vêm prestando incontável soma de excelentes e profícuos esforços.

Nas condições acima citadas, chegado o oficial ao local de destino, não haveria preocupações com relação ao problema da moradia: — havia a certeza de encontrar uma casa mobiliada com conforto e sem luxo — pois este é incompatível com o nosso meio.

No máximo, poderia adquirir camas por questão de maiores escrúpulos, se assim desejasse.

Os militares são moços educados civil e profissionalmente, conforme prevêem os próprios regulamentos, formados os oficiais em Escolas Superiores (E. Militar e Escolas Especializadas) e suas famílias são constituidas sob a mesma base e aprimoradas neste sentido.

Responsabilizar-se-iam àqueles que danificassem móveis e utensílios, do mesmo modo que fazem os locatários civis com os seus inquilinos.

Nesta hipótese, haveria a assinatura de um “termo de responsabilidade”, equivalente ao “contrato” que o civil exige, de modo a derimir dúvidas.

Em benefício da Fazenda Nacional e da própria classe, os que não zelassem por aqueles pertences seriam punidos e pecuniariamente responderiam pelos danos causados.

Certas exigências poderiam ainda ser prescritas, em benefício de todos. Por exemplo: obrigatoriedade do encerramento, conservação dos jardins (se existissem), pequenos concertos em instalações de água e luz, como compensação ao reduzido desconto sofrido mensalmente, pelo ocupante do próprio nacional.

Ou, ao envez disto, poderia ser estipulada uma “taxa” de desconto, um pouco maior, para conservação das casas residenciais.

A quantia assim arrecadada, sob base tabelada regularmente, seria depositada numa “caixa” e, anulmente utilizada para pinturas, etc.

No momento, sabemos, não é possível pensar em construções ou em adquirir novos prédios. Ocorre-nos, então, outra

# Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual

## "A DEFESA NACIONAL"



### Proposta para Associado:

(Art. 13 do Cap. II)

Nome:—.....

Natural de .....

Cidade .....

Estado Civil .....

Data do Nascimento .....

Profissão ..... Guarnição .....

Data: .....

Assinatura:— .....

(Firma reconhecida)

### OBSERVAÇÕES:—

- a) Remeter 2 fotografias 3x4.
- b) Tabelião em que tem firma reconhecida, aqui no Rio, caso não possa reconhecer-la no local onde está servindo.
- c) A importância das QUOTAS-PARTES deverá ser remetida em vale postal.

# Assinantes - Atenção

A Assembléia Geral Ordinária realizada em 25 de Fevereiro p. p., deliberou que, a partir dessa data, sejam os seguintes os preços das assinaturas:

Associados da Cooperativa . . .	Cr\$ 30,00 — ano
Assinaturas renovadas . . . . .	Cr\$ 45,00 — ano
Assinantes novos . . . . .	Cr\$ 60,00 — ano

—X—

Leiam o Cap. II e o artigo 11.<sup>º</sup> dos Estatutos da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual “A DEFESA NACIONAL”, os quais foram publicados na Revista do mês de Setembro de 1943, e nos remetam a fórmula no verso deste, devidamente preenchida, para que possam auferir das vantagens do sistema cooperativista e também se constituirem como parte integrante de uma associação que edita a mais bem cuidada Revista sobre assuntos militares.

Não vacile, mande-nos sem demora a sua proposta.

sugestão: serem contratadas pelo Ministério da Guerra casas de propriedade particular para alugar aos militares por preço estipulado nas leis em vigor.

Existem por todo o país, Empresas Construtoras de casas e que dispõem de muitas delas em várias cidades. Um contrato desta natureza asseguraria ao oficial poder contar com uma casa para residir, embora de pagamento não muito módico evitando vexames a que está sujeito em hoteis, cujos pagamentos exigidos estão acima das suas possibilidades orçamentárias.

Concomitantemente com a solução de tão grande problema da vida do oficial, ha a estudar o da "ajuda de custo".

Certo é, que as despesas de viagem variam na razão direta da extensão, da duração dela e do número de pessoas que a realizam.

O oficial transferido do norte para o sul não tem as mesmas despesas que do Rio a S. Paulo.

Do mesmo modo, o oficial solteiro não gasta obrigatoriamente igual ao casado sem filhos, nem este equipara-se ao casado com filhos.

Parece, portanto, justa a diferença de pagamento de ajuda de custo, maximé nesta época em que o Estado colocou a família sob a sua proteção imediata, concedendo vantagens especiais aos que possuem filhos e procurando incentivar, por todos os modos, o aumento da população.

O homem civilizado terá, fatalmente, de empregar recursos para "limitação" da sua prole, sabendo que não poderá a ela dar o esforço que merece e ele deseja, reduzido tudo ao mínimo indispensável.

Reconhecendo isto, todos os governos incentivam e beneficiam as famílias numerosas.

Assim é o nosso caso.

Presentemente, os militares têm poucos filhos. Lembremo-nos ainda dos "velhos capitães" patriarcas. Hoje, estão eles desaparecidos. As dificuldades de vida, o alto custo do

vestuário, dos uniformes colegiais variáveis em modelo e coloração de um lugar para outro; o astronómico preço dos livros e utensílios dos estudantes e as grandes despesas com viagens e estada nos hoteis, apavoram os que pretendem ter muitos.

Mesmo os "cearenses" já não são, hodiernamente, os grandes chefes de família do passado...

Seria, portanto, interessante que pensássemos nestas diferenciações e estudássemos a seguinte solução: proporcionalidade no pagamento da "ajuda de custo" variando com a distância e o número de pessoas da família.

Neste caso, além da parte mínima correspondente ao mês de vencimentos, seria paga uma outra adicional tabelada e na proporção acima referida.

Desta forma, os oficiais obrigados a servir em lugares longínquos, por força da "Lei de Movimento dos Quadros", não teriam preocupações e iriam com a mesma boa vontade de sempre, pois tinham a certeza de não ser necessário recorrer até ao empréstimo.

Em face dos dois problemas abordados, são os "solteiros" mais beneficiados (perdõem-nos os solteiros), pois além de têm sempre a possibilidade de moradia no Quartel, contam com mais dinheiro para execução das viagens, relativamente ao volume de bagagem e ao número de pessoas.

Os assuntos ora tratados, são conhecidos de todos nós e comumente vêm á baila nos nossos círculos, chegando a constituir motivo de palestras internas.

Não estamos, portanto, com inovações. Apenas lembremo-nos de expô-los aos demais camaradas para que outros, com maior brilhantismo, possam abordá-los partindo destas considerações.

Estávamos para terminar o presente trabalho, quando lemos em o número de maio da "Defesa Nacional", o artigo intitulado "A velhice...", de autoria do Cel. J. B. Magalhães,

oficial da Reserva de 1.<sup>a</sup> classe, portador de uma fé de ofício das mais brilhantes.

A propósito, queremos lembrar a possibilidade da instalação do "Retiro dos Militares", em local ameno e que permita, além de fácil acesso à Capital do País, uma vida descansada e uma moradia confortável, aos nossos reformados.

E' comum encontrarem-se pelas "pensões" das diferentes cidades, os casais de "velhos reformados", taciturnos por vezes, ele a contar fatos vividos na atividade militar, ela a rememorar os sustos e tropeços da vida de espôsa de militar.

Noutras ocasiões, encontramo-los nos subúrbios do Rio, em casinhas modestas, conhecidos de uma meia dúzia de vizinhos e esquecidos dos antigos comandados.

Não é que estes últimos sejam ingratos, mas é que a vida, infelizmente, é assim mesmo. Tudo passa sobre a terra — dizia o nosso grande J. Alencar.

Até nos hospitais (H. C. E. principalmente) vamos achar os pobres velhos reformados doentes, antigos chefes do Exército, procurando oficiais e cadetes convalescentes a quem pôssam reviver as histórias do passado, principalmente as "façanhas" das revoluções.

Por que não criarmos o "Retiro dos Militares", nos moldes de outros existentes?

Pequenas casas para os dois velhinhos e extensos pavilhões para abrigar os viúvos e solteirões, podem ser construídos.

Disto, muito bem poderá cuidar o nosso "Clube Militar", sob o amparo oficial, o qual não seria negado, uma vez reconhecida a sua oportunidade.

Não devemos esquecer, nós moços de hoje, como sabiamente diz o Cel. Magalhães, a geração que passou — o reformado. Amanhã, estaremos velhos e seremos um deles, se antes não morrermos!

Pensem, pois, no porvir...

Eis as nossas sugestões despretenciosas.

## O CAMIZEIRO

oferece uma nova série  
de

## CAMISAS

perfeitas, sóbrias e finissimas. Confeccionadas em ampla escala, com colarinhos duros sem goma, c/ barbatanas, e flexíveis, em vários e novos modelos ao preço único de

**CR\$ 50,00!**

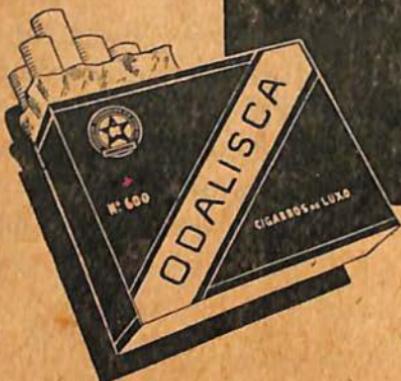
além desta série, um enorme stock de outros tipos e preços

"SEMPRE NOVAS" as  
CAMISAS do  
**O CAMIZEIRO**

28-29 Avenida Rio Branco



## ODALISCA



CIA. DE  
CIGARROS  
SOUZA CRUZ

# Devemos formar os nossos soldados rodo-ferroviários

1.º Ten. LIDENOR DE MELLO MOTTA

E' assunto muito discutido nas rodas dos oficiais da Arma de Engenharia, a situação e a forma de viver das nossas Unidades Rodo-Ferroviárias, uns, opinam pela apaisanização daquelas Unidades, outros, desejam dar-lhes um cunho essencialmente militar; neste artigo pretendo demonstrar, lançando mão de principios e de elementos que tenho tido oportunidade de colher, em vivendo situações reais, as mais variadas possíveis, à qual, daquelas hipóteses, possamos chegar, de uma forma evidente, e que seja ao mesmo tempo, salutar para a nossa Arma e o nosso Exército.

E' curial, que, para chegar-se a um conclusão justa, se leve em linha de contas, opiniões daqueles que já tiveram oportunidade de servirem em Unidades em construções, nas quais formaram soldados, e que tiveram também, oportunidade de virem em Unidades, naquelas situações, porém, nelas não tiveram o prazer de lidarem com soldados, que ai se estivessem fazendo.

Aqueles que acham, deverem as Unidades Rodo-Ferroviárias não formarem os seus reservistas, declaram ser impossível formarem-se soldados nessas searas da Arma de Engenharia, e adiantam mais, que tais especialidades não deveriam ser da alçada do Exército, e sim do Ministério da Viação. Podendo eu refutar tais argumentos, que podemos chamar de hipóteses absurdas, chegarei a hipótese do princípio que pretendo demonstrar, isso é, devemos formar os nossos soldados rodo-ferroviários.

Geralmente, uns, daqueles que argumentam da forma que pretendo ir de encontro, nunca serviram em Batalhões de estr-

das, outros, se bem que já tenham servido em Batalhões de estradas, nunca estiveram, num, que possuisse o seu efetivo completo, isto é, com as Cias. organizadas inteiramente de soldados, formados pelo proprio Batalhão — caso unico, atualmente, do 1.<sup>º</sup> Batalhão Ferroviário — e mais, não tiveram oportunidade de fazerem uma observação mais apurada, do que vênia a ser um soldado da Arma de Engenharia, isto é, quando se lembram da formação de um soldado, lhes vem logo á mente, um, com certeza, de Infantaria, Cavalaria ou Artilharia, todo espigado, sabendo colar rigorosamente as mãos ás cochas, sabendo fazer tinir perfeitamente as suas esporas, ou sabendo andar impecavelmente fardado, enfim, o que costumam eles chamarem, "unicos soldados enquadrados"; tal forma de observar reputo muitissima erronea, pois sou, um dos que afirmam, existir uma disciplina de Arma, e dentro da Arma de Engenharia ha uma disciplina especial, para as Unidades em construções.

Um soldado rodo-ferroviário, é aquele que em tempo de paz se forma, para, em tempo de guerra, garantir a continuidade das comunicações, estabelecendo ou restabelecendo-as; lhe sendo dado, na *Retirada*, a destruição dessas vias; tais missões, num país como o nosso, em que á vastidão territorial se junta uma série enorme de dificuldades, não poderão ser dadas aos Batalhões de Engenharia, que estarão empenhados no estabelecimento dos campos minados, na sua eliminação, e mais, nos trabalhos especiais de Organização do Terreno, de ordem a mais variada possível, mesmo, sendo excluidas as comunicações.

Nos paizes minusculos e adiantados, contrastando com o nosso — sexto imperio territorial do mundo, possuindo vastas regiões que ainda se mantêm em pleno Ciclo da Mandioca — é possivel que as comunicações possam ser entregues ao Ministério da Viação; entretanto no Brasil, isso por volta do ano de dois mil, ainda será uma utopia.

Torna-se, evidentemente necessário a formação de uma reserva rodo-ferroviária, — alias como está fazendo o 1.<sup>º</sup> Batalhão Ferroviário, — para que, durante uma guerra em nosso

território, os Batalhões Rodo-Ferroviários não se vejam em palpos de aranha, para se desencumbirem de suas arduas e vastíssimas missões, pois os elementos de que atualmente dispõem, — excluindo o 1.<sup>º</sup> Batalhão Ferroviário — são reservistas das outras armas, e em sua totalidade, depois de muito custo, se tornam pessimos Rodoviários, sem entusiasmo, avidos por aumento de salários, e dificilmente organizaveis; e maxime, em se tratando dos Batalhões Cias. que operam em regiões inóspitas e insalubres.

Quem teve, ou viér a ter, oportunidade de servir no Oeste Brasileiro, e em Unidades rodoviárias, tenho certeza de que todos serão unanimes em reconhecer, a necessidade de organizarem-se aqueles Batalhões, com brasileiros de paragens variadas, e que, se tornem soldados em seus quartéis. Sentirão, fatalmente, a impossibilidade de, no atual estado, imprimir-se uma organização modelar; tal impossibilidade, é uma resultante da existencia, em nosso Brasil, de uma quantidade infima de operários especializados, para a qual, sobram bons lugares nas cidades confortaveis, que se tornam centros, evidentemente, muito mais atraentes do que Mato Grosso e seus similares.

Para melhor corroborar com o meu ponto de vista, tomemos o caso do 4.<sup>º</sup> Batalhão Rodoviário; apreciando os seus operários especializados, dos quais depende quasi *in totum* a boa marcha do serviço, vemos com disprazer, tratoristas inteiramente analfabetos, motoristas que fugiram de São Paulo ou outros centros importantes, por algum motivo disciplinar ou outras razões negativas, e note-se todos eles ganhando em media Cr\$ 30,00 a Cr\$ 35,00 diários. Não se encontra um bom ferreiro ou um bom carpinteiro, e nem se fala de um bom Chefe de oficinas; — quando muito, se consegue um chefe, que apenas conhece um pouco do que diz respeito a motores de caminhões e automoveis; — de forma que, se registram fatos como o que se segue: certa vez, quebrou-se uma pipa d'água a qual for recolhida para o S. T. O. (Serviço de Transporte e Oficinas) afim de conserto; dias depois o referido serviço declarou-se incompetente para efetuar o reparo em questão;

tal fato me fez lembrar, o Primeiro Batalhão Ferroviário, onde, num destacamento em São Luiz de Gonzaga, possuímos um cabo carpinteiro, o qual fez duas pipas, das quais o 4.<sup>º</sup> Batalhão Rodoviário, em suas oficinas, foi incapaz do conserto de uma. Não existe um armador, o que nos obriga a fazer verdadeiras ginasticas para armarmos uma ponte, se tendo muitas vezes necessidades, para que a obra não fique muito cara, de pagar-se uma exorbitancia a algum português ou espanhol — maneiras de dizer. E' evidente a necessidade de possuirmos nesse e outros Batalhões semelhantes equipes de máquinas chefiadas por sargentos, formados numa Escola Técnica da Arma de Engenharia; e as suas máquinas sempre dirigidas por cabos ou soldados que se fossem distinguindo; é desnecessário mostrar-se a necessidade daqueles Batalhões possuirem seus sargentos armadores, formados também naquela Escola Técnica, os quais iriam transmitindo aos seus auxiliares, as suas especialidades, e passariam para a reserva com belíssima profissão. E' superfluo declinar o vexame porque passam as oficinas do 4.<sup>º</sup> Batalhão Rodoviário, com atual estado, quando um determinado Comandante deixa o Comando, pois, os operários menos ruins, como que aproveitando a oportunidade para, hipotecando solidariedade ao Comando Substituído, deixarem o Batalhão, afim de se empregarem com o Sr. Fulano de Tal, que lhes paga o dobro do Batalhão, e que de ha muito lhes vem acenando os "Cruzeiros".

Vejamos a mão de obra comum; os Batalhões que não contam com soldados, são obrigados a viverem do homem da região onde operam, bastam estas palavras para afirmarmos, sofrerem os trabalhos grandemente para a sua bôa realização, tendo em vista as seguintes considerações: no sul do Brasil, só se pode contar com trabalhadores em épocas especiais, como sejam, as de não colheita e as de não safras dos frigoríficos etc.; em Mato Grosso o fato se passa muito diferente do sul, pois o homem dessas paragens é excasso, e o que existe é indolente pela deficiencia da alimentação, alcoolatra inveterado pela falta de estímulo e distrações condignas para um viver melhor; tais circunstâncias vão se agravando, a medida

# "ECOS DE UMA CAMPANHA CIVICA"

Major *EMANUEL DE MORAES*

O Brasil é um país digno de ser percorrido e observado, pela multiplicidade dos seus aspectos geográficos.

Detentor de regiões privilegiadas, onde os vales, muitas vezes, se completam contornando maciços gigantescos, possue quase todos os climas que facilitam a vida das populações que se caldeiam numa edificante redenção de raças.

O sul do Brasil é bem diferente do norte sob todos os pontos de vista.

Se apreciarmos a geografia física e a geografia humana de um modo geral, e em particular a morfologia do terreno e a variedade étnica, concluiremos da influência climática ou melhor das latitudes.

Ouvimos dizer, não raras vezes, "que o sul civiliza e o norte nacionaliza". Desfazendo o conceito que desejam formar do setentrional brasileiro com a veracidade dessa sentença, encontramos a maior justificativa na orientação dada à política colonizadora. Se o Norte recebeu o influxo do velho lusitano que aqui semeou todas as suas virtudes, mesclando-se admiravelmente com os nativos da jovem Terra de Santa Cruz, no Sul predominou o outro caldeamento racial. Se no Norte as características foram profundamente indígenas, no Sul, a migração criou vários problemas, o do regionalismo, o da multiplicação dos quistos raciais que vieram fazer de perto periclitar nossa unidade.

Motivos de ordem moral inibem nossos comentários sobre os erros dos nossos dirigentes passados. Os fatos vividos há

mais de um lustro, desde que começou a tragédia nazista, são de moldes convincentes.

Todo nosso altiplano, abaixo do trópico de Capricornio, recebeu colonos de regiões longínquas, de todas as línguas e de vários credos. Em São Paulo, sem mencionar o velho tronco português, italianos e japonêses constituíram o contingente mais robusto. No Paraná, proliferaram polacos, italianos, alemães, russos, suíços e outros provindo dos povos asiáticos. Em Santa Catarina, os alemães tiveram a preeminência e em proporções reduzidas, italianos e polacos.

No Rio Grande do Sul, alemães, italianos, etc.

Em mais de meio século de luta surda e subterrânea, percentagem numerosa da nossa população autóctone não resistiu à perniciosa ação catalítica desses grupos humanos fortes e disciplinados, que traziam outros costumes e outra cultura.

Se uns se deixaram assimilar, outros reagiram e criaram um estado permanente de vigília e reação, informando os altos poderes da República da desnacionalização reinante nesses rincões percorridos pelos bandeirantes, farroupilhas e republianos.

As colônias foram transformadas em quistos, verdadeiras fortalezas raciais, onde só eram bem recebidos os elementos provindos da mesma étnia.

Infensas ao caldeamento, vimos crescer cidades que não tinham aparência das nossas, parecendo, que foram plantadas neste hemisfério para garantir pretenções futuras. Muitas províncias foram adotadas para desfazer essa manifestação de ecologia híbrida.

E' de justiça, entretanto, não obumbrar o trabalho desses colonos em vastas extensões no sul. Se palmilharmos todo o altiplano que se levanta desde o Paraíba do Sul até o Jacuí, na terra gaúcha, e das nuvens mirarmos os encantadores vales, como o do Itajaí, só podemos cantar lôas aos que tiveram a sorte de nascer aqui e muito cedo pertenceram à comunhão brasileira. Viana Moog, festejado escritor que no interessante enredo do romance intitulado "Um rio imita o Reno", estabele-

ceu confrontos entre jovens de raças diferentes, deu a entender que podemos conhecer perfeitamente cidades e gente alemãs, e manifestação do espírito teuto, visitando o vale de Itajaí e outras regiões do Sul do Brasil.

Viana Moog foi feliz nas suas asserções, porque são de mais conhecidas as prósperas cidades de Blumenau, Brusque, Joinville, Nova Hamburgo, São Leopoldo, municípios e distritos como Hansa, Hamonia, Nova Breslau, Nova Stetin, Nova Danzig e uma infinidade de outras cuja toponímia obedece hoje às exigências nacionais.

Os anos passaram céleres e no bôjo dos navios germânicos chegaram cargas vultosas, da agulha à locomotiva, da máquina de costura à mais complicada máquinaria para tecelagem, da pequena instalação metalúrgica à complexa usina siderúrgica. As indústrias cresceram e o Sul floresceu.

Navios de guerra, depois de longos cruzeiros, aportavam a São Francisco, e marinheiros alemães espalhavam-se pelas colônias, recebidos pelas famílias que os hospedavam com festas e honrarias, homenageados pelas moças com os requintes próprios do sexo.

A arte alemã, nessas ocasiões, tinha sua natural expansão, vitalizada pelo novo influxo, vindo de além-mar. Era triste ver essas cenas se reproduzirem em uma terra tão diferente da Europa . . .

Felizmente, no ano de 1937, na capital paranaense vimos o começo do fim.

Curitiba é uma das cidades mais belas do Brasil. Plantada na Serra do Mar, a quasi mil metros de altitude, entre as duas grandes metrópoles São Paulo e Porto Alegre, é uma colmeia de trabalho que se mira nos dois centros sulinos.

Cidade nova, deixando de ser pequena para ser grande, é uma transição onde já desponta a vida das cidades que se desvencilharam dos preconceitos da rotina e emancipou-se para pertencer às mais adiantadas e progressistas. Sua gente é alegra, ativa, dinâmica e hóa.

Seus cento e cinquenta mil habitantes são oriundos da miscigenação de polacos, alemães, italianos, que alteraram em parte as características da gente do planalto paranaense.

Curitiba, à primeira vista, parece um centro cosmopolita. Muitos hoteis, onde os hóspedes têm costumes europeus, o que não é para admirar, pela quantidade de viajantes que se cruzam uns em demanda do Norte, outros a procura do Sul.

Suas sociedades esportivas, benéficas, culturais, ostentavam nomes arrevezados, indicando os grupos a que serviam. Não eram só alemães, existiam também os poloneses, italianos, reunindo-se estes dentro dos próprios consulados. Curitiba é uma cidade de muitos e bons colégios. A juventude é uma das mais formosas. Os moços curitibanos gozam de fama em todo o país.

No ano de 1937, os partidos políticos tinham um ambiente propício em todos os Estados do Sul. As sedes das organizações nazistas, facistas, polacas, eram sumptuosas, seus dirigentes distribuíam dinheiro em profusão, a propaganda era um fato e a atividade política era um rito.

Esse estado de coisas exigia uma reação, um remédio que fizesse estancar a desnacionalização dos nossos jovens brasileiros, muitos de "quatro costados", que eram envolvidos nessa trama sinistra e diabólica, pelo simples fato de terem olhos azuis, cabelos louros e um nome carregado de W e de K.

Aproximava-se o 7 de setembro. O comando da Região Militar e a Interventoria Federal preparam grandes festas cívicas, vestibulo de um plano para destruir essa réde, que mais tarde poderia atentar seriamente contra nossa soberania.

A parada militar, nesse ano, foi uma das mais empolgantes. O desfile da juventude, que encerrou a brilhante cerimônia, veio alertar as altas autoridades do perigo iminente.

A praça Santos Andrade e as avenidas adjacentes estavam apinhadas.

A propaganda bem orientada trouxe à rua uma multidão incontável. Indubitablemente, tornou-se imperativo iniciar uma campanha cívica que marcassem época nos anais de Curitiba.

Sob os acórdes das marchas guerreiras, todos os corpos da guarnição federal desfilaram com brilho invulgar. Em seguida, a juventude apontou elegante, marcial e bela. Qual a nossa surpresa, ao percorrermos com a vista a densa coluna que se estende até muito longe e notarmos drapejando no meio dos moços bandeiras nazistas em profusão, numa flagrante competição pelo número e pelo tamanho!

Moços nascidos aqui, netos e bisnetos de brasileiros de origem alemã, lá estavam alinhados como si fossem teutos. Constituia esse grupo a juventude nazista criada em todo o mundo, como se servisse no futuro para fundamentos do quinta-colunismo.

O povo não se cançava de aplaudir os colégios, que marchavam airosamente, concientes do tributo que prestavam à nossa magna data.

Nossa Bandeira, cada vez que passava, bem do alto, parecia empolgar pelas ovações que recebia de toda gente.

Eis que avançava aquela massa compacta de ambos os sexos, puxada por uma banda marcial, cujos tambores mediavam mais de um metro e marcavam uma cadencia própria dos cimbrios teutos, que enchia o ar de acórdes rústicos, que ressoavam aos nossos ouvidos como imprecações á nossa terra e a nossa gente.

Grande parte da assistência, perplexa, emudeceu. Notamos que, apesar de tudo, o povo soube discernir e estava capacitado para repelir afrontas dessa natureza.

As bandeiras nazistas não tiveram os aplausos da multidão, passaram sob olhares de dúvida e de repulsa.

Apezar das nossas relações amistosas com o governo alemão, a penetração nazista já se fazia sentir. O partido, matreiramente, apossou-se de todas as organizações alemãs que estavam no firme propósito de se conservarem alheias às transformações políticas.

E os brasileiros sinceros se prepararam para assistir a acontecimentos decisivos na nossa História.

O golpe de 10 de novembro, que derrubou todos os partidos indígenas e alienígenas, criou uma atmosfera de confiança. Nossas autoridades, principalmente, as militares, iniciaram a campanha nacionalizadora, que repercutiu em todo continente e mobilizou todo Brasil contra a penetração germânica e amarela.

Uma legislação adequada, forte mas justa, fez dissolver todos os núcleos que visavam agitar, dentro dos direitos dessas gentes, problemas considerados mínimos, como os da dupla nacionalidade, das duas línguas, dos dois antepassados, quando não fossem os das minorias raciais. Queriam efetivar a existência do teuto-brasileiro, italo-brasileiro, criando o luso-brasileiro, como se admitissemos duas mentalidades nacionais dentro de uma mesma Pátria. Foram muitos os voluntários que se ofereceram para essa campanha. Tocou-me de perto a parte da juventude.

Os representantes do Estado Alemão, que se confundiam com os agentes do partido, eram diplomatas, professores, pastores, como aconteceu com Von Cossel, que se aninhou na Embaixada Alemã, acobertado pelas imunidades, coordenando toda ação nefasta. O plano idealizado para mobilizar nossos jovens patrícios contra nós, tinham ramificações por todo o continente e foi estudado de modo a não ficar uma cidade, uma zona rural que não possuisse uma sede, um campo de atividade, onde os jovens pudessem ser doutrinados pelos agentes da ideologia racista.

Usavam um uniforme em todo mundo e periodicamente reuniam-se à sombra da bandeira de Hitler para a prática do método de John e o culto exagerado dos antepassados teutônicos. Usavam o mesmo uniforme em todo mundo como símbolo da unidade hitlerista.

Os jovens, mais entusiastas, viajavam certa época do ano até Berlim, Stuttgart ou outros centros de cultura germânica, onde faziam um estágio que os habilitava para o exercício de condutores da juventude teuta. Os que voltavam proferiam com arrogância: teuto-brasileiros!

Ambos os sexos eram contemplados com êsses prêmios de viagem. As moças destinavam-se aos jardins de infância, que se multiplicavam por vários recantos do país.

O mais, todos conhecem pelo que nos contam os livros já publicados.

O exmo. sr. general Meira de Vasconcelos, então comandante da 5.<sup>a</sup> R. M., soube encarar êsse problema.

Não quis deixar essa gente sem as suas sociedades, onde pudesse manifestar seus sentimentos de gratidão, substituindo-os por novas organizações brasileiras de tiro, recreativas, culturais, sem falar nas numerosas "deutch sholl" (escolas alemãs), que foram substituídas, tarefas que coube aos intervenientes federais. Planificou inteligentemente, de acordo com os Estados interessados, toda ação da qual faço pequenas referências. Fechados os núcleos da juventude nazista, a Região fez criar a Federação de Escoteiros do Paraná e Santa Catarina. O Escotismo, universalmente aceito, combatido pelos países totalitários, iria prestar um relevante serviço a nossa causa. Sistema de educação que se impôs no nosso meio, como um complemento à ação do lar e da escola, tomou uma coloração profundamente patriótica.

O Escotismo passou a colaborar na nacionalização dos jovens que nasceram nesta abençoada terra. E se foi pensado, foi melhor executado.

Os jovens que passavam 24 horas na convivência diferente da nossa porque viviam no lar alemão, escola alemã, igreja alemã e nucleos nazistas, passaram a viver 7 horas no meio brasileiro, somente o tempo da escola, da igreja e da sede dos escoteiros, dirigidos por militares e civis abnegados.

A transformação operada no fim do segundo foi sensível. Viagens ao Rio, ao Sul, excursões e "ajuris" se encarregaram de mostrar aos jovens que estavam divorciados da coletividade brasileira, o valor do nosso povo e as nossas possibilidades futuras. Queríamos extirpar-lhe os complexos que seus velhos

ancestrais possuiram os quais Ludwig descreve muito bem, e mesclá-los com outros troncos raciais aqui já nacionalizados há séculos, integrando-os na grande comunhão e coletividade brasileira.

E não somos os únicos que se afligem com esses problemas, entretanto nós venceremos porque não alimentamos preconceitos e assimilamos os mais fortes, como provam as estatísticas. Venceremos. É uma questão de tempo.

## LUISI, IRMÃO & CIA.

CRUZ ALTA – Rio Grande do Sul – Brasil

Armazém de Sêcos e Molhados - Tintas - Ferragens - Louças - Artigos sanitários - Produtos Nestle - Camas e Fogões "WALLIG"



Rua Direita, 162 a 190 – S. Paulo

## ARTIGOS DE QUALIDADE

de acordo com a nossa  
orientação de vendas  
oferecemos por

PREÇOS BEM ACESSIVEIS

# O emprêgo dos carros de combate com a infantaria

Pelo Coronel *Leo B. Conner*, de Cavalaria, Instrutor da Escola de Comando e Estado Maior. — Traduzido da revista "Military Review" pelo Tenente Coronel *Paulo Mac Cord*.

Durante a Primeira Grande Guerra, o carro de combate não possuia inimigo digno de referência e, por isso mesmo, quase nada pedia à infantaria, em matéria de apôio. Agora, seus dois grandes inimigos, a mina e o canhão anti-carro, acham-se de tal maneira aperfeiçoados que é necessário recorrer à infantaria, à artilharia e à engenharia para restabelecer a perda de mobilidade que lhe é inflingida.

As minas anti-carro acham-se abundantemente distribuídas e são de fácil transporte. Podem ser instaladas em curto tempo, paralisando completamente a marcha dos carros. Mas não conseguem deter a infantaria. Mesmo quando batidas pelo fogo, a infantaria bem instruída e bem armada, e devidamente apoiada pela artilharia e auxiliada pela engenharia, consegue realizar uma brecha entre elas, abrindo caminho para os carros de combate.

Os canhões anti-carros convenientemente enterrados, camuflados e localizados de maneira a bater o terreno sobre o qual a infantaria deve avançar, exercem ação eficaz contra os carros, mas podem ser neutralizados pela artilharia e dominados pela infantaria.

Por outro lado, metralhadoras convenientemente enterradas, camufladas e localizadas de maneira a bater o terreno sobre o qual a infantaria deve avançar, pode deter essa infantaria, especialmente se houver emprêgo de arame farpado em

combinação com o fogo das armas automáticas. Mas os carros podem sobrepujar as metralhadoras e abrir passagens através dêsse arame farpado.

E' óbvio, portanto, que deve haver íntima cooperação entre a infantaria e os carros. Quando as minas ou os canhões anti-carros impedem o avanço daqueles veículos, a infantaria limpará o caminho. Os carros, por sua vez, farçarão passagens através do arame farpado, neutralizarão ou destruirão as metralhadoras e acompanharão ou precederão a infantaria na conquista do objetivo assinalado.

E' fácil para os carros conquistar um objetivo, mas não lhes é fácil mantê-lo em seu poder, porque o inimigo, depois de certo tempo, lançará contra êles seus canhões anti-carro, paralisando-os ou, talvez, destruindo-os. Devem, por isso, ser substituídos ao alcançarem aquele ponto, e reorganizados e deslocados para o objetivo seguinte, antes que o inimigo assim proceda. A infantaria deve segui-los no encalço para tal substituição.

Ainda por outro motivo, devem a infantaria e a engenharia acompanhar bem de perto aqueles engenhos de morte. Depois de atravessar os campos de minas principais e capturar os primeiros objetivos, é provável que novos campos de minas ou outros obstáculos sejam encontrados na cobertura de objetivos subsequentes, localizados mais a fundo da posição inimiga. Então, mais uma vez, será a infantaria chamada a cooperar, e com presteza.

E' evidente, pelo que ficou dito, que a infantaria e o carro de combate têm a missão recípoca de restabelecer cada um a mobilidade perdida pelo outro.

Em campo aberto, onde a liberdade do carro não sofre restrições, êle impulsiona a infantaria, abrindo-lhe caminho.

Em terreno difícil e acidentado, ou onde os campos de minas limitam a mobilidade do carro, a infantaria se incumbe de precedê-lo na ruptura da frente.

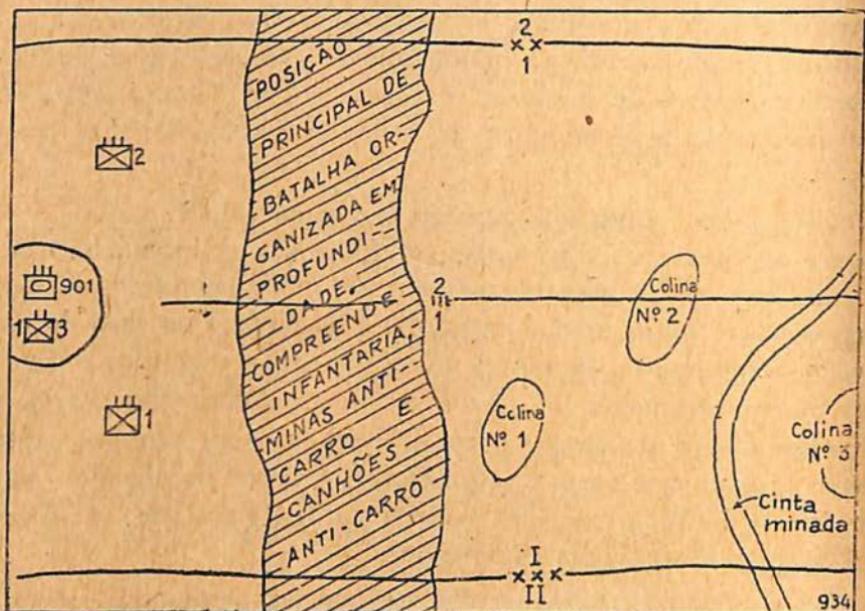
Qualquer que esteja com a prioridade da ação deve sentir-se imediatamente apoiado pelo outro. À infantaria cabe ocupar

com rapidez o terreno conquistado. Ao carro compete proteger a infantaria nos contra-ataques. Torna-se indispensável, para isso, o mais perfeito entendimento entre os dois, o que sómente pôde ser conseguido mediante íntimo contato e treinamento em conjunto. Uma unidade de carros estranha não pode ser incorporada a uma divisão de infantaria poucas horas antes de um ataque sem perigo de fracasso; a que não tenha ainda realizado exercícios com a infantaria está sujeita a não operar com a necessária eficiência. Esta, anàlogamente, não será capaz de empregar os carros de maneira acertada e tirar pleno proveito de sua grande potência se não tiver treinado juntamente com aqueles.

Há outro ponto que precisa ser submetido à análise. Os carros atacam com velocidade considerável. A infantaria a pé desloca-se muito vagarosamente, não podendo assegurar aos primeiros o apôio aproximado que é necessário no caso de um avanço continuado. Quando os carros são compelidos a esperar que a infantaria alcance e ocupe o terreno conquistado, o inimigo dispõe de tempo para aproximar seus canhões anticarro e o ataque será arrefecido ou, mesmo, paralisado. Não se deve dar ao adversário semelhante oportunidade. A infantaria deve sobrevir imediatamente.

Os russos fizeram grande emprêgo de infantaria trepada na coberta dos carros. Assim, também, os alemães. Assim tem sido e assim continuará a ser, mas dentro de certos limites. Quando montados nos carros dianteiros, os homens são forçados a descer logo fiquem sob o alcance do fogo das armas automáticas. Os que viajam nos carros das vagas traseiras poderão normalmente aí permanecer até que o objetivo seja atingido. O espaço disponível por cima dos carros é reduzido, dando apenas para seis homens; um batalhão de carros poderá comportar no máximo uma ou duas companhias de infantaria. Um grupo de dois batalhões de carros pode transportar nos intervalos a tropa a pé de um batalhão de infantaria, sem que seja necessário homem algum trepar nos carros expostos da onda dianteira.

Outra solução é motorizar um batalhão de divisão de infantaria e incorporá-lo ao grupo blindado. Tal batalhão seguirá o batalhão de carros guia bem de perto, em caminhões, apeando para combater, sempre que necessário. Enquanto a infantaria luta a pé, os carros fazem a cobertura, asseguram o apôio do fôgo e se organizam para o lance seguinte.



O croquis representa uma zona defensiva inimiga. A área avançada comprehende em sua organização uma série de faixas de minas anti-carro. Admitamos que a 1.<sup>a</sup> Divisão de Infantaria, parte integrante de um corpo de exercito, esteja fazendo o esforço principal no ataque à posição, sendo a colina n.<sup>o</sup> 3 o seu objetivo. O 901.<sup>º</sup> Grupo Blindado, constituído de dois batalhões de carros tipo e os necessários quartéis-generais, acham-se incorporados à divisão, cujo comandante reforçou o referido grupo com o 1.<sup>º</sup> Batalhão do 3.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria e um pelotão de engenharia, atribuindo-lhe a missão de atravessar a zona minada do sub-setor de ação do 1.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria, em seguimento a êste, e capturar o objetivo da di-

visão, a colina n.<sup>o</sup> 3. As colinas ns. 1 a 2 estão designadas como objetivos intermediários.

O 901.<sup>º</sup> Grupo de Carros de Combate, reforçado, é representado em sua área de reunião, a alguns quilômetros aquém do alcance dos tiros de artilharia e convenientemente camuflado. E' óbvio que o inimigo concentrará suas defesas anti-carro na frente do setor da 1.<sup>a</sup> Divisão, ao pressentir que o ataque principal será desencadeado por ali. Toda precaução deve ser tomada no sentido de ocultar os carros, de maneira que, se descobertos, possam, mesmo assim, ter o emprêgo previsto.

Poder-se-ia admitir que o 1.<sup>º</sup> Batalhão do 3.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria, incorporado ao grupo blindado, fosse encarregado de perfurar a zona minada, precedendo o 1.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria. E' missão que não se lhe adapta. Se se deslocassem trepados nos carros, a partir da área de reunião, ficariam os seus homens diretamente expostos ao fogo inimigo, quando tivessem de proceder à limpeza da frente, durante a parada forcada dos carros. Se se deslocassem a pé, ficariam sujeitos a atraso prejudicial e a inútil fadiga. De qualquer maneira, o número de baixas poderia ser tal que o batalhão ficasse impossibilitado de apoiar os carros mais adiante. Destarte, cabe ao 1.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria a precedência do ataque no seu sub-setor, afim de abrir passagens através da área defendida; aos carros, levantarem acampamento em seguida, transportando no dorso sua infantaria de proteção, atravessarem as zonas minadas e atacarem e capturarem a colina n.<sup>o</sup> 1.

A travessia do campo de minas deve ser cuidadosamente coordenada com o 1.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria. Deve haver caminhos em número suficiente a permitir a rápida passagem dos carros, mas nem tantos que exijam trabalho desnecessário e consequente atraso. O grupo atacará, provavelmente, em coluna de batalhões. Cada batalhão poderá realizar o avanço pelas minas em linha de colunas de companhia e desenvolver com presteza para o ataque. Três caminhos serão suficientes. As estradas que ligam a área de reunião a êsses caminhos devem ser reconhecidas e melhoradas de modo a facilitar o tráfego dos

carros. Colocar-se-ão balisas ao longo do percurso de tais estradas. Adotar-se-ão medidas para assinalar os limites avançados da infantaria atacante, bem como o extremo da cauda da coluna de carros, de maneira a permitir à infantaria identificar a chegada dos últimos elementos.

Deve ser também combinado com o comandante da Artilharia Divisionária o apôio adequado de artilharia, que compreenderá a de corpo de exército, em virtude de estar a divisão realizando o esforço principal do corpo e o grupo blindado constituir a ponta de lança do ataque da divisão. Observadores de artilharia acompanham os primeiros elementos em carros destacados para êsse fim.

O apôio da artilharia é utilizado ao máximo. Especial atenção deve ser dispensada a localização conhecidas ou suspeitas de canhões anti-carro e postos de observação de artilharia inimigos, que devem ser neutralizados pelo fogo ou cegados pela fumaça. Sempre que os carros penetrarem numa posição ocupada por infantaria adversa, cumpre sejam precedidos e cobertos por uma umbela de tiros de tempo de artilharia, com arrebentamentos no ar bem por cima dos carros. Toda infantaria moderna é equipada com eficiente armamento anti-carro, como o nosso bazooka, mas nenhuma infantaria é capaz de utilizá-lo quando o fogo de tempo de artilharia estiver espoucando por cima. Os carros não se deixam influenciar por este fogo seja suspenso logo aquela infantaria atinja a orla do objetivo.

Contrariamente à opinião comum, os carros não “invadem” o objetivo conquistado. Se o fizerem, atrairão certamente eficazes tiros contra carros. Ao invés, dirigem-se a posições desenfiadas, das quais possa dominar o objetivo batendo com fôgos os elementos que se exponham ou tentem fugir, assim como detendo os contra-ataques. Depois de ter a infantaria consolidado a ocupação, os carros reorganizam-se sob sua proteção e se preparam para ataque ao objetivo seguinte. Entremens, o 1.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria deixado à retaguarda, prossegue seu avanço tão rapidamente quanto possível.

Logo se encontram em condições de retomar o ataque, os carros recolhem sua infantaria e rumam para a colina n.<sup>o</sup> 2. O ataque à colina n.<sup>o</sup> 3 é iniciado de maneira idêntica, mas quando os carros descobrem a cinta minada à frente da colina n.<sup>o</sup> 3, retiram-se para posições cobertas ou desenfiadas, enquanto a infantaria apêia e se empenha na abertura de passagens através da área minada. Neste empreendimento, a infantaria é apoiada pelo fogo dos carros e, naturalmente, pelo da artilharia.

Em toda a duração do ataque, a infantaria, os carros e a artilharia devem funcionar sincronizados. Os carros capturam os objetivos sucessivos; a infantaria de proteção ocupa-os e cobre a reorganização dos carros, os quais acompanha no lance seguinte para lhes prestar o auxílio devido nas situações desfavoráveis. Os regimentos de infantaria prosseguem nos sub-setores, afim de tornar possível a realização de deslocamentos posteriores na direção dos objetivos subseqüentes. E cada avanço de qualquer desses elementos é sempre apoiado pelos infalíveis fógos concentrados de artilharia.

Dve ser notado que, na presente situação, o grupo não foi fragmentado e distribuído pelos regimentos e, sim, empregado como unidade constituída e lançado contra o objetivo principal da divisão. Exatamente no proceder de modo contrário reside um dos mais vulgares êrrros cometidos pelos comandantes de infantaria que têm recebido auxílio de carros. Um comandante de corpo de exército norte-americano, profundamente especializado em carros, que desempenhou as funções de observador durante as primeiras fases da campanha da Itália, faz um comentário a esse respeito, mostrando que "dentro das divisões de infantaria havia considerável dispersão dos carros postos à disposição das mesmas, pois que aos regimentos de infantaria eram atribuidas companhias de carros, as quais, em alguns casos, ainda seriam enfraquecidas pelo desmembramento de pelotões enviados para junto dos batalhões de infantaria, sendo os pelotões, por sua vez, objeto de nova dispersão, em vista do aproveitamento de carros para missões secundárias,

tais como *ninhos de metralhadoras móveis*, etc... Em nenhuma oportunidade esteve um batalhão de carros suficientemente centralizado de molde a poder ser empregado enérgicamente num ataque ou num contra-ataque.”

Os carros devem atacar em massa. O batalhão é a unidade normal de emprêgo. Quando o terreno é propício a êsse fim, destinar a totalidade, ou pelo menos o grosso dos batalhões de carros ao esforço principal. Muitas vezes, não haverá suficiente terreno favorável para um batalhão. Neste caso, utilizar o que fôr possível: a atuação de uma companhia pode ser de grande importância. E’ indesculpável não tirar o devido proveito dos carros disponíveis.

A campanha da Sicília fornece-nos pelo menos um exemplo de utilização proveitosa dos carros. Uma divisão tinha operado com aqueles veículos na Tunísia, possuindo, assim, prática de seu emprêgo e do modo de apoiá-los. Seu comandante relatou que “durante a maior parte daquela campanha,, um batalhão de carros leves e uma companhia de carros pesados ficaram incorporados à citada divisão. Devido ao aspecto montanhoso do terreno, os carros se encontravam quase sempre em colunas alongadas. Contudo, foi verificado que, em certas áreas, podiam ser utilizados com vantagem em auxiliar a infantaria de assalto. Foram também empregados, em massa, com todo o seu armamento de apôio, conduzindo sempre, com êxito, à tomada do objetivo visado pelo assalto.”

Os carros necessitam de todo o apôio possível. São armas poderosas. Possuem grande potência de fogo e alto grau de imunidade contra o fogo adverso. Mas, por outro lado, são extremamente sensíveis ao terreno, exigindo que a engenharia lhes prepare caminhos considerados quase excelentes para outras tropas. São relativamente cegos — os homens da guarnição de um carro têm campos muito limitados de vistas através dos periscópios, o que lhe causa embaraços na localização dos alvos e, consequentemente, diminuição de sua grande potência de fogo. Mais ainda, devido ao seu grande formato ficam mui-

to expostos aos tiros dos canhões anti-carro. Em-suma, não têm possibilidade de atuar com independência de movimentos.

Precisam de engenharia para vencer os terrenos difíceis e atravessar os campos de minas; precisam de fumaça para se ocultar e para cegar a artilharia e os canhões anti-carro do inimigo; precisam da infantaria para conseguir passagens em terrenos desfavoráveis ou através de defesas anti-carro concentradas, bem como para a execução dos reconhecimentos; precisam, finalmente, do apôio da artilharia. Dê-se-lhes tudo isto e nada poderá superá-los na perfeita execução do rápido esmagamento da oposição inimiga.

Este apôio recíproco e a alta eficiência decorrente são obtidos na divisão blindada pelo contato longo e contínuo e pelo treinamento em conjunto. Podem também ser conseguidos pelas divisões de infantaria e unidades de carros junto às mesmas destacadas, mediante o necessário espírito de compreensão e camaradagem e pela experiência que fôr sendo obtida no desenrolar das operações.

A articulação infantaria-artilharia é já um fato consumado em nossas divisões e tem sido aperfeiçoada pela vida em comum e pelos exercícios de conjunto. A articulação infantaria-carro-artilharia permanece, entretanto, em situação deficiente, até que êsses três elementos vivam e trabalhem em ambiente mais íntimo. As Fôrças de Terra deram, muito recentemente, em abril de 1944, o passo inicial para o aperfeiçoamento desejado nesse sentido, em grande demonstração realizada no Fort Benning, com a presença dos oficiais mais graduados de todas as divisões de infantaria e unidades de carros de combate norte-americanos. Seguir-se-á a êste passo inicial a providênciade fazer batalhões de carros realizarem exercícios com divisões de infantaria. Em consequência, podemos esperar que nossa infantaria comece a tirar proveito de grande potência de fogo dos carros e que a articulação infantaria-carro-artilharia seja, dentro de pouco tempo, uma realidade auspiciosa no Exército dos Estados Unidos.

# Cousas Práticas

ADQUIRIR livros  
pelo serviço de reem-  
bolso postal da secção  
de publicidade de  
“A Defesa Nacional”.

CAIXA POSTAL N.º 32  
MINISTÉRIO DA GUERRA  
RIO DE JANEIRO

---

*Serviço rápido e seguro*

---

# Os Generais do Exército ao Ministro da Guerra, através da palavra do General Cristovam Barcelos

As considerações de ordem hierárquica impedem, algumas vezes, escolhas mais felizes, à altura dum momento como este que transcede os ágapes gratulatórios, pelo sentido desta homenagem, e pela significação de que se reveste a palavra dos Chefes Militares nos instantes delicados e difíceis da guerra.

Não fossem as razões de ancianidade outro seria, Exm.<sup>o</sup> Snr. Ministro, o intérprete dos Generais do nosso Exército, que se regosijam pelo regresso de V. Ex., ufanam-se das homenagens que no estrangeiro lhe forem tributadas, e se comprazem em verificar o prestígio e a confiança que os seus patrícios lhe consagram. Acresce, ainda, que em toda a minha existência, e na minha longa vida militar, jamáis, de público, exaltei os méritos de um superior, rendí o tributo de minha admiração a um chefe, e os tive amigos, ilustres e dignos.

Estamos, porém, ambos, no ápice da carreira, se bem que um deles fulge, e sagra-se uma eminente figura de soldado; e o outro, encaminha-se, não para uma senectude gloriosa, mas para o ocaso tranquilo e feliz dos que souberam ou procuraram cumprir o seu dever.

Poucos, entretanto, estariam em melhores condições de dar seu depoimento das várias etapas da brilhante carreira de V. Ex.. O que se quer, porém, de mim, não são dados biográficos de uma vida assaz conhecida, elementos históricos da forte e marcante personalidade de V. E., e sim, a manifestação dos sentimentos que dominam e exaltam a nossa classe, sentimentos que a ela não se restringem, mas ampliam-se e estendem-se pelas camadas sociais e culturais do País.

Encaremos apenas o presente, deixando os episódios e imagens que se esfumam no tempo, as impressões indeléveis da nossa juventude e maturidade que, por vezes, se renovam, no intermínio tear dos anos.

Ministro, V. Ex., e eu, Presidente da Comissão Militar Mista Brasil Estados Unidos, testemunhando o seu assíduo e árduo labor no sentido de crear, organizar, aparelhar a nossa F.E.B.. Deu V. Ex. aos nossos soldados tudo que lhes fosse util, conveniente, necessário e imprescindível e, mais ainda — proporcionou-lhes, com a esclarecida sanção de S. Ex. o Snr. Presidente da República, a assistência espiritual. E hoje as mães brasileiras, nas suas visões meigas e cándidas, vêm ac longe, como um penhor de graças, **como o viático** das bençãos divinas, o Capelão Militar, cuja figura nos campos de batalha, um livre pensador, Maurice Barrés assim descreveu : “Padre soldado ! figura admirável que reaparece em longos intervalos na história da França, prelado das canções medievais, monge guerreiro das cruzadas, cura de 1914, homem em que residem dois mistérios e que dispõe de um duplo poder para nos comover. Tôdas as cabeças se descobrem, tôdas as fisionomias se contraem. E quando após a consagração, o padre soldado eleva a hóstia acima do campo de batalha, ouve-se o palpitar das almas.”

V. Ex. foi e continua a ser, um trabalhador avisado e incansável no apresto dos nossos homens. Se o imortal Rui declarou, de uma feita, que o sol jámais o surpreendera no leito, podemos nós dizer que a suave claridade ou os albores das nossas manhãs sempre encontravam V. Ex. no pôsto de trabalho, onde há longos e profícuos anos, como lúgio e austero colaborador do Governo, vem-se devotando aos interesses do Exército, e consagrando-se, por inteiro, ao serviço da Pátria.

Enquanto V. Ex. trabalhava no silêncio, e no silêncio outros com V. Ex. colaboravam, é penoso, mas faz-se mistér dizer — campeava a maledicência, insinuavam-se os boatos, e tomavam tómo de verdade as inverdades mais alvares sobre o

propósito dos nossos dirigentes e, é duro dizer, contra os nossos bravos, destemidos e incomparáveis soldados.

A calúnia mais desprezível, a invencionice mais cavilosa, o achincalhe mais torpe, a intriga mais ignobil, o aleive mais sórdido, a mentira mais vil, a insídia mais pérfida, a chocarrice mais grosseira, a maledicência mesquinha e o boato malévolos e insidioso, encontra sempre um nécio para acreditar, um ingênuo para impressionar, um perverso para exagerar, um descontente para aplaudir; um despeitado para propagar, um apaixonado para aproveitá-los e transformá-los em instrumento do quinta colunismo.

Sabemos que nem tudo está certo, nem todos estão certos. Aproveitadores de situações sempre os houve; o que seria de lamentar é que os haja hoje mais que os houvera ontem. Mesmo que fossem poucos, os maledicentes, os despeitados, os extremistas, fariam desses poucos "profiteurs", muitos, se não a totalidade, pois para êles é conveniente, que não haja exceções, para que a desconfiança, em tudo e em todos, seja absoluta e completa.

Na arte de inquietar as famílias, lançar confusão na sociedade, levar a descrença ao povo, amortecer os corações generosos, dissociar os espíritos, os fascistas, que surgiram há pouco mais de dois decênios, superaram em mestria e em técnica, os comunistas que se agitam há séculos. E os dois que se odeiam, opostos e separados, fazem trabalho comum de descrédito dos nossos homens e das nossas instituições. E brasileiros de bôa fé, que vibram e anceiam pela vitória da causa aliada, sem se aperceberem, com êles colaboram.

Quando não pouparam o soldado, que é a síntese dos atributos de um povo, na obediência sem doblez, no sacrifício anônimo e desinteressado, na renúncia de tudo que há de mais precioso e caro, quando êsses detratores não respeitam a sua bravura e abnegação, essência de tudo quanto vale uma raça, nada há mais capaz de deter seu ódio, seu despeito e suas ambições.

Quando convocamos os oficiais da Reserva, espalhavam que os da ativa negavam-se a seguir. E sabemos que a quasi totalidade dos nossos oficiais não pensam em outra cousa senão partir.

Aí estão os novos Aspirantes, jovens cheios de vida e de sonhos, a solicitar, numa comovedora unanimidade, a antecipação do encerramento do curso para que a sua turma tivesse o privilégio de participar da guerra. O meu próprio ajudante de ordens não poude sofreiar essa vontade. No momento da despedida, usei das seguintes palavras : "... Partir para a guerra constitúe para nós soldados, o sentido da nossa própria destinação, a meta dos nossos mais caros anhelos e justas aspirações. E havendo percebido no nosso camarada êsse sonho de moço, êsse ideal de soldado, êsses anceios irreprimíveis de uma grande vocação eu próprio concorri para que êle partisse". E êle, com outros jovens, partiu cheio de fé e entusiasmo.

Quando V. Ex. organizava e aparelhava a Fôrça Expedicionária, lançavam a princípio dúvidas sôbre a partida dos nossos soldados, e com a dilação causada pelo adiamento da grande invasão no continente Europeu, que o próprio Churchill justificou na Câmara dos Comuns, afirmavam categòricamente que os nossos soldados não seguiriam. E muitos, inocente ou maliciosamente, perguntavam — partirão ? ! . . .

E êles partiram conscientes do seu dever e com a intuição do grande papel que lhes cabia, longe da Pátria.

Afirmaram depois que muitos desertariam nas vésperas do embarque. E sabemos que foram encontrados a bordo três "clandestinos", que não sendo contemplados no primeiro escaño receavam escapar-lhes a oportunidade de lutar pelo Brasil.

No segundo embarque, a mesma ordem, a mesma disposição dos espíritos e, feita a chamada, ningum, nenhum soldado, um único siquer, faltou. E, já em um porto da Itália um soldado mineiro, um sargento paulista e outros, afirmavam que já se achavam suficientemente treinados, e que daí deviam par-

tir, sem mais delongas, a incorporarem-se aos companheiros que lutavam.

Afirmaram ter ouvido muitos soldados dizerem que, forçados a embarcar, lançar-se-iam ao mar em demanda às nossas praias. E êles foram barra afora, sorridentes, firmes, cônscios da alta missão que o destino lhes reservara.

Só quem assim partiu para a guerra sabe da angústia dos momentos de deixar, ao longe, a orla verde dos recôncavos da nossa baía, ver suas ilhas alegres e os arrabaldes afastados a ensombrarem-se, pouco a pouco, na distância; seguir, rumo ao oceano, perlongando as nossas admiráveis avenidas até defrontar, de um lado e doutro, bem próximas, com as velhas fortalezas, sentinelas seculares da nacionalidade, como que por seu intermédio, a nossa terra querida estreitasse, num amplexo terno e agradecido, àquele que parte, sem saber se volta. E êles alegres, venceram o momento cruciante.

Mostravam-se, farisaicamente, preocupados com a impressão que causariam os nossos soldados aos outros povos saturados de civilização. E um oficial americano, acostumado a essas longas travessias, declarou que jamais vira tanto asseio, tanta ordem, tanta disciplina e tão bom humor. O próprio Sumo Pontífice, quando V. Ex. o visitara, louvou a conduta dos nossos homens, enalteceu e agradeceu o carinho e a bondade com que êles tratavam a população civil.

Extranhava-se que os nossos dirigentes lançassem a nossa tropa contra combatentes vigorosos, aguerridos, contra os melhores soldados do Mundo! Como se houvesse, nesse mundo, soldado mais resistente, mais sóbrio, mais agil, mais sagaz, mais estoico, mais resoluto e mais bravo que o soldado brasileiro!

O grande Chefe General Clark, o ilustre General Wooten, além de outros, manifestaram a V. Ex. o seu entusiasmo pelo nosso soldado, e ambos afirmaram que os soldados do Brasil rivalizavam em preparo e ardor com os melhores, se não os excediam.

Podem faltar-nos atributos militares, mas nenhum povo se avantaja ao nosso em qualidades guerreiras. Daí a intrepida-

dez dos nossos marujos, o arrôjo dos nossos pilotos, o valor do nosso soldado.

Para desairar o conceito sobre o nosso Exército asseguraram que a F.E.B. seria apenas empregada como tropa de ocupação. V. Ex. lá esteve e, com a serena coragem que o caracteriza, percorreu todos os postos, foi aos escalões mais avançados, tomou conhecimento das importantes missões que vem sendo atribuídas à nossa Fôrça nas abruptas serranias dos Apeninos, sentiu a firmeza de Mascarenhas de Moraes e Zenóbio da Costa, e reviu do Tunel e da investida sobre Campinas, o soldado que nós, ambos, conhecemos nos seus desprendimentos e nos seus heroismos.

E V. Ex. voltou pleno de alegrias e de justo orgulho. Levou o estímulo e a sua preciosa solidariedade aos nossos combatentes. Mas, lá, também V. Ex. recebeu a maior das recompensas — ver o alcance do sacrifício desses novos cruzados, e saber que foi V. Ex. magna-pars dessa arrancada magnífica e redentora.

Cruzados que, como os medievais, despertam a Europa, fazendo-lhe lançar o olhar além dos panoramas do seu continente, mostrando-lhe que nas Américas há povos fortes e viríssimos que sabem lutar, morrer, e vencer pelas grandes causas da humanidade.

E a energia dos nossos soldados mostrará a energia do nosso povo; a sua generosidade, a bondade da nossa gente; o seu valor, o valor da nossa raça. Raça que não se define nos que fraquejam, mas nos que lutam; não nos que gozam, mas nos que se sacrificam; não nos que se acobardam, mas nos que enfrentam o perigo; não nos egoistas, mas nos que conhecem as belezas da renúncia; não nos que se eximem de servir à Pátria mas os que a defendem. Não exprime a gente brasileira os homens dos "dancings", mas os dos campos, nem os das tabuleiros mas os das fábricas, não os que perambulam pelas cidades mas os que amanhã a terra; não os que se postam nas esquinas e permanecem nos cafés, mas os que meditam e trabalham nos gabinetes, os que estudam e pesquisam nos labora-

tórios, e os que mourejam nas oficinas. São brasileiros os que vivem e se esforçam por um ideal, têm uma vocação e a seguem, tem u'a missão e a executam, tem um dever e o cumprem; e não essas almas apáticas, indecisas e fracas, que vivem uma dessas vidas sem vontade que, no dizer de Gilberto Freire, são quasi morte.

Perdoem-me, todos, essas digressões.

O Brasil vive a sua hora culminante e decisiva. E nos instantes dessa hora o nosso pensamento dirige-se insensivelmente para os nossos patrícios que lutam nos campos de batalha da velha Itália.

E por isso, recebendo o honroso encargo de saudar V. Ex. voltei-me a cada passo para os intrépidos expedicionários.

Mas V. Ex. é também um expedicionário: esteve no teatro de operações e nele lhe foi atribuído um alto e honroso comando — homenagem dos grandes Chefes americanos que profundamente nos sensibilizou.

Saudando, portanto, aos nossos valorosos combatentes, podemos e devemos fazê-lo na pessoa de V. Ex. que tão bem encarna a energia e a bravura do soldado brasileiro.

#### **COMO FALOU O GENERAL EURICO DUTRA AOS GENERAIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO**

Senhores Generais:

Muito me sensibiliza mais esta demonstração de amisade e camaradagem que ora recebo' dos meus colegas, ao regressar da visita aos nossos companheiros que, além-mar, tão dignamente vêm representando o Exército brasileiro, defendendo com denodo nossa bandeira.

Já tenho tido oportunidade de externar, e mais uma vez o faço, todo o meu júbilo pelo que me foi dado observar nos dias passados ao lado da nossa força expedicionária, como confortadores foram os conceitos que a seu respeito tantas vezes ouvi dos Chefes mais destacados e da oficialidade dos exércitos ingleses e americanos, dos membros das governâncias aliadas e de pessoas gradas do povo italiano!

Regressei, assim, ao meu gabinete de trabalho, reconfortado com aquela visita, que muito contribuiu para dissipar do meu espírito as apreensões sobre a conduta que teriam nossos oficiais e praças ao enfrentar um adversário experimentado e agressivo como é o soldado ale-

mão. Por outro lado, perguntávamos a nós mesmos que contribuição iríamos prestar às fôrças aliadas, constituidas em geral de soldados veteranos, recrutados num meio selecionado e compenetrados do espírito de guerra, nós que há mais de setenta anos não nos empenhávamos numa luta regular, e éramos, agora, enviados ao teatro de operações sob a impressão duma quase generalizada opinião pouco favorável a essa cooperação militar.

O espírito público, bem o sabeis, embora despertado e alertado por constante propaganda exterior sobre o problema da guerra, não o havia ainda apreendido em todos os seus aspectos nacionais, nem se integrara das consequências que nos traria em seu bôjo a luta pela qual nos decidimos.

A maioria dos nossos compatriotas reclamava, sem dúvida, a guerra; mas raros os que desejavam ver nosso pavilhão tremular nos campos de batalha.

Esse ambiente, de certo modo desfavorável, e a falta de uma preparação psicológica do povo, haviam forçosamente de dificultar e entravar nossa mobilização, trazendo às autoridades militares sérios embarracos e sérias preocupações, porque não podíamos nos embalar em festivas cadências de ilusões, nem marchar para a guerra de olhos vendados.

Sem fronteiras ameaçadas ou invadidas, sem sequer a esporádica ocorrência de um raide aéreo, tendo, pelo contrário, como neutralisante de qualquer iniciativa de preparo dos espíritos para a luta a lembrança da nossa platônica intervenção na guerra passada, restrita, quase, a manifestos, passeatas e veementes declarações de votos, quedou-se a opinião pública alheia ao problema de nossa participação direta no conflito.

Vivendo êsse mesmo ambiente, o próprio Exército chegava a duvidar de nossa efetiva cooperação militar com os aliados.

Em tais condições, tivemos que enfrentar uma série de dificuldades de toda a natureza na organização e aparelhamento da fôrça expedicionária, dificuldades de que dispenso de enumerá-las porque as experimentastes a cada momento.

Vencidos tais óbices e atingida com algum êxito a primeira fase de nossos esforços, tenho a satisfação de congratular-me convosco por êsse resultado e agradecer o apôio e a solidariedade que sempre me prestastes nesse período delicado e trabalhoso de nossa administração.

Mas não podemos dar por finda a nossa tarefa. Na eventualidade de termos que enviar para o teatro da luta novos elementos de reforço às unidades que já lá se encontram, afim de que sua atuação se faça sentir cada vez mais eficaz e não venham a decair no conceito de nossos aliados, novos esforços teremos que fazer, concentrando nesse objetivo

toda a nossa atenção, sem prejuízo evidentemente da estrutura do Exército e da sua eficiência, mas relegando para melhores dias quaisquer despesas e iniciativas adiáveis.

Renovando meus agradecimentos por esta desvanecedora homenagem e extremamente sensibilizado com a saudação que o meu velho amigo General CRISTOVÃO BARCELOS acaba de dirigir-me, convido a todos os colegas a erguer comigo suas taças num brinde aos camaradas que nesta hora estão combatendo em território italiano, confirmado as tradições gloriosas do Exército Brasileiro.



# KODAK

*Um*  
**POSTO AVANÇADO**  
em cada cidade ou vila



NÃO obstante todas as dificuldades causadas pela guerra, a Anglo-Mexican mantém as suas filiais e agências para a venda dos produtos SHELL de Norte ao Sul do país, cooperando e tudo fazendo no sentido de bem servir ao Governo e as indústrias nacionais.

## ANGLO - MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

PRACA 15 DE NOVEMBRO, 10 - RIO DE JANEIRO - RUA DR. FALCÃO FILHO, 56-B<sup>a</sup> - SÃO PAULO

Prefíram sempre os tecidos que levam como garantia de qualidade a marca registrada



## Kepler Irmãos & Weber

Pindorama — Estação Belizario — Município Cruz Alta — Rio Grande do Sul  
Fábrica de Máquinas Agrícolas e Industriais

Engenhos de Arroz, Selecionadores para sementes etc.

Fornecedores, de aparelhamentos de silo p. cereais ao Estabelecimento de Subsistência Militar. — Máquinas classificadoras de cereais e outras. —

Secretaria da Agricultura. — Ministério da Agricultura.

## ANILINAS "REGINA" para todos os fins

Kurt Keller — Pôrto Alegre

Rua Barros Cassal, 42 - Caixa Postal 290

Telefone: 5794

# As características da organização militar e o General Tiburcio

— “A organização militar de um país não pode ser o *fac-simili* da organização militar de outro; ao contrário, é conveniente sujeitá-la a variação ou diferenças aconselhadas pelo modo porque se pode ou deve fazer a guerra, tendo-se em conta entre outras cousas : — a natureza do sólo, os recursos materiais do país, a índole do povo, as tradições militares, o grao de civilização.” . . .

(Carta parecer sobre um projeto de organização do Exército, 1878 — Doc. 7854 — Lata 232 — Col. Ozorio — do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Extraído pelo cel. J. B. Magalhães).

## A CULTURA DO MILITAR

“Nunca é tarde para nos dedicarmos ao estudo das cousas que constituem a parte especulativa da nossa profissão.” — General Tibúrcio (Doc. 7854 — Lata 232. Col. Ozório — Inst. Hist. Gog. Brasileiro) — Extraído pelo Cel. J. B. Magalhães.

### PRODUTOS “UHR”

BOMBAS HIDRÁULICAS em geral. — MAQUINAS PARA MATAR FORMIGAS “SALVADOR” — EIXOS PARA SERRAS CIRCULARES — CARNEIROS HIDRÁULICOS.

OFICINA MECÂNICA — FUNDIÇÃO — NIQUELAÇÃO

**UHR & CIA. LTDA.**

Rua Dr. Flores, 103 — Porto Alegre — R. G. do Sul

# A Defesa Nacional

em

## SÃO PAULO

A representação exclusiva desta revista no Estado de São Paulo, capital e interior, está a cargo do Bureau Interestadual de Imprensa, cuja sucursal se acha instalada na Rua Barão de Piranapiacaba, 61 - 4.<sup>o</sup> andar, — Telefone 2-5841.

Os interessados pôdem dirigir-se ao endereço supra para anuncios, assinaturas, etc.

Chefe da Sucursal: — Mario Herédia.

Só podem efetuar recebimento de contas de **A DEFESA NACIONAL** os cobradores devidamente autorizados pelo chefe da Sucursal do B.I.I.



Anunciar na A Defesa Nacional é fazer  
publicidade eficiente.

# EXCERTOS

*Esprit de Madame de Girardin — (recueil).*

Prefácio de Lamartine. 1856.

Trad. do Cel. R.B. NUNES

Cada um de nós, diz-se, tem qualquer cousa de um *animal* mais ou menos feroz, mais ou menos inteligente; temos, na fisionomia, um traço característico notável que corresponde ao de um animal qualquer. Pareceis uma águia; aquêle senhor tem ares de tigre; a senhora parece uma fuinha, e aquela senhorinha lembra um esquilo. Esta opinião não está consagrada, e muita gente tem o direito de compartilhar dela, mas um de nossos amigos, partindo dêste princípio, propôs o problema de maneira mais absoluta. Segundo êle, a espécie humana se compõe de duas grandes raças bem distintas, a saber: os *cães* e os *gatos*. Não pretende dizer com isto que vivamos todos como cães com gatos; ao contrário, admite a simpatia entre as duas raças, que são diferentes, porém não inimigas; e explica-se assim:

O indivíduo pertencente à *raça canina* possui tôdas as qualidades dêsses animais: a bondade, a coragem, a dedicação, a fidelidade e a franqueza; mas tem também os mesmos defeitos: a credulidade, a imprevidência, a bonomia, sim, a bonomia!... porque a bonomia, que é uma virtude do coração, é um defeito de caráter.

O homem-cão, propriamente dito, é rico de qualidades firmes mas, em geral, falta-lhe habilidade e o poder de encantar. O homem-cão, raramente é sedutor; destina-se aos encargos de responsabilidade; é levado, por vocação, para as situações que exigem coragem, franqueza, probidade; o homem-cão é sempre

um bom soldado; esta raça produz sempre os melhores maridos e os melhores criados, os amigos sinceros, os bons camaradas, os simplórios sublimes, os heróis, os poetas, os filantropos, os tabeliães fieis, os mercieiros modelares, os comissários, os aguadeiros, os caixas, os funcionários dos bancos e os estafetas postais; enfim, o homem-cão prefere sempre os lugares em que possa continuar a ser um homem honesto.

O homem-cão é estimado por todos, mas raramente é amado; nasceu para a amisade; é suscetível de amar ardente mente, mas é incapaz de inspirar amor; esposa, quase sempre, aquela que o *seduziu*. O homem-cão empresta dinheiro a jovens autores de "vaudevilles", que lhe negam entradas de teatro; o homem-cão, tem frequentemente uma esposa galante, a quem adora, e filhos ingratos que o arruinam. Sócrates, Régulo, os virtuosos Calas e Whasington, pertencem à raça do homem-cão.

O homem-gato, ao contrário, só é objeto de ardis que não logram êxito. Não possui nenhuma das qualidades: é egoista, avaro, ambicioso, ciumento e pérfido; mas é prudente, hábil, galanteador, elegante, persuasivo, dotado de inteligência, de sedução, e é maneiroso. Possui experiência infusa; adivinha o que ignora, comprehende o que se lhe oculta; afasta, neutraliza com maravilhoso instinto, tudo quanto possa prejudicá-lo; o homem-gato desdenha sómente as virtudes inúteis e sabe adquirir quantas lhe sejam proveitosas. A raça do homem-gato produz os grandes diplomatas, os administradores, os... Não; é preciso não ofender ninguém. Produz quase todos os sedutores e, geralmente, os homens aos quais as mulheres chamam *pérfidos!* Ulisses e Aníbal, Péricles e o marechal de Richelieu, pertencem à raça do homem-gato; devemos-lhe a maior parte de nossos homens "da moda", e vários homens de Estado, por exemplo, o senhor... Não; é preciso não lisonjear ninguém.

E não é tudo. Este engenhoso sistema admite todos os matizes que a educação pode produzir: assim, o homem-cão, cuidadosamente educado entre os homens-gatos, é suscetível de adquirir, à custa de estudo e de perseverança, alguns defeitos

úteis de seus mestres e perder algumas de suas qualidades preciosas; tornar-se-á desconfiado e menos generoso; aprenderá a dissimular, a calcular; conservará a bondade natural, mas saberá repelir, com habilidade, aquêles que dela pretendessem abusar; formará o coração e o espírito, isto é, será devotado com prudência, e conscientioso sem sacrifício; em suma, adquirirá alguns maus sentimentos que o aperfeiçoarão.

O homem-cão educado entre os gatos, o homem-cão educado na... Normandia, dá uma qualidade soberba de prefeitos, de banqueiros, de manufatureiros e de grandes industriais; são os homens honestamente hábeis; são sedutores, porque adquiriram a elegância de maneiras e a graça da linguagem; sabem agradar, porque conhecem o que desagrada; são, ao mesmo tempo, sinceros e lisonjeadores, ingênuos e desconfiados, graciosos e ríspidos; têm o que se denomina originalidade; são amáveis e, não raro, muito estimados.

\* \* \*

Não se é ridículo, não se é vulnerável, senão pelas próprias pretenções.

\* \* \*

O destino dos orgulhosos é serem arrastados por aquêles a quem desprezam.

\* \* \*

Os misantropos são honestos; por isto é que são misantropos.

\* \* \*

Aos olhos dos observadores, as únicas causas sérias d'este mundo são as ninharias, porque não há nada de mais primitivo, de involuntário e, por conseguinte, de sincero, do que as ninharias. Nos grandes atos da vida, observamo-nos, enfeitamo-nos e, às vezes, nos mascaramos... Mas, traímo-nos nas ninharias de todos os dias. As grandes ações não revelam ao observador o que queremos ser; só as ninharias lhe mostram o que somos.

As almas superiores são fáceis de enganar, porque as coisas mais extraordinárias, as fascinações, os fenômenos, os milagres, tudo enfim, lhes parece mais provável do que uma ação indigna.

\* \* \*

Como teríamos coragem para destruir uma ilusão que nos aproveita?

\* \* \*

Há jovens de vinte anos que têm reumatismo; há outros — mais infelizes — que têm experiência. Aos vinte anos, quando a vida começa, saber aonde se vai, é atroz.

\* \* \*

Um homem de espírito disse: Em política, há três manei-  
ras de ver: *antes, durante e depois*. As pessoas de inteligência  
apurada vêem *antes*, pressentem os acontecimentos pelas causas,  
pressagiam as desgraças pelos erros, julgam da colheita pelas  
sementes, são os profetas: são admirados, mas todos se limi-  
tam à admiração. Os homens de espírito reto e justo, mas a  
quem nenhuma luz do alto esclarece, vêem *durante*, e já é mui-  
to. Compreendem o perigo quando o perigo se apresenta e, se  
não tiveram o instinto de prevê-lo, dispõem, pelo menos, de  
inteligência para afastá-lo; dão aos fatos que se realizam o  
nome verdadeiro; dizem de uma desgraça: é uma desgraça, e  
de uma vileza: é um crime; não são profetas e sim juizes e, às  
vezes, também hábeis médicos.

Os espíritos medíocres; os cérebros estreitos; os grandes  
olhos inexpressivos; os pequenos olhos apertados; os néscios  
de idéias falsas; os faladores incrédulos, que duvidam de tudo  
porque não duvidam de nada; os ingênuos galvanizados pelas  
paixões dos outros; toda essa malta ignorante que se considera  
flutuante entre o bem e o mal, mas que na realidade não hesita  
jamais em praticar más ações, toda essa gente vê *depois*.  
Quando os acontecimentos estão irrevogavelmente desencadea-  
dos e já não há mais remédio, abrem, enfim, os olhos e perce-  
bem, apavorados, as tolices que cometaram, as desgraças irre-  
paráveis que ocasionaram.

Negar um perigo, não vos impede de sucumbir, mas sómente de agir oportunamente e de conjurá-lo enquanto é tempo.

\* \* \*

Conhecer o segredo das próprias fôrças é, quase sempre, descobrir que não se serve para causa nenhuma. Esta descoberta seria desagradável para os ambiciosos de nossos dias. E' sua doce confiança, ao contrário, que lhes empresta todo o poder; acreditam-se capazes; a fé adquire foros de direito, e exclamam: "Eis o fim!" O público ingênuo repete: "Eis seus fins!", e, sem indagar se são capazes de atingí-los, auxilia-os a prosseguirem porque, neste mundo, estamos habituados a julgar as pessoas, não pelo seu valor, mas por suas pretensões; e alimentariam muito poucas pretensões se tivéssemos aprendido a conhecer-nos.

O desconhecimento de si mesmo é, portanto, uma condição necessária para triunfar. Ah! todos êsses adventícios que vemos tão orgulhosos por haverem arrebatado altas funções que são incapazes de exercer, não teriam chegado onde se encontram, se tivessem consciência de si msmos; ter-se-iam tornando humildes, teriam compreendido sua vocação, e jamais ouhariam ambicionar tais lugares; a modéstia tê-los-ia privado de uma felicidade que só a presunção lhes concedeu.

\* \* \*

As cousas mais vís tomam nomes encantadores. O bom êxito purifica tudo; a necessidade desculpa as cousas mais indignas.

\* \* \*

Os médicos dividem a humanidade por categorias de temperamentos, e nos classificam à primeira vista. Para êles, não somos o senhor tal, a senhora qual, um fulano, um homem ou uma mulher: somos um sanguíneo, um bilioso, nervoso ou linfático. Conhecemos um hábil doutor que levava a tais extremos a mania da denominação médica, que sómente se exprimia assim: "Tem espírito êsse jovem *bilioso* que vi ontem em sua casa". — E' o senhor X... — Ah! conheci muito sua mãe; era outrora uma pequena *sanguínea* bastante amável". Se diante

dêle advertíssemos uma criada preguiçosa, meneaya a cabeça, e dizia em voz baixa: "linfática!" Se uma linda criança o acariciava, abraçava-a, dizendo: "Bela organização!... nervo sanguínea!..." O que não o impedia de tratar todos os seus doentes de igual maneira, biliosos, linfáticos, ou nervo-sanguíneos, e de matá-los sem distinção, com a mais conscienciosa imparcialidade.

\* \* \*

A independência de espírito é uma colina de onde se vê com elevação e longe.

\* \* \*

A indecisão é a morte, a inércia, desânimo, a esterilidade.

\* \* \*

Que felicidade ser livre, livre com a mais bela das liberdades, a do pensamento! Não arrastar a cadeia de nenhum partido, ser independente do poder, não se haver aliado a seus inimigos; não ser forçado a defender nem as tolices de uns, nem a má fé dos outros; não ser responsável pelos atos de ninguém; poder agir no próprio nome, por si; não prestar contas de sua vida senão a Deus; ouvir apenas os conselhos da consciência; confiar, sem temor, nesse instinto puro da verdade que o céu pôs em nossos corações, e ao qual chamamos fé; admirar sem parecer lisonjeador; ser justo sem recear ser generoso; procurar o lado bom de todas as cousas; ver com olhos puros e ouvir com ouvidos independentes; viajar sem ordens e parar a seu belprazer, onde o lugar fôr mais belo e o sol mais brilhante; não ter necessidade de perguntar quem é o dono da terra, para saber se nos devemos sentir bem; não precisar inquerir do nome do ator, para saber se é preciso aplaudir; reter indiferentemente todas as árias, se forem armoniosas; inebriar-se imparcialmente com todos os perfumes; distrair-se com todos os espíritos, apreciar todos os talentos, sejam quais forem as cores de que se revistam; honrar todas as coragens, sem olhar as bandeiras que defendam. Que felicidade não ter padrinhos políticos, nem deveres convencionais; não ser obrigado a ódios: não ser arrastado a nenhuma mentira; ser livre, enfim!

Quando uma cousa nos é assaz indiferente, mas nos preocupa de maneira singular, é um indício de que nos devemos inquietar. Nosso instinto inspira-nos, adverte-nos; nossa inteligência fareja aquilo que a razão não vê, porque o instinto é o nariz do espírito.

\* \* \*

Até que ponto o orgulho pode paralizar o coração mais sensível !

\* \* \*

Para poder louvar com proveito, é preciso saber reprovar com coragem. Um historiador que narrasse sómente as cousas belas, não passaria de um bajulador vil; a História fiel é o espelho dos tempos, e o espelho não escolhe as imagens.

\* \* \*

E' bom que as pessoas que dirigem saibam que, um dia, pedir-lhe-ão contas do caminho que escolheram; convém narrar de quando em quando, as ações dos que agiram, pois isto dará que pensar aos que agem.

Se soubéssemos, com antecipação, que tôdas as nossas obras seriam conhecidas mais tarde, haveria muitas, talvez, de que nos abstivéssemos. A idéia de que tôdas seriam conhecidas, hoje ou amanhã, atuaria sem que o quiséssemos, sobre nossa conduta, purificaria nossos pensamentos, enobreceria nossas ambições.

\* \* \*

Só os defeitos fazem triunfar no mundo. De todos os defeitos, o mais proveitoso, o que se deve cultivar com o maior carinho, é a presunção. Este defeito é por si só, uma fortuna. Mais vale para um jovem, que quer avançar, ser presunçoso e não ter vintém, do que ser modesto e possuir terras na Normandia. A presunção é um patrimônio.

Depois da presunção, o melhor defeito, pode ficar-se seguindo a inépcia completa. Graças a este defeito, pode ficar-se seguindo de conseguir uma boa sinecura no mundo.

Tendes dois jovens primos: um, é rapaz cheio de coragem, de atividade, de inteligência; reconheceis seu mérito, dizendo:

"Ah! êste não me inquieta." E, com efeito, não vos preocupais absolutamente com seu destino. Não o protegeis nem o auxiliais; preteris deixar-lhe inteira liberdade de ação: que se arranje como puder. Sabeis que não vos pedirá cousa nenhuma. Mas, êle tem um irmão que é perfeito imbecil, desconhece a ortografia, é incapaz de exercer a mais simples profissão. Êste, vos inquieta, porque vos causará mil aborrecimentos. Então, reunis a família, e dizeis com ansiedade: "Que faremos do Augusto?" E os parentes, consternados, sabendo o que se pode esperar do jovem senhor, entreolham-se, e repetem: "Que se poderá fazer do Augusto?" Não conseguirá, jamais, fazer alguma cousa por si só; é preciso arranjar-lhe um lugar na administração (pobre administração!), ou um emprêgo público (pobre serviço público!) Que Deus vos preserve do Augusto!

A' primeira vista, esta idéia de meter nos negócios do país um jovem que é incapaz de cuidar dos seus, pode parecer monstruosa, insensata, impraticável... Pois não é, absolutamente. Graças ao zêlo, digamos melhor, graças ao desespôro de todos os parentes, Augusto obterá o lugar que se ambiciona para êle. Seu tio, o deputado, fará, por êle, vinte pedidos, prometerá seu voto e seu *contra-voto*. Seu primo, o diretor geral, fará, para isso, em sua repartição, duas ou três transfeências que ficarão para sempre inexplicáveis. Sua tia a baronesa, fará dezenove visitas a amiguinhas parvas, que despreza. Sua prima, a bela indolente, desmanchar-se-á em cem seduções a velhos gamenhos, que a enojam. A boa mãe, irá chorar por tôda parte!... Sim, Augusto conseguirá o emprêgo; é verdade que o perderá dentro em pouco, mas será para obter outro melhor, porque o primeiro, que não soube exercer, será levado em conta como precedente muito favorável. Perderá, igualmente, o segundo, e a família, coligada, lhe arranjará um terceiro, um quarto, depois um quinto, muito bom, que êle conservará; — os bons lugares são aquêles onde não há nada que fazer.

Assim, Augusto sempre ajudado, sempre elevado pela família poderosa, chegará rápidamente à abastança, ao passo

que seu pobre irmão permanecerá muito abaixo dêle, porque, um homem inteligente, a pé, vai muito menos rapidamente do que um imbecil, de carruagem; porque um homem independente, que tudo espera de seu trabalho, não tem por si senão suas fôrças, únicamente; um preguiçoso imbecil, ao contrário, tem por si tôdas as fôrças de tôdas as pessoas poderosas e influentes, que são responsáveis por êle.

A susceptibilidade é, também, um ótimo defeito. Não se trata nunca sem atenções uma pessoa susceptível. Dão-lhe a melhor parte e o melhor lugar. Mostrar-se suscetível, é criar um horizonte encantador de boas maneiras de boas poltronas, de asas de frango etc. E', enfim, obter as maiores honrarias com que um homem cá de baixo possa sonhar, é... não ser jamais esquecido...

A importunação, é outro excelente defeito, de resultados muito agradáveis. Os importunos são irresistíveis, mesmo no amor.

Pela mesma razão, os teimosos têm também muitas oportunidades. Diz-se de um teimoso: não conseguireis nada dêle. E deixam-no sozinho. E' sempre assim: a teimosia é um dos defeitos que inspiram respeito; e êstes são os melhores.

A grosseria é boa causa; um acesso de cólera responde a tudo. Uma tempestade é um argumento como qualquer outro; um belo furor serve para ocultar um procedimento de vilão. Demais, com uma ameaça, obtém-se rapidamente um favor. neste século de medo, as ameaças são os pedidos mais poderosos; felizes daquêles perante os quais se treme; sómente êstes têm aduladores.

A insolência é também defeito estimável, mas apresenta alguns perigos. Felizmente os homens privilegiados que o possuem, são dotados de um instinto maravilhoso; governam êsse defeito com incomparável habilidade: sabem reconhecer, sem jamais se enganarem, a hora, o tempo e o lugar em que é conveniente empregá-la, e as pessoas com as quais é vantajoso utilizá-la. Graças à insolência, é possível no mundo... Mas, para quê dizer? Sabeis melhor do que eu.

No mundo político, certos defeitos valem por tesouros. Ser versátil, não ter caráter nem principios, é criar um belo futuro de poderio e de crédito.

O homem assaz feliz para que dêle possam dizer que não tem consciência, é um homem cuja fortuna política está garantida.

\* \* \*

Quando se está embaraçado, contam-se anedotas.

\* \* \*

Um belo espírito me dizia, certa vez, que, para êle, a humanidade se dividia em duas classes: os *condutores* e os *conduzidos*; os que são sempre senhores em tôda parte, e os que, ao contrário, esperam a impulsão de outro para agir; os objetos e os reflexos; os pastores e os rebanhos, os Orientes e os Pílades. E êste homem acrescentava que a arte de governar, isto é, de escolher, residia integralmente na aplicação exata desta descoberta. Com efeito, há certos cargos para os quais sómente os *conduzidos* são adequados; outros existem, que só os *condutores* podem exercer. Há outros ainda, que os *condutores* devem ocupar durante certo tempo, mas que, em seguida, devem tornar-se propriedade dos *conduzidos*; a princípio, os *condutores* para criar, organizar, para impulsionar as grandes cousas, as vastas emprêsas; depois dêles, os *conduzidos*, para continuar a obra, como subordinados, para manter a roda precisamente na trilha antes traçada. Os primeiros, têm gênio, coragem, vontade; os segundos, a paciência que, por vezes, vale mais do que a força. Uns, têm energia; outros, prudência; cada qual em seu lugar, poderá pôr em evidência grandes qualidades e valor.

O segredo está em escolher bem os lugares para êles.

\* \* \*

Um tolo que fale com firmeza, pode dizer muitas parvoices impunemente.

Começamos por declarar que não se triunfa no mundo senão pelos defeitos; devemos acabar provando que, neste mesmo mundo, só se perde pelas qualidades.

Se há defeitos proveitosos e lucrativos, há igualmente qualidades nocivas e fatais. E são as mais belas, infelizmente.

A dignidade — cria cem inimigos encarniçados. No mundo, mais vale ser medíocre, sem personalidade e malévolos, do que digno, reservado e generoso.

A bondade — não prejudica propriamente, mas desvaloriza.

A franqueza — faz passar por louco, e a independência, por original.

A imparcialidade — isola, e dentro em pouco, sereis suspeito.

A coragem — é, no mundo, uma virtude mortal. O homem que demonstrou ser corajoso, é um homem perdido; é um paria de quem todos fogem, receosos de se deixarem arrastar por ele; é melhor passar por leproso, do que por ter impávida coragem. O homem corajoso não encontra nenhym para auxiliá-lo, nem para defendê-lo; acha, sómente, algumas mulheres que o aplaudem e amam.

Mas, de tôdas as qualidades, à mais fatal, para a qual não há perdão; a que lança numa existência maiores tormentos e desgostos; a que nunca é desculpada e jamais compreendida, é a mais nobre de tôdas: a delicadeza! É qualidade perniciosa, não sómente porque humilha todos quantos não a possuem, como também porque, sempre rodeada de mistério, presta-se naturalmente à calúnia. Nada atrai mais prontamente horíveis suspeitas, do que uma bela ação inexplicada; nada se parece mais com o excesso do mal, que o excesso do bem.

\* \* \*

A História é um belo retiro para o homem de Estado.

# A DEFESA NACIONAL

Matéria para o número de 10 de dezembro de 1944.

- 1.<sup>º</sup> — EDITORIAL.
- 2.<sup>º</sup> — O PAPEL DAS BASES ESTRATÉGICAS DO NORDESTE NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA DO APÓS-GUERRA — Major Adalardo Fialho.
- 3.<sup>º</sup> — COMANDAR — Ten.-Cel. Altamiro Braga.
- 4.<sup>º</sup> — GOVERNO MILITAR ALIADO NA SICILIA — Trad. do Ten.-Cel. Paulo MacCord.
- 5.<sup>º</sup> — A ARTILHARIA NA DEFESA DE STALINGRADO — Trad. do Ten.-Cel. Armando Vacconcelos.
- 6.<sup>º</sup> — A ENGENHARIA DESCOBRE NOVOS MÉTODOS DE GUERRA — Trad. do Cap. Newton Faria Ferreira.
- 7.<sup>º</sup> — RECONHECIMENTO DE PONTES — Cap. Tasso de Aquino.
- 8.<sup>º</sup> — ECONOMIA DE FARDAMENTO — Major W. Menina Barreto.
- 9.<sup>º</sup> — EMPREGO DAS MINAS NA GUERRA — 1.<sup>º</sup> Ten. D. Bernardino Bagur (Ex. Arg.).
- 10.<sup>º</sup> — EXCERTOS — Trad. do Cel. Renatô Batista Nunes.
- 11.<sup>º</sup> — UMA SUGESTÃO — Major José M. Garcia.
- 12.<sup>º</sup> — AS ENXURRADAS NO RIO GRANDE DO SUL — Major Levy R. Bittencourt.
- 13.<sup>º</sup> — GENERAL CÂMARA — Cel. Rinaldo Câmara.
- 14.<sup>º</sup> — BOLETIM.
- 15.<sup>º</sup> — REVISTAS EM REVISTA.
- 16.<sup>º</sup> — NOTICIÁRIO E LEGISLAÇÃO.

# ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

PROJETO E ORÇAMENTO DE UM P. C. DE A. D. EM  
GALERIA DE MINA

Major PASTOR ALMEIDA

## I — Localização do abrigo.

Preliminarmente, consideramos que motivos de ordem tática determinaram a escolha do abrigo na ravina representada na página 3, pelo croquis do levantamento feito pelo oficial encarregado da construção.

A esse oficial coube, então, o trabalho de reconhecer o local e munido de trena, bússola e clinómetro procedeu ao levantamento expedido da região, afim de, sobre o croquis detalhado, estudar as possibilidades de sua construção, dentro dos requisitos técnicos.

A construção de um abrigo em galeria de mina exige um estaqueamento perfeito e para isso é mister que no projeto as suas linhas principais sejam convenientemente amarradas.

## Amarração.

- Ponto origem 0: Estaca testemunha de 0m.15, de diâmetro, cravada neste ponto.
- Direção OA: 90º N. E.  
Distancia do ponto 0 ao ponto A: 2m.40.
- Direção AC: 84º S. E.  
Distancia do ponto A ao ponto C: 15 ms.
- Direção CE: 88º N. E.  
Distancia do ponto C ao ponto E: 16m.20.

*Desenvolvimentos e direções.*

- Saída AB: OAB — 90°.  
Distancia AB — 10m60.
- Saída CD: ACD — 98°.  
Distancia CD — 11m.30.
- Saída EF: CEF. — 90°.  
Distancia EF — 10m.90.
- Corpo do abrigo: GH — ABH — 90°.  
Distancia GH — 35m.80.

*Cótas e declividades.*

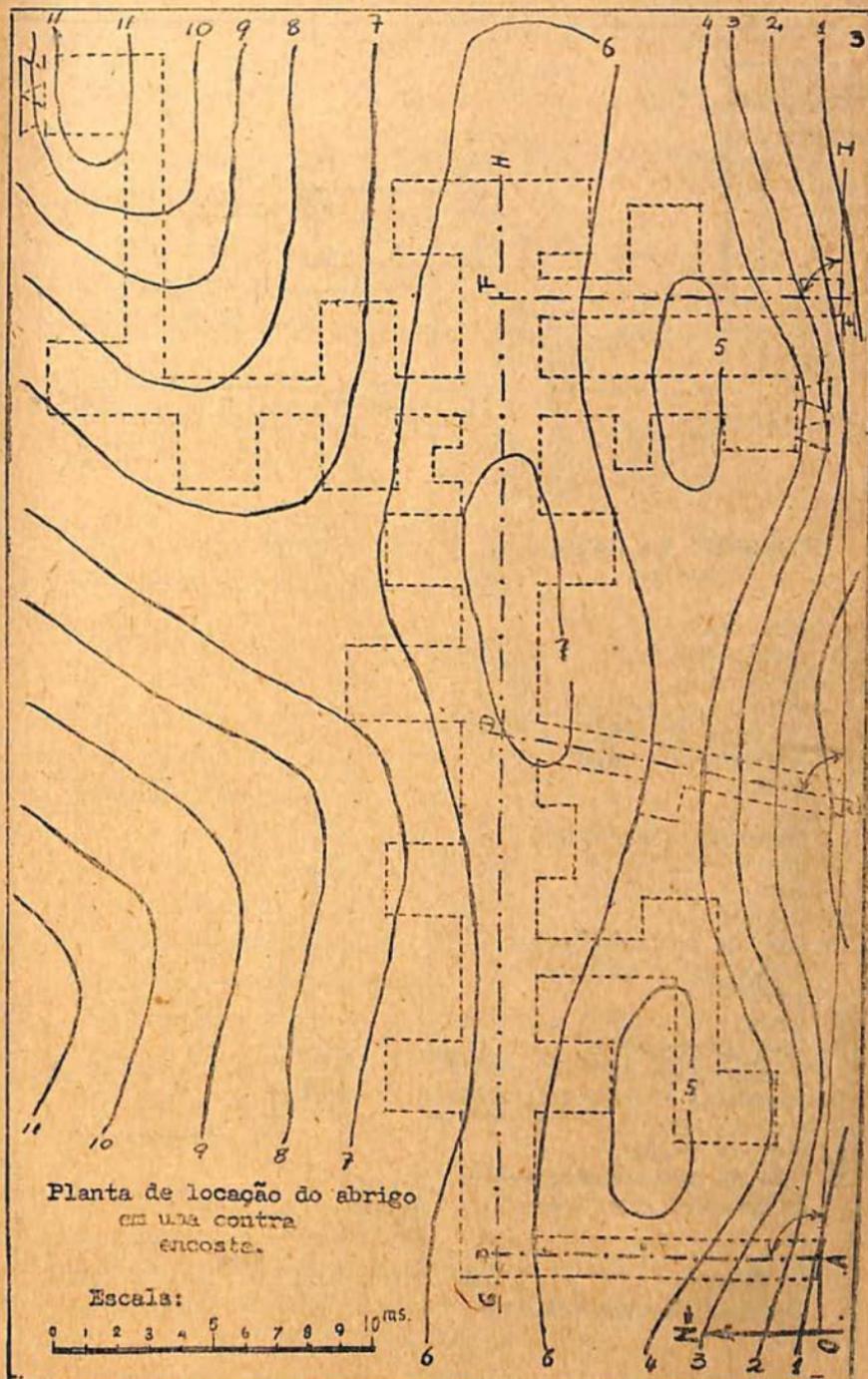
- Saída AB: Declividade para o exterior 2 cms/m.  
Cota da soleira do 1.º caixilho ..... 35 ms.
- Saída CD: Declividade para o exterior 1.6 cms/m.  
— Cota da soleira do 1.º caixilho ... 35 ms.
- Saída EF: Declividade para o exterior 1.7 cms/m.  
Cota da soleira do 1.º caixilho ..... 35 ms.
- Corpo GH: 35 m 16

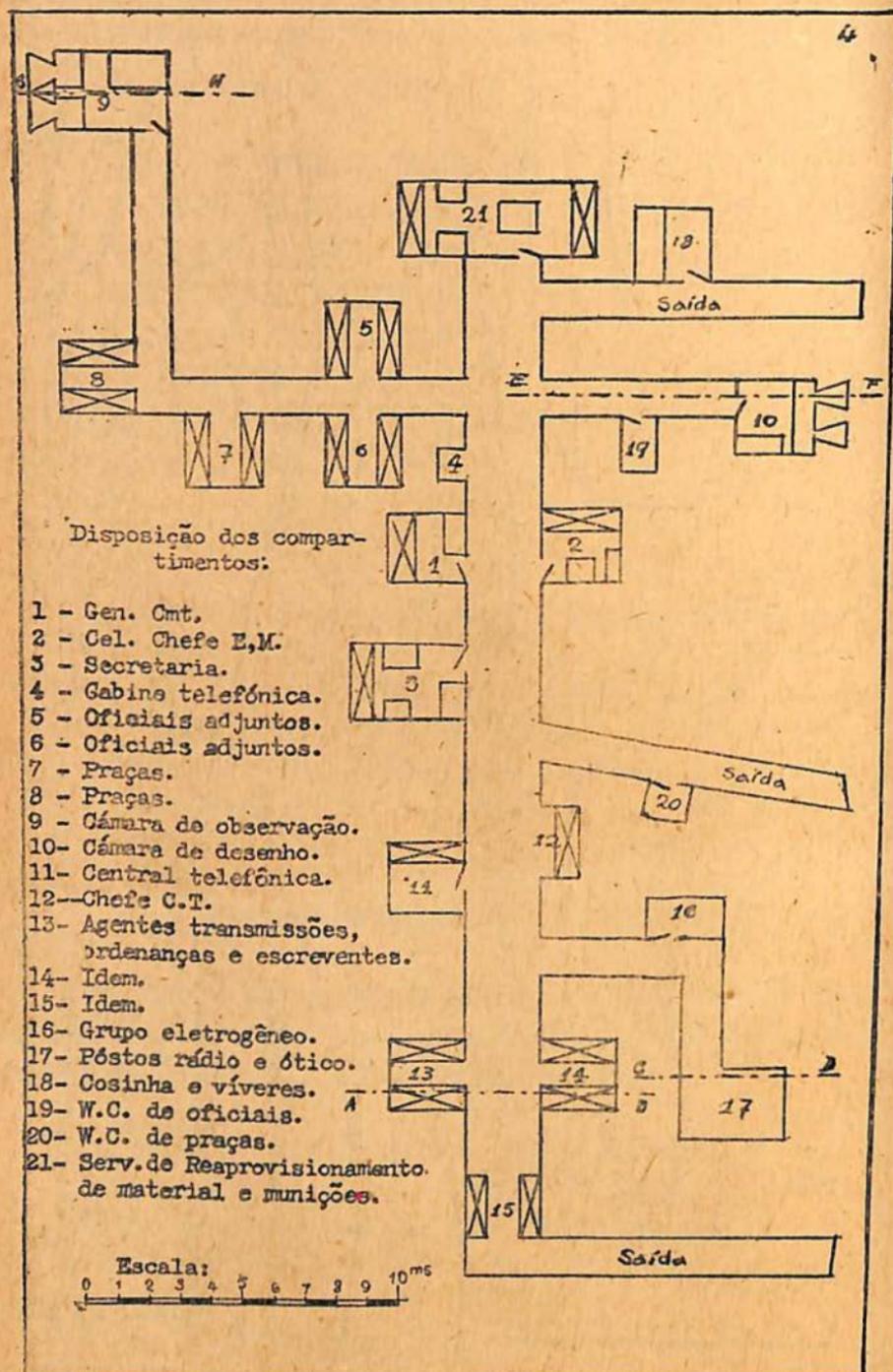
*H — Compartimentagem.*

Conforme mostra o croquis da página 4, o abrigo foi dividido de modo a atender ao funcionamento regular dos órgãos de direção da Artilharia Divisionária, a saber:

*Comando e Estado Maior, compreendendo este os:*

- Serviço de Informações da Artilharia;
- Serviço de Reaprovisionamento de Material e Munições;
- Ligações e transmissões.





*Comando.*

Ocupa a parte central do abrigo, os compartimentos deste grupo destinam-se:

- ao General comandante da A. D. (Comp. 1);
- ao Coronel Chefe do Estado Maior (Comp. 2);
- Secretaria, com leitos para dois sargentos escreventes (Comp. 3);
- Cabine telefônica (Comp. 4).

*S. I. A.*

Desempenhando funções muito importantes na Artilharia, este serviço exige amplas acomodações.

Disporá, pois, de acomodações para:

- Dois oficiais (Comp. 5);
- Um oficial observador de avião (Comp. 6);
- Dois sargentos, um sargento desenhista e um cabo-observador (Comp. 7);
- Um cabo-observador, um cabo desenhista e dois soldados observadores (Comp. 8);
- Câmara de observação, suficientemente espaçosa para permitir o trabalho de dois observadores, um deles com instrumentos técnicos e o outro encarregado da observação particular do comando (Comp. 9);
- Câmara de Desenho, destinada ao trabalho dos desenhistas e ao exame e correção das cartas, à luz solar (Comp. 10).

*Transmissões.*

O pessoal e o material de transmissões do P. C. de A. D. são fixados consoante a situação dada pelo comando da D. I. e fornecidos pela Cia. Trans. Divisionária.

Foram previstos os seguintes compartimentos para as transmissões :

- Sala de exploração telefônica, com uma central telefônica e dois leitos para o telefonista e o mensageiro de plantão (Comp. 11);
- Chefe do Centro de Transmissões da A. D. (Comp. 12);
- Alojamentos de praças (telefonistas, rádio-telegráficas, sinalisadores, agentes de transmissões, soldados escravos (2), ordenanças e cosinheiro (Comp. 13,14 e 15).
- Compartimento do grupo eletrogênio (Comp. 16).
- Câmara dos postos rádio e ótico (Comp. 17).

*Pecas suplementares.*

- Cosinha com depósito de víveres (Comp. 18);
- W. C. de oficiais (Comp. 19);
- W. C. de praças (Comp. 20).

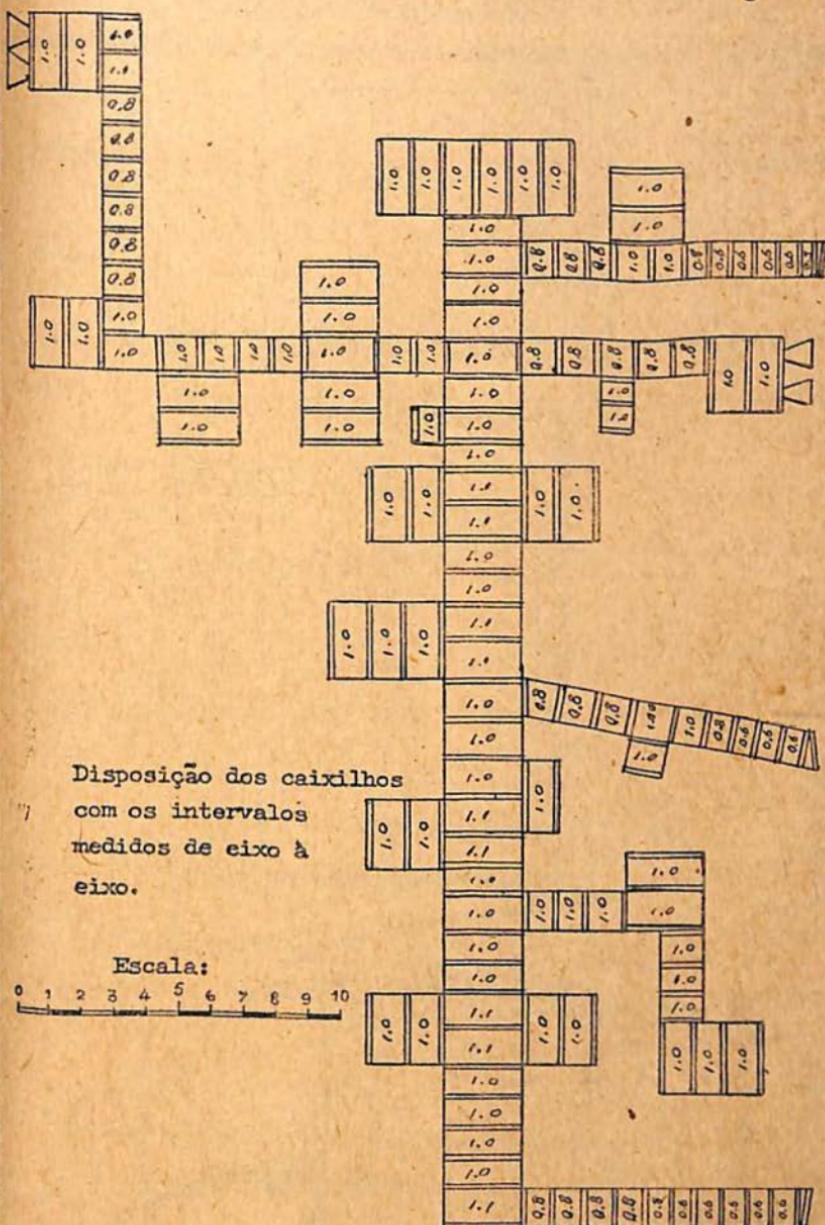
*Observações.*

A localização de posto rádio, como está proposto, é uma sugestão, que poderá ser adotada, para melhor localização e rapidez de comunicações.

A não ser que para ele seja construído um pequeno abrigo especial, nas proximidades do abrigo, de que tratamos, parece-nos que sómente num ponto elevado do abrigo ele poderá ter boas comunicações rádio-telegráficas.

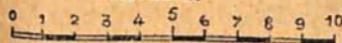
A sua localização na entrada do posto de comando, como é preconizado pelo regulamento, quando o abrigo se acha em uma ravina é contraproducente.

Este fato foi constatado nas manobras do C. I. T., em 1935, realizadas na região de Pinheiros.

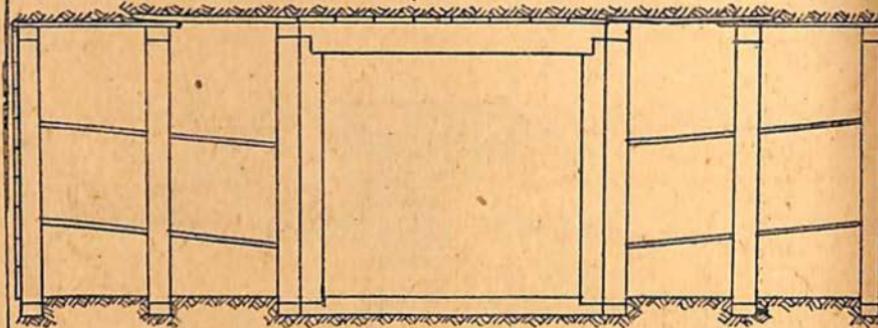
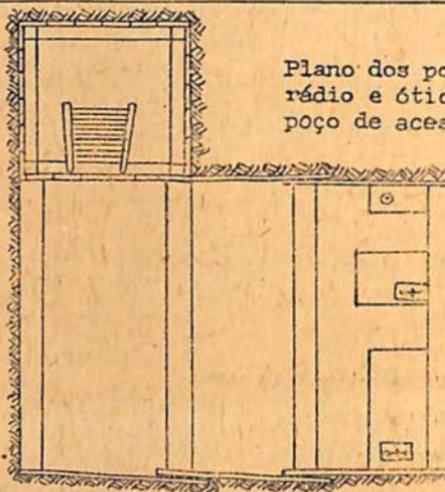
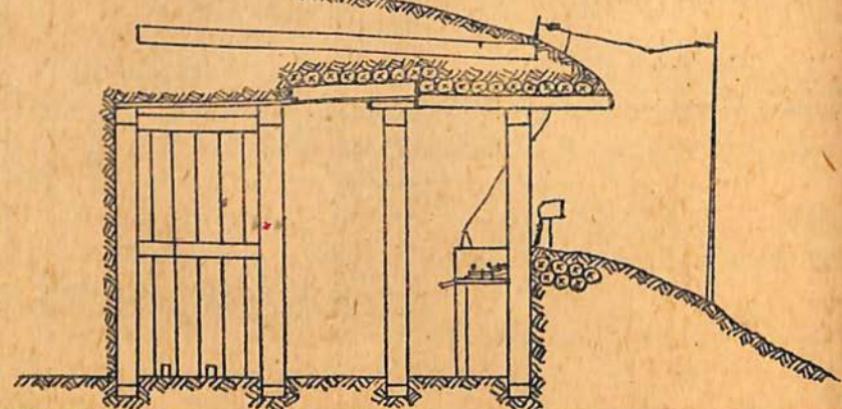


Disposição dos caixilhos  
com os intervalos  
medidos de eixo à  
eixo.

Escala:

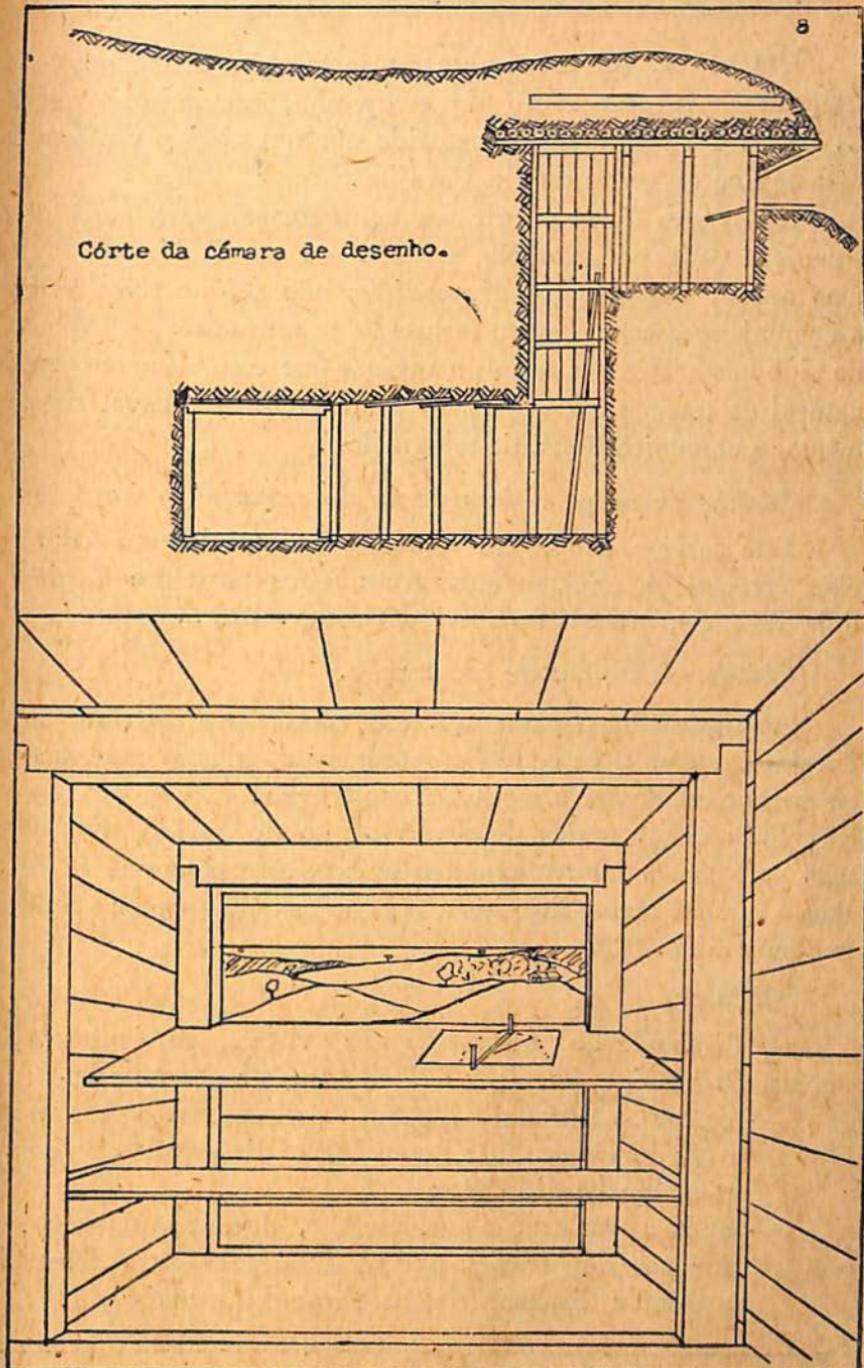


Compartimentos de praças (Corte segundo AB).

Plano dos postos  
rádio e ótico, com  
poço de aceaso.Corte dos postos  
rádio e ótico.  
(Segundo CD).

Corte da câmera de desenho.

8



Um oficial foi incumbido da instalação e exploração de transmissor-receptor rádio de campanha, servindo à um P. C. de D. I., justamente construído em um abrigo caverna em uma ravina ao norte do rio Paraíba.

Esse posto devia entrar em comunicação com um outro situado a pequena distância, pertencente ao C. T. da I. D., mas apesar dos esforços dispendidos não foi possível realizar a comunicação com o posto instalado na entrada do abrigo, tendo sido necessário afastá-lo da ravina, que com a sua depressão natural do terreno e a vegetação peculiar, prejudicava, enormemente, a comunicação rádio-telegráfica.

#### *Serviço de reaprovisionamento de material e munições.*

Este serviço ocupa um espaçoso compartimento com nichos fronteiros, onde se encontram leitos para um Capitão e dois Tenentes, oficiais do serviço (Comp. 21).

#### *Plantas e detalhes de construção.*

As figuras de páginas 6, 7 e 8, mostram a distribuição do encaixilhamento e os cortes e detalhes julgados necessários para melhor esclarecer o modo de construção.

Para evitar maior desenvolvimento do abrigo, em algumas partes, nos intervalos entre nichos, aproximamos os caixilhos o que dá maior segurança e permite uma pequena redução nos intervalos.

#### *Disfarce.*

A dissimulação do abrigo às vistas, particularmente, aéreas, do inimigo, deve ser cuidadosamente assegurada.

- cobrir as entradas, depósitos de material e ferramenta e da terra extraída, com telas disfarçadas e convenientemente dispostas;
- após a construção ou, melhor, durante a mesma, se fôr possível, transportar os desaterros para construir, a grande distância, falsas obras de organização.

### *Saneamento*

A drenagem do abrigo para impedir a infiltração da água é favorecida pela declividade das saídas para o exterior, caso o acesso seja feito por uma sapa, deve ser previsto em cada uma das entradas, poços destinados a coletar a água de infiltração ou de veios subterrâneos.

Si surgirem aguas de fonte será necessário canalisá-las, fazendo-as escoar pelas entradas, isto no caso do débito ser pequeno.

Si fôr apreciável a quantidade dágua emanada de um veio subterrâneo, será necessário estudar o nível máximo, que atinge a agua, colocando 20 centímetros acima desse nível, o piso do abrigo.

Si a camada de terra virgem fôr insuficiente para assegurar a proteção exigida, pôde-se combinar com o tipo a céu aberto, colocando tantas camadas de madeira roliças, quantas forem necessárias.

A defeza contra as águas de infiltração, dificeis aliás de serem completamente evitadas, pôde ser realizada:

- *Exteriormente*, fazendo-se escavações coletores em torno e acima das entradas do abrigo, de pequenas dimensões e disfarçadas;
- *Interiormente*, por meio de folhas onduladas de zinco, presas às faces laterais das vergas, coletando as águas de infiltração do teto e as conduzindo, por meio de calhas longitudinais, fixadas nas ombreiras, de um mesmo lado, para o exterior.

Este processo não tem o grave inconveniente de ocultar as vergas dos caixilhos, impedindo a verificação de seu estado, após os bombardeios.

### *Iluminação.*

A iluminação do abrigo deve ser eletrica, tendo-se por isso projetado um compartimento para o grupo eletrogêneo, que

tambem será aproveitado para carregar baterias do posto rádio.

Todavia, é conveniente que o abrigo disponha de alguns aparelhos de acetileno, portáteis, para atender e garantir a continuidade da iluminação, no caso de desarranjo do grupo eletrógeno.

### *Ventilação.*

A ventilação geral do abrigo está, suficientemente, assegurada pela existencia de cinco grandes aberturas para o exterior, constituidas pelas tres entradas e pelos tres poços que conduzem: a cámara de observação, de desenho e póstos rádio e ótico.

Todavia é aconselhavel a abertura de duas chaminés de ventilação, no W. C. de oficiais e no nicho destinado ao grupo eletrógenio, sendo utilizados canos de ferro galvanizado de 15 centimetros de diametro.

### *Proteção contra os gás*

Antes da colocação do revestimento procurar-se-á, vedar com argila, todas as fendas do terreno e colocar sobre o céu do abrigo, uma camada de terra vegetal, si existir nas proximidades da obra.

Os poços devem possuir dispositivos constituidos por alçapões (na entrada e saída de cada poço) bem construidos, de modo a permitirem um fechamento rápido e máxima vedação contra os gás.

Da mesma forma proceder-se-á com as chaminés de ventilação.

Quanto as entradas, além de terem os caixilhos bem ligados ao terreno, por intermédio de um enchimento de terra vegetal bem socada, possuirão *cortina-estore* (dispositivo Perinél).

ESPECIFICAÇÃO	Quant.	DIMENSÕES				Vol.	Peso
		Comp.	Larg.	Esp.	Diam.		
Caixilhos de p rob para G. C.....	75	R	gulam	ntares	—	0.191	158
Idem para G. M.....	86	R	gulam	ntares	—	0.266	252
T bus s d p roba p rr o céu.....	225 <sup>m2</sup>	1m.2	0m.30	0m.05	—	0m.3018	124
T bus s d r v st men- to.....	700 <sup>m2</sup>	1m.2	0m.23	0m.03	—	0m.3009	21
Idem para c mss, m- ss, b ncos, tc.....	400 <sup>m2</sup>	2m.	0m.30	0m.30	—	0m.3018	12
V g s d p roba p rr p lm ts.....	10m	—	0m.13	0m.13	—	0m.017	15
Cibros d p roba p rr c lços.....	380m	—	0m.08	0m.08	—	0m.006	5.8
Rip s p ra contr v n- t m nto prov s.....	420m	—	0m.08	0m.03	—	0m.001	1.2
Cibros d p rob p rr c ixilhos dos p ços.....	75m.	1m.20	0m.08	0m.08	—	0m.001	9.5
M d ira rclç p rr scors contr v nss.....	1500m	—	—	—	0m.15	0m.017	11.2
M d ira rolç para es- c mds d err b nt- m nto.....	250m	3m.00	—	—	0m.15	0m.051	50
Folh s d z nco on- dulado.....	30	2m.40	0m.60	—	—	—	0.6
Ch p sc f rro.....	6	2m.80	1m.00	0m.01	—	0m.028	0.08
T ls de ar m.....	450 <sup>m2</sup>	—	—	—	—	—	0.1
S cos v s os.....	200	—	—	—	—	—	0.09
Esqu dros d f rro.....	160	0m.30	0m.05	0m.005	—	1.2	0.2
Pr gos d 2 1/2".....	30	—	—	—	—	—	—
Pr gos d 3".....	20	—	—	—	—	—	—
Pr gos d 4".....	45	—	—	—	—	—	—
Pr gos d 6".....	25	—	—	—	—	—	0.12

**X — Pessoal e material necessário.**

*Pessoal.*

Essencialmente, em cada entrada, trabalhará um grupo de quatro turmas, destinadas aos revestimentos, para que se tenha um trabalho contínuo.

Cada turma será constituída de um sargento e quatro homens (mineiros, carpinteiros, ajudantes) e mais quatro homens para a remoção das terras (infantes pioneiros).

Assim, serão necessários, ao todo, 36 homens por entrada, isto é, 108 homens para as três galerias de ingresso ao abrigo.

Pelo cálculo feito necessitamos para a construção do abrigo do seguinte pessoal :

1 Sec. Sap. Min. + 2 Pels. I. P.

*Material.*

Já vimos no quadro demonstrativo todo o material necessário à construção.

**XII — Controle do pessoal, material e rendimento.**

O trabalho contínuo, produzido pelas quatro turmas, que se revezam no canteiro, de 6 em 6 horas, produz, certamente, um ótimo rendimento.

Mas este não será garantido se não houver fiscalização, também, contínua do pessoal e do material.

XI - Organização do canteiro de trabalho

Das	Hor s	P sso 1	M ssão	M tr
D	0 — 8	1 of cial., 11 sarg nto e 16 soldados.	Estaqueamento do abrigo.	Piqu ts, cord l, mart los, trenas, bússola, cl nômetro, foc se facôs de mato.
D	0 — 8 8 — 16 16 — 24	Ef tivo restante, dividido em tres turmas.	Transporte do material, organisação do d pósito do canteiro. Dsf rc,	
D+1	0 — 6	3 turmas de exca vação e 3 turmas de remoção.	Inicio da constru ção das trs entradas.	Material regul m ntar. Cada turma de remoção utilizará um carinhode mão
	6 — 12 12 — 18 18 — 24	Substituição de turmas de exca v. r. moção		
D+2				
D+3				
D+4				
D+5		As turmas prossegu rão o trabalho construido o corpo do abrigo, do ponto terminal das entradas, para a direita. As turmas de exca vações rão crescidas mais do s p dores.		
D+6		Continu ção do trabalho anterior.		
D+7		Id m. Fica disponivel o grupo de turmas da entrada EF.		
D+8		Id m. Id m.		
D+9		Id m. Id m.		
D+10		Idem. O grupo disponivel inicia a constru ção dos compar timentos, da esquerda para a direita, no corpo do abrigo.		
D+11		Id m. Id m.		
D+12		Id m. Id m.		
D+13		Id m. Idem. Conclusão do corpo do abrigo.		
D+14		Dois grupos de turmas inici rão a constru ção das galerias, subidas e poços das câmaras de obs rv. ção, d senho e d sinalisação. O terceiro grupo inicará os trabalhos de saneam nte, disfarce e prote ção contra os gás s, nas entradas, corpo e câmaras do abrigo.		
D+15		Id m. Id m.		
D+16		Id m. Id m.		
D+17		Id m. Id m.		
D+18		Id m. Id m.		
D+19		Id m. Id m.		
D+20		Continu ção do trabalho anterior. O grupo de turmas d'sponivel iniciará a constru ção do mobil ário (camas, mesas,etc.)		
D+21		Idem. Idem.		
D+22		Idem. Id m.		
D+23		Id m. Idem.		
D+24		Acabamento do abrigo.		

*Controle do material.*

Deve o material ser reunido e grupado por espécie, em um depósito, nas proximidades do canteiro de trabalho, sob a direção permanente de um sargento, auxiliado por dois soldados, encarregados, da entrega, recepção e guarda do material.

O depósito deverá atender aos pedidos a qualquer hora.

Estes serão feitos por escrito, em talões especiais e por pessoas de antemão qualificadas para tanto.

Constarão dos pedidos, de preferência impressos, a data, a discriminação do material e quantidade e assinatura da pessoa que o faz.

Entregue o material, o recebedor assinará o recibo existente no próprio talão do pedido, com as restrições que achare convenientes e julgadas aceitáveis pelo encarregado do depósito.

Ao ser restituído o material, si se tratar de ferramenta, o pedido será inutilizado pelo portador, que o deve exigir do encarregado do depósito.

Este serviço, feito com método e disciplina e sem demora concorrerá, sem dúvida, para maior rendimento da obra, além de conservar o material por muito tempo.

*Controle do pessoal.*

Um sargento será encarregado, exclusivamente, de reunir as turmas de trabalho, providenciando com antecedência as substituições de praças, de modo que rigorosamente, dentro do horário fixado, elas se revezem sem interrupção.

O sargento será responsabilizado por qualquer atraso de substituição, porquanto ele disporá de todo o dia para providenciar a apresentação das turmas completas.

**XIII — Diagrama para controle do serviço diário.**

O diagrama que aconselhamos é a própria planta do abrigo (projeção horizontal do contorno interior) na escala de

1 : 100, semelhante a que apresentamos na pagina 6, porém, desenhada em papel milimetrado.

Após as seis horas de trabalho, de cada turma, o oficial encarregado da obra inscreverá a progressão realizada, na escala do desenho.

Cada turma receberá no gráfico, uma cor diferente, afim de que possa comparar, a simples vista, o rendimento relativo delas, distribuindo-se então as recompensas do trabalho, com justiça.

Ao lado do diagrama, em um quadro, serão anotados, convenientemente, os motivos determinantes da anormalidade do trabalho, (terreno fácil ou difícil, inaptidões, competencias, etc.) com discriminação das datas e das turmas executantes das várias tarefas.

# Cerâmica São Caetano S/A

## ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6º andar

## LOJA :

Rua Boa Vista, 25

Secção de Refratários — 3.4952

Chefia — 2-4329

Secção Interior — 2-4229

Fones : Vendas — 2-3429

Fones : Gerência e Compras — 2.7636

Caixa — 3-2047

Caixa Postal 278 — Telegramas "ACIMAREC" — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

Fone 1124 — Linha 140

## TELHAS "BRILHANTES"

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos

TIJOLOS PRENSADOS para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros

## MATERIAIS REFRATÁRIOS

de alta classe, para todos os fins industriais

Fornecedor das principais indústrias do País —

Fábrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários

"São Caetano"



se caracterizam pela sua qua-

lidade e esmerada fabricação

# Oficiais da Reserva do Exército no Espírito Santo

Como discursou, na cerimônia do compromisso,  
o Interventor Jônnes dos Santos Neves

Durante o ato de compromisso dos novos aspirantes do "Núcleo Preparação de Oficiais da Reserva", anexo ao 3º Batalhão de Caçadores, o Interventor Federal no Estado do Espírito Santo, Sr. Jones dos Santos Neves, proferiu a seguinte e brilhante oração: — "Em momentos soberbos como este, purificados pelo silêncio emocionante do mais elevado recolhimento espiritual, enobrecidos pela consonância de um só pensamento voltado para a Nacionalidade, e glorificados pelos mais nobres e puros eflúvios de uma verdadeira vibração cívica, em momentos soberbos como este é que sentimos de perto, em toda a sua esplêndida ressonância, a majestade infinita da Pátria.

E' que, em momentos assim, tão raros e preciosos, a nossa alma como que se purifica em um banho lustral de sublime idealismo, os nossos pensamentos como que se desprendem das rotineiras preocupações individualistas para sintonizarem-se todos à nobreza augusta de uma só causa superior e os nossos corações como que sofram uma sincopa gloriosa para pulsarem, de novo, unissonos e sincronizados com o próprio coração da Pátria extremecida.

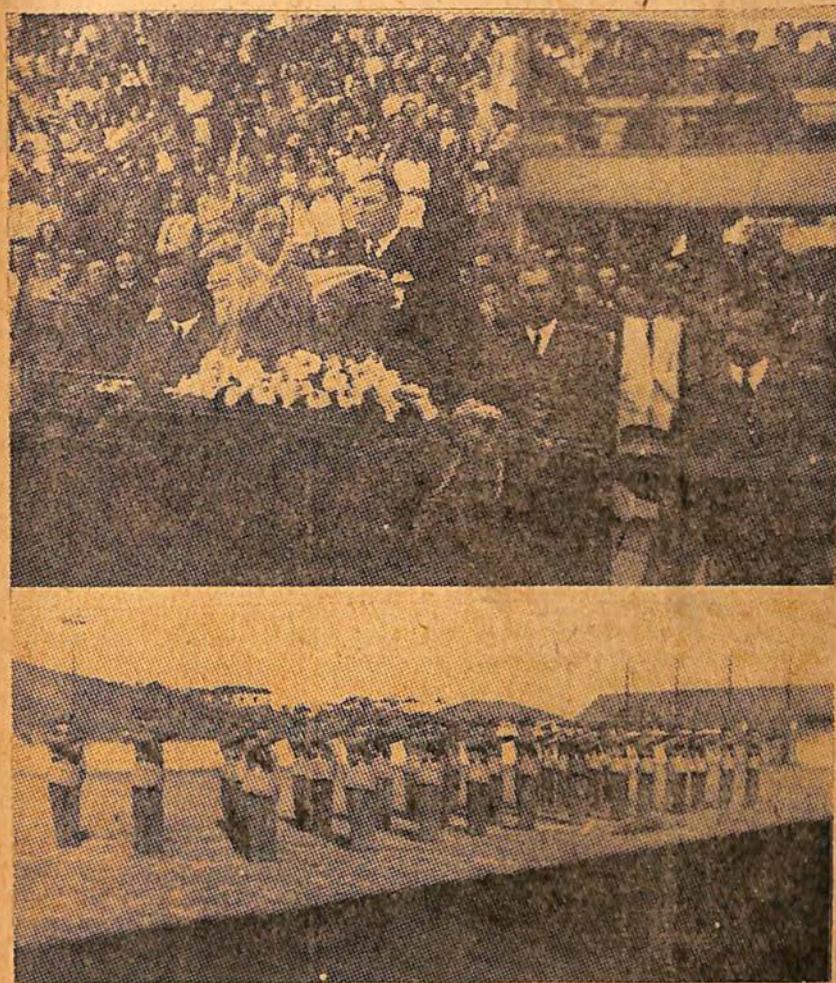
E um momento exelso, de êxtase e de recolhimento, de exaltação e misticismo, de sublimação e de Fé, em que sentimos dentro de nós mesmos, como numa suprema Eucaristia, a sagrada presença do Brasil.

Sim, o Brasil está presente a esta cerimônia. Na florescência esperançosa da sua infância; na vigilante posição de sentido de sua mocidade; na destemerosa e serena confiança dos homens de outras gerações, como na alma vibrátil e forte das nossas patrícias; no sentimento patriótico de sua população civil, como na ordem e disciplina dos brasileiros que ostentam a farda verde-oliva do glorioso Exército Nacional; nos acordes festivos das nossas canções marchais, como na orquestraçāo triunfal e sonora do Hino Nacional Brasileiro; nos feitos heroicos de Caxias — nome tutelar da Pátria, — que hoje comemoramos, como no panegírio festivo do sacrossanto pendão euri-verde que recobre, "como um pálio de luz desdobrado" o esplêndido ambiente desta solenidade.

Em tudo isso vemos e sentimos o Brasil.

O Brasil que sustentou a sua integridade territorial pelos lances de audácia de seus heróis; que viu tingides com o sangue dos seus mártires os sonhos de emancipação e de liberdade; que dilatou as suas fronteiras e que venceu as

distâncias pela espantosa epopeia das bandeiras indômitas; Brasil que transparece na ostentação acolhedora de suas cidades e se esconde nos mistérios indecifráveis de suas selvas; que estruge na voz de suas cachoeira e emudece nos solêncios eternos de seus vales; que se despenha nas furnas insondáveis de



Dois detalhes da cerimônia, vendo-se, no alto, o Interventor Jones Neves pronunciando sua brilhante oração

seus abismos e conquista as nubes no dôrso alcantilado de suas cordilheiras; que canta e murmureja na esteira rumorejante de seus dóceis regatos, e brame e estertora nas ondas procelosas de seus verdes mares bravios.

Brasil dos versos imortais de Castro Alves, e do verbo iluminado de Rui Barbosa; Brasil que delimitou suas lindes fronteiriças pelas serenas lições de

arbitragem de Rio Branco e defendeu seus domínios pelos rutilantes lampejos da espada invulnerável de Caxias.

O Brasil de glórias eternas, Brasil imortal.

E' á solene chamada d'este Brasil imenso e imperecível que responde agora a consciência cívica da nossa mocidade destemerosa e confiante.

E tôda a solenidade augusta da cerimônia cívico-militar a que acabamos de assistir agora, reside, justamente, na expressão viva de um instante que marca em todos os quadrantes da terra brasileira, nesta mesma hora de exaltação e de ascensão, o sagrado encontro da mocidade com a Pátria.

A magnitude d'este momento cresce ainda mais pelo sentido heroico de que se reveste.

Ferido em sua intangível soberania de Nação Livre e independente pelo golpe nefando de um inimigo que emergiu da sombra traiçoeira de uma emboscada para ferí-lo, o Brasil se levanta, como um só homem, para o revide implacável. A flor da nossa mocidade acorre aos quartéis, empunha as armas viu-gadoras, salta os mares e já acutila de morte as fugidas hordas inimigas. Leva em seus corações a imagem viva da Pátria e nas granadas de seus canhões a mensagem de vindicta de um povo altivo e soberano.

E novos moços se prestam para à jornada gloriosa. Outros contingentes postados vigilantes em posição de sentidos, apenas aguardam as derradeiras ordens de comando, fieis aos compromissos com a Pátria e atentos ás diretrizes supremas que lhes confiou, um dia, o grande Presidente Vargas :

*"O logar dos moços nesta hora decisiva não é entre os ociosos e os indiferentes, amolecidos de espírito e de corpo: é na vanguarda, na primeira linha dos combatentes, entre os pioneiros dos ideais construtivos. Assim em vos vejo agora, e convosco formando legiões, todos os moços brasileiros, dispostos à luta e ao sacrifício, exaltados no culto heroico da Pátria."*

#### Jovens Oficiais:

Constitui para mim enobrecedora incumbência presidir a esta cerimônia em que acébais de receber as insígnias de aspirantes do Exército Nacional pelo Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva sediado no Espírito Santo.

O meu governo exalta o vosso gesto, como um exemplo a seguir, e os nossos conterrâneos respeitam, aclamam e enaltecem a vossa atitude, como uma prova de que arde em vossos corações a mesma rútila centelha que arderá sempre em todos os corações espírito-santenses, como uma chama votiva a iluminar e resplandecer a serena imagem da Pátria.

As espadas que o Governo do Estado, por meu intermédio vos oferece, estão em boas mãos. Seguras por pulsos que não tremem, e servidas pr corações que não vacilam. Elas representam o ideal imperecível de um fervor patriótico que jamais se apagará, e, mais do que isso, constituem um símbolo de que a mocidade de hoje, como a de ontem, senhora de seus direitos e cônscia de suas responsabilidades, permanece altaneira e viril na sublime estacada do dever, pronta acudir em defesa da nossa soberania, e disposta aos maiores sacrifícios em prol dos eternos princípios do Direito, da Justiça e da Liberdade, como vexilária suprema dos excelso destinos da nossa Pátria.

# BOLETIM

Estes algumas interrogações que atormentavam os técnicos militares aliados responsáveis pelos chamados bombardeios estratégicos:

"Estavam esses peritos empregando as bombas de tipo e peso adequados, em relação ao alvo marcado para destruição? Estavam sendo enviados aviões de mais ou de menos, para as diversas espécies de alvo? Estavam sendo corretas as graduações de tempo das espoletas? As fotografias de reconhecimento tiradas após os bombardeios estavam dizendo a verdade ou mentindo, no concernente à destruição? Qual era o efeito psicológico dos bombardeiros sobre esses inimigos? E sobre os nossos amigos, nos territórios inimigos? Que economia militar no custo da guerra acarreta o bombardeio estratégico?"

Quantos problemas nessas gigantescas operações aéreas que se banalizaram aos nossos olhos por força dos comunicados diários, tão lacônicos e frios, citando apenas os pontos visados, as tonelagens arremessadas e o número de aviões perdidos! No entanto, no encalço das tropas aliadas que avançam na Europa movimentou-se logo, nos primeiros dias, uma equipe de técnicos aeronáuticos para estudar os efeitos dos bombardeios estratégicos. Llevava essa equipe investigadora registros das quantidades de aviões enviados em cada missão, do número e da espécie de bombas que conduziram, das altitudes de que as descarregavam da posição que encontraram, da data ou datas em que o alvo foi atingido, fotografias de reconhecimento dos alvos em ação, tiradas antes, durante e depois das bombardérios.

Do trabalho dessa equipe, que durante mais de uma semana, dia e noite, percorreu as zonas mais castigadas dos territórios reconquistados, já resultou a resposta a quase todas aquelas ansiosas interrogações. Entre outras coisas, por exemplo, ficou constatado que as fotografias de reconhecimento só deviam pela moderação, verificando-se que os danos reais são 20% maiores do que apareciam na documentação fotográfica. Quanto ao volume desses danos patenteou-se que o bombardeio estratégico pode isolar uma área de forma completa. Segundo Gill Robb Wilson, autoridade aeronáutica onde recolhemos esses dados, "a área de lançamento dos 'rabs' ficou cortada de seus abastecimentos, e a área da batalha da invasão entre os rios Sena e Loire transformada em ilha, tão ilha como o é a Inglaterra".

\* \* \*

A Escola de Moto-Mecanização reiniciou as suas atividades desde o dia 20 de outubro próximo passado. A turma dagnera consta de 67 subalternos de todas as armas, os quais farão um curso intensivo de 4 meses.

Outra grata novidade da E. M. M. é que já está em função o seu novo sub-comandante, o Maj. Anaurelino dos Santos Vargas. Oficial de forte personalidade profissional — competente, disciplinado, entusiasta, sem embargo do espírito agil e cultivado, fez sentir desde logo, no setor das suas atribuições, o peso de todas essas qualidades.

Últimos volumes distribuídos pela Biblioteca Militar: A Estatística e suas aplicações na Administração, pelo Cel. Valério Braga; "Anedóntario da Guerra da Tríplice Aliança", por Euzébio de Souza. Anuncia-se, entre outros volumes, o seguinte, que constitue uma obra de real mérito: "Jomini ou o adivinho de Napoleão", de Xavier de Courville, em tradução do Cel. Renato Batista Nunes.

\* \* \*

Atente-se nessas agudas observações do Cap. Nelson Werneck Sodré, consagrado autor de alguns notáveis volumes de estudos brasileiros, entre os quais podemos citar "Panorama do Segundo Império", o "Oeste":

"É evidente — escreve ele referindo-se ao Brasil — que o surto industrial que tem sido justo motivo de ufanía não repousa sobre fundamentos tão sólidos que despense alguns cuidados e preságios dos mais perigosos, para o futuro, quando o mundo regressar a condições de existência menos tormentosas. Nem tudo será fácil, então, e nessa fase é que vamos verificar o gráu de certas construções e a aptidão real do nosso industrialismo para a permanência na triilha que os acontecimentos, na verdade, vêm facilitando de algum modo. O que parece certo é que a transição para as condições normais, ou pouco mais ou menos normais, há de destruir o que houver de precário, de artificial e de enganoso, nessa elaboração em torno da qual existe tanto encantamento vago, alimentado por meros índices transitórios, tão importantes nos seus algarismos, quanto prenunciadores de uma anormalidade evidente".

\* \* \*

Os nossos cavaleiros, tendo à frente essa brilhante e autorizada expressão que é o Ten. Cel. Artur Carnauba, lançaram-se a uma oportunidade, justa e necessária campanha em prol da revalorização e restauração da Cavalaria brasileira. Naturalmente que essa campanha é feita sobretudo à sombra dos magníficos feitos da Cavalaria soviética contra os "mestres" alemães... E assim, ainda no último número desta revista o Maj. Paulo Enéas deu-nos uma tradução comentada de dois artigos de "The Cavalry Journal" sobre o emprego da Cavalaria no Exército Vermelho. Seu último comentário diz o seguinte: "Pudéssemos nós reproduzir aqui as excelentes fotografias que a revista americana nos proporcionou, teríamos todos ocasião de ver, ainda hoje, na época do motor e dos blindados, os longos sabres dos cossacos, levantados bem alto, por mãos fortes e destras, reluzindo ameaçadoramente e lembrando ao mesmo tempo, os hussardas franceses e, porque não dizermos, os nossos valorosos e heróicos cavaleiros de Osorio e Andrade Neves".

Desconhecemos as fotografias em causa, mesmo porque o articulista não indica o número de "The Cavalry Journal" onde elas figuram. Mas sucede que em recente artigo assinado por Cyrus Sulzberger e traduzido para a "Revista de Caballeria" do Chile (número de março-abril 1944) encontramos uma referência do seguinte teor: "Uma coisa que aumentou enormemente a potência da Cavalaria Vermelha é a introdução ampla de canhões anti-tanques leves e pesados. O último tipo, o fuzil anti-tanque de cano longo, levam-no os ginetes da mesma forma que conduzem antigamente a lança. Algumas vezes se produzem

confusões por esse motivo entre as pessoas que vêm a Cavalaria Vermelha".

\* \* \*

A Diretoria do Ensino conta agora entre os seus oficiais o Capitão Moacir Fayão de Abreu Gomes. Trata-se de um oficial que tem revelado especial interesse pelas questões de organização da juventude e de instrução pré-militar, que são, aliás, correlatas. Os suas idéias, do ponto de vista doutrinário, são suscetíveis de fortes restrições, pois vão dar em fórmulas rígidas, que devemos repelir porque podem resultar em deformações de sentido totalitário. Mas, de qualquer forma, o Cap. Moacir Fayão de Abreu Gomes, em função na Diretoria do Ensino, está em condições de fornecer uma excelente contribuição para o perfeito ajustamento da nossa instrução pré-militar, agora em início.

\* \* \*

Os grandes cabos de guerra quase todos se preocuparam de ter contactos escritos com o povo. Alguns exemplos expressivos: Gustavo Adolfo fazia publicar diários em todos os pontos importantes dos países que conquistava; Frederico, o Grande, durante a guerra dos Sete Anos enviava diariamente crônicas suas a um diário berlimense, que as publicava sob o título: "Cartas de uma testemunha ocular"; Napoleão escrevia em "Le Moniteur" e tinha disso um especial orgulho.

\* \* \*

Quadro da guerra, composto por um oficial da F. E. B., o Cap. Raimundo Ferreira de Souza, em carta ao seu pai: "A Itália é um vale de lágrimas. Foi muito razoável por conseguinte, a recomendação que nos fizeram ainda a bordo: Tratai com benevolência o infeliz povo italiano". Chegamos ao nosso local de estacionamento quase as 6 horas da tarde. Hifeu, este o local, onde outrora existira um vulcão, hoje extinto. Hifeu fôra teatro de uma luta certamente dramática. As árvores estão crivadas de balas e inúmeros são os túmulos de combatentes. Daí se evadiram até as aves e animais silvestres".

\* \* \*

Na hora de decretar que todos os alemães tomem armas, Hitler procurou ao mesmo tempo justificar essa medida dramática e alentar um pouco as suas vítimas. E assim falou: "O inimigo encontra-se em várias frentes próximo ou dentro das fronteiras alemãs, devido à deserção de todos os nossos aliados europeus".

A primeira parte é verdadeira. Quanto à segunda não. O contrário é que é. Não foi devido à deserção dos satélites totalitários que os aliados chegaram à Alemanha; os satélites é que desertaram porque os aliados avançaram...

Outra do conquistador em pânico: "Temos tido êxito, e o conseguiremos, como no período de 1939 a 1941; confiando unicamente em nessas forças, não somente para eliminar a decisão inimiga de aniquilar-nos, mas também para rechaçá-lo e mantê-lo afastado, até que o futuro da Alemanha e de seus aliados, e, com ele, da Europa, esteja asse-

gurado por uma paz verdadeira". Evidentemente, nem mesmo os alemães poderão aceitar tão palpável engodo: no período de 1939 a 1941 os germânicos tiveram êxito unicamente, a bem dizer, com suas próprias forças, porque nenhuma outra nação tinha força... A primeira que se lhes deparou forte, a Rússia, marcou o começo do revertério. Naquele período o poderio do III Reich era enorme, e chegou ao auge quando todos os povos conquistados passaram a servi-lo com suas máquinas, suas minas e seu povo escravizado; quando os satélites ajudavam-no também com seus exércitos e com seus recursos naturais. Agora não há mais a Europa a trabalhar para os alemães; há apenas a Alemanha desmantelada pelo ar, e acuada de todos os lados, por exércitos que terão cada vez maior superioridade sobre os seus. E' nesta altura que Hitler promete reedição dos feitos de 1939 a 1941... Isto em todo caso esclarecerá os nossos observadores recalcitrantes sobre as exatas proporções da mistificação nazista.

Segue-se o decreto estabelecendo as "unidades de choque" destinadas a defender o solo germânico "com todas as armas e meios convenientes", e o artigo 40 resa: "Quando em ação, os membros das unidades de choque do povo alemão serão considerados como soldados, para os efeitos das leis militares". Aqui a incoerência nazista atinge as raias do cinismo, porque bem nos lembramos de como os alemães tratavam as populações ou organizações dos países conquistados que lhes resistiram. Aquelas nenhuma consideração, nenhum direito; às unidades de choque", do corre-corre final da aventura nazista, procura-se desde já conferir prerrogativas militares. Oh! cínica incoerência!

## THE CALORIC COMPANY

Matriz: RIO DE JANEIRO

AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 118, 4.<sup>o</sup> andar

Telefone 22-5133

ÓLEO  
COMBUSTÍVEL  
para indústrias e  
navegação



ÓLEO  
DIESEL  
para motores e  
tratores

\* ÓLEOS LUBRIFICANTES  
DEPOSITOS:

Rio—S. Paulo—Santos—Cde. do Salvador—Recife e Belém  
Representantes em todas cidades do país

# LIVROS NOVOS

**GRANDES SOLDADOS DO BRASIL — LIMA FIGUEIREDO —**  
3.<sup>a</sup> ed. revista e aumentada — Liv. José Olímpio — 1944 (1)

Bela e vitoriosa carreira a desses preciosos livros do Ten. Cel. Lima Figueiredo! Se não nos enganámos, aí por volta de 1938, apareceram, na "Noite Ilustrada", assinadas pelo então Maj. Lima Figueiredo, umas crónicas focalizando a vida dos nossos grandes soldados do passado. No ano seguinte elas reunidas, constituindo um volume da Biblioteca Militar. Em 1942 novamente as crónicas biográficas do Ten Cel. Lima Figueiredo foram reeditadas em volume da Imprensa Oficial. E agora pela terceira vez são impressas, numa edição primorosa, aumentada e ilustrada, ilustrada aliás por esse artista sensível e vigoroso que é Alberto Lima.

No curso dessas três edições sucessivas o volume sofreu acrescimentos, limações, reformas, que refletem em certa medida a própria evolução do espírito e dos recursos literários do autor. Adquiriu unidade e personalidade, e só não diremos que se tornou um todo homogêneo porque alguns capítulos finais traem a sua origem fragmentária. Mas, a unidade atual do livro é tão positiva, que não fica propriamente afetada pelos tais capítulos, antes são estes que se nos afiguram deslocados. E, com efeito — *Coimbra e seus heróis, Mártires da aviação, Quatro grandes batalhas ganhas por Caxias, Uma página da vida de um guerrilheiro, Lapa* — "tragédia florindo em epopeia" — são capítulos que, embora falem de feitos dos nossos soldados, fogem de todo em todo ao caráter biográfico dos demais, e que é o verdadeiro caráter do livro.

A nosso sentir "Grandes Soldados do Brasil" devem despojar-se daqueles capítulos accessórios, excelentes, aliás, para outro aproveitamento que desde já imaginamos: um novo volume intitulado, por exemplo, "Grandes Feitos dos Nossos Soldados".

As "Efemérides" consideramos muito oportunas e lógicas no corpo do volume. Apenas desejarmos, ainda por uma questão de fidelidade à natureza da obra, que se reportassem exclusiva e expressamente aos fatos em que foram parte os biografados. Dentro desse critério haveria datas a suprimir, outras a introduzir, bem como referências a completar.

(1) — Acaba de ser lançada a 4.<sup>a</sup> edição.

Sugeriríamos também que, em edição futura, o Ten. Cel. Lima Figueiredo incorporasse a "Grandes Soldados do Brasil" uma resenha bibliográfica. Evidentemente, será de toda vantagem que o leitor disponha, ao lado da notícia biográfica, de um roteiro bibliográfico para estudos mais desenvolvidos.

Em obras assim a indicação das fontes é imperativa. Destinadas à iniciação, investidas de função essencialmente educativa, devem conter em si próprias os elementos com que possa ir além o estudioso interessado, em especial, nesta ou naquela vida de tão conspicua galeria.

Feitas essas observações gerais, examinemos um pouco daquilo que constitui a substância do livro.

Logo no capítulo dedicado a Osorio depara-se-nos uma sugestiva aproximação entre a infância do nosso cavaleiro máximo e a de Napoleão: "No patio, branqueado pela neve, da Escola de Brienne, onde Bonaparte iniciara seus estudos, travam-se combates renhidos, em que o futuro imperador francês dava livre expansão as suas concepções guerreiras, comandando alternativamente, os dois grupos de pelados. Aqui, no Brasil, o ambiente era outro, muito diferente; mesmo assim, a seu modo, o futuro marquês do Herval guerrava, chefiando grupos de petizes e, à redea solta, galgava coxilhas e coxilhas, vadeava rios e evitava pontos de passagem obrigatória, para surpreender o outro guri que chefiava o partido oposto."

O espírito, o fino agil espírito de Osorio, documenta-se com vários casos, entre outros o seguinte, que vale por um epígrama de Rivalval: "O general Bartolomeu Mitre certa ocasião escreveu-lhe, pilheriando, o seguinte bilhete: Meu caro general. Empreste-me tantos bois, senão irei tomá-los a viva força, tal é a necessidade. — Osorio não perdeu a oportunidade e respondeu: Querido general. Para parar-me o pezar de derrotá-lo, mandar-lhe-ei os bois de que precisa."

Andrade Neves fica definido na primeira frase a seu respeito: "Pelo vigor da arremetida, os paraguaios sabiam que o comandante da carga era o Barão do Triunfo, o general José Joaquim de Andrade Neves.

Uma das figuras introduzidas na galeria dos "Grandes Soldados", agora nesta 3.<sup>a</sup> edição, é Barbacena. Homem discutidíssimo, parte proeminente que foi nos maiores lances políticos e militares do Império, não era fácil situá-lo com precisão, ao rápido traço de uma nota biográfica. Pois bem, o Ten. Cel. Lima Figueiredo realiza esse milagre. Fica-se com uma nítida imagem de Barbacena, ajuiza-se de seu valor político, das suas luzes militares, das suas virtudes de cidadão. E que grato e saudoso exemplo contido naquela atitude de Barbacena, quando Feijó, sabendo que ele ia a Londres, quis aproveitá-lo o prestígio para solver alguns problemas de interesse brasileiro! O Marquês colocou-se imediatamente ao dispôr do Governo, sob, po-

rem, uma condição: "como o motivo inicial da viagem era o interesse pessoal, a saúde combalida e suas lavras auríferas em Minas, que queria valorizar, desempenharia a comissão pública sem estipendio e às expensas próprias só pela honra do encargo e pelo desejo de servir o país".

De outro teor, mais igualmente amostra de uma admirável enfi-bratura moral, é o exemplo de Tiburcio que, à hora da morte, ordenou aos parentes: "Abram as portas. Deixem entrar os curiosos e os indiferentes. Que venham ver a morte do general Tiburcio!"

Antonio João, aquele herói impar, que encabeçou os "12 sublimes insensatos", na expressão de Taunay, e que foi mau aluno na Escola Militar, a ponto de "haver sido declarado inhabilitado para continuar os estudos", certa vez doou parte dos seus vencimentos ao Estado de Mato Grosso, onde servia, o que ilumina o outro lado da sua personalidade — o cidadão.

Porem, modelo de inteireza moral, de espírito público, de consciência de cidadão, temê-lo, bem nitido e bem próximo de nós, na atitude de Deodoro quando o Barão de Cotegipe, à testa de Ministério, imaginou que podia abrandá-lo com um título honorífico, uma cadeira de senador e dinheiro. A repulsa do velho marechal soou numa carta incisiva: "Sr. ministro — A minha resposta é que as cadeiras do Senado devem ser oferecidas aos políticos e aos que se julgarem aptos para legisladores, e que, quanto ao título nobiliarquico, eu me contentarei com a nobreza de sentimentos. Minha família sou eu mais minha mulher. Dispenso as ajudas de custo. Basta-me o soldo a que por lei tenho direito".

Este é um homem, da boa, da melhor marca. No Brasil sempre foi o suborno, por meio de cargos públicos, honrarias e dinheiro, este proporcionado através de ajudas de custo, comissões ou negócios (contratos com o governo, advocacia administrativa, privilégios comerciais, protecionismo industrial) a forte arma de certos governos, e Deodoro soube resistir à combinação desses três elementos.

Floriano é outra figura que nos dá muito o que pensar. Ninguém o excedeu em bravura pessoal nos campos de batalha do Paraguai, ninguém foi mais poderoso no Brasil. No entanto que homem simples, que homem fiel a si mesmo em todos os lances da sua vida extraordinária! Um dos muitos combates perigosos em que tomou parte, assim descreve em carta a Tiburcio: "A infantaria seguia num marcha-marcha de pôr a alma pela boca. Eu, a pesar-de estar de chinelos, por causa de um furioso calo, dava pulos de ganso, amaldiçoando o meu cornete, que devia vir puxando o meu cavalo, mas que nunca se apresentou". Muitos anos depois, já Marechal e Presidente da República, é na sala de jantar, em trajes caseiros que recebe Euclides da

Cunha, no Palacio da rua Larga. Perto, à máquina de costura, está a sua filha mais velha, que se retira ao inicio da entrevista.

Essa ausencia de pompa, de aranhas exuberantes, e um selo dos verdadeiros grandes homens. E, ao contrário, sempre foi seguro indice de modestidade, de falso valor intrínseco, a importancia que os individuos muitas vezes assumem em função de posções publicas. Quanto maior a importancia em que alguém se insere às expensas de um cargo, de um posto, tanto menor, pode-se contar, o seu real merecimento. Haverá mesmo ali um fenômeno inconsciente de compensação...

As páginas com que o Ten. Cel. Lima Figueiredo contempla Floriano na galeria dos "Grandes Soldados do Brasil" são das melhores que já se escreveram sobre o "Consolidador da República". A sua vida militar passa sob os nossos olhos num apêndice preciso e vivo. A transcrição daquela carta de Floriano a Teófilo é de particular sabor, até pelo final em que o eminentíssimo missivo, então maior, se desculpa da redação, aliás limpa, clara e mesmo sacudida. Mas Floriano antes de despedir-se alega que "o calor está abrasador. (escreve do Paraguai) e não é em tais circunstâncias que se pode limar o estúdio". Fica essa preocupação imprópria como uma nova componente a desafiar os estudiosos da "esfinge"...

E' ainda da notícia biográfica inserta nos "Grandes Soldados do Brasil" uma definitiva demonstração da absoluta coerência de Floriano em todas as suas atitudes políticas.

Benjamin Constant, eis outra figura que se beneficia com o criterioso estudo do Ten. Cel. Lima Figueiredo. O idealista, o professor, o filósofo, o militar — são aspectos da personalidade do "fundador da República" serena e exaustivamente discriminados pelo autor. São, inclusive, examinadas e desfeitas as aleivosias que circularam sobre a conduta de Benjamin na guerra do Paraguai.

Da notícia sobre o General Camara recorto o seguinte texto de Manuel Galvez, referindo a morte de Lopez :

"E ao mesmo tempo em que vibra uma estocada no general Camara — estocada de agonizante, débil e ineficaz, mas, por tudo o que significa, cheia de grandeza — pronuncia estas palavras magníficas:

" —Morro com a minha Pátria..."

"Vê, sem dúvida, o general Camara, nesta frase, todo o orgulho daquele homem. Por orgulho havia perturbado duas nações, tinha aniquilado o seu próprio povo. Nunca admitiu observações, nem conselhos. Toda opinião era um delito. O seu orgulho ciclopico jamais perdoou aos aliados o terem exigido dele o abandono do governo. Ele era o Paraguai. E querer a paz sem ele era cometer traição. E fuzilou e lanceou a milhares de paraguaios porque queriam a paz e a vida. Mas, para ele o desejo unânime do povo não tinha valor."

O grifo é nosso, para destacar aspectos de uma impressionante atualidade. Ha estreita aproximação entre o drama da nação paraguai, naquele recuado lance histórico, e o da Alemanha de hoje. Lopez e Hitler, irmãos na ambição, irmãos na aventura, irmãos nos processos, não se afastam também no destino...

*Nunca admitiu observações, nem conselhos. Toda opinião era um delito. — Querer o paz sem ele era cometer traição. E fuzilou e lançou a milhares de paraguaios porque queriam a paz e a vida.*

Dir-se-iam palavras descriptivas do quadro da Alemanha de hoje... Certamente o Ten. Cel. Lima Figueiredo reproduziu-as pensando nisso. Seu livro, de tão profundo sentido educativo, não podia omitir a lição antiga, dura e valentemente vincida pelos "grandes soldados do Brasil".

Cumpre assinalar, finalmente, que um soldado atual, o General Eurico Dutra, teve acesso, nesta 3.<sup>a</sup> edição, à galeria criada pelo Ten. Cel. Lima Figueiredo. O Sr. Gustavo Barroso, em artigo intitulado: "Iconostase Militar", justificou superiormente essa inclusão: "Não estaria completa a obra de Lima Figueiredo, se o Passado nela não se ligasse ao Presente, se o Exército de ontem não se articulasse com o Exército de hoje, se uma grande figura militar não servisse de traço de união duma instituição que guarda e defende a unidade do Brasil."

Estas as razões da inclusão; agora, quanto à forma, advirta-se que o autor, não obstante a delicada posição de biografar um chefe vivo e colocado no mais alto cargo do Exército, conseguiu fugir ao convencional, e fornece elementos, captados no largo trato direto que tem tido com o ilustre biografado, os quais serão decisivos para o seu futuro estudo em termos de julgamento histórico.

#### SAMPAIO, PATRONO DA INFANTARIA — EUZÉBIO DE SOUZA — Biblioteca Militar — 1944.

O Sr. Euzebio de Souza, na primeira página, avisa ao leitor que o seu livro "irá constituir apenas um ensaio da futura biografia do brigadeiro Antonio Sampaio". Queixa-se da dificuldade que sempre encontrou nas suas pesquisas, alega "a deficiencia de dados, desde a primeira infancia e a adolescencia do biografado" até a fase em que atingiu a gloria.

Com o espírito assim preparado o crítico não sofrerá decepção. Não estranhará a magreza do volume, nem, dentro dela, a parcimônia de substância biográfica, de elementos humanos, de vida, enfim, para ser logo explícito.

E é uma pena que isso aconteça, porque, tirante Osorio, não haverá, talvez, na lista dos heróis nacionais, figura tão sugestiva, homem tão homem quanto Sampaio. Há de tudo no imortal cearense: a ori-

gem humilde; a infancia largada, entre meninos que jogavam 31, espadilha, trunfo e mascavam fumo; a adolescencia boemia, fazendo serenatas de violão, frequentando fobós onde se dansava o baião; não lhe faltou tambem o romance, representado pelo rapto de uma menina, cuja honra respeitou e a cujo amor se conservou fiel, até vir a saber que fôra substituido por outro; experimentou a grande aventura fazendo-se soldado para fugir à perseguição mortal da familia da sua amada; dominou com seu merito todos os degraus da escala hierárquica, foi heroi nos campos de batalha e se não teve morte epica, como Antonio João, teve-a igualmente no campo da luta, tributo do seu valor, da sua coragem inquebrantavel. Não ha com efeito, na nossa historia heroica, lance que supere em grandeza moral aquele que assinala o sacrificio do brigadeiro Sampaio: era na batalha de Tuiuti; seus 2 batalhões vinham resistindo desesperadamente ao assalto dos 5.000 cavalarianos de Resquin, mas era preciso resistir mais algum tempo ainda, para dar tempo às providencias que inclinariam a sorte da batalha em nosso favor, e Osorio envia um ajudante de ordens a dizer-lhe isso. Sampaio respondeu:

— Diga ao general que estou cumprindo o meu dever; mas como já recebi dois ferimentos e estou perdendo muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir”.

“Na occasião em que o alf res pedia licença para retirar-se — conta o Ten. Cel. Lima Figueiredo, reproduzido pelo Sr. Euzebio de Souza — o general recebeu um terceiro ferimento. Imperturbavelmente, ele leva a mão ao local da ferida, enquanto diz ao ajudante de Osorio :

— “Diga ao general que este é o terceiro...”

O bravo ainda viveu quarenta e tres dias, e ha até a versão de que, dada a localização de um dos ferimentos, que assumira maior gravidade, pensou-se em amputar-lhe uma perna, mas Sampaio não consentiu, declarando que “mais vale um general morto que um general coxo”.

O Sr. Euzebio de Souza infelizmente não consegue tirar essa rica vida do pauperrismo biografico anterior à sua intervenção. Mesmo nas oportunidades em que o autor empreende um ostensivo esforço para, já não dizemos reconstituir, mas ao menos determinar a parte de Sampaio em certos acontecimentos historicos, como seja no caso da “Balaiada”, mesmo nessas ocasiões fica apenas na sugestão.

Reparamos que a nota em que se discute a controvérsia em torno da data e local do nascimento de Sampaio encerra uma contradição. Se não vejamos. Escreve o autor: “Entre aqueles escritores que se têm ocupação da vida e feitos de Sampaio, ha acentuada divergência sobre a verdadeira data e local do seu nascimento. Linhas adiante dá o seu voto nos seguintes termos : “Ficamos, porem, com aqueles que dão

o nascimento de Sampaio como ocorrido no ano de 1810 (24 de maio) e não a 15 de setembro de 1814, como está assinalado no pedestal da estatua do general, soerguida na Praça Castro Carreira, da cidade de Fortaleza, justamente donde provem a controversia, felizmente erro isolado." Erro isolado? Mas não fôra confessado que havia divergência entre os autores, como pôde então a data inscrita no monumento ser "erro isolado"? O proprio fato de ter sido adotada no pedestal uma data diferente, indica dualidade de pareceres anterior à instalação do monumento. A nosso ver o que o autor poderia ter feito era investigar a origem do "erro" cometido na inscrição do pedestal. Em vez disso, porém, ele prefere a outra data, estribando-se em criterio absolutamente misterioso, porque assim procede ao cabo de participar que as suas pesquisas "não deram o resultado que era de desejar. Nas buscas feitas nos velhos livros da freguesia de Tamboril, aliás criada posteriormente ao nascimento do brigadeiro; na antiga freguesia de S. Gonçalo da Serra dos Cocos qu., o seu tempo (1810). pertencia ao bispado do Maranhão a que estava ligada, pelo lado espiritual, a Província do Ceará, *nada foi conseguido*. Não foi encontrada a respectiva certidão de batismo que, por certo, faria desaparecer a dúvida evidenciada".

Depois de tão solenes declarações o autor toma posição a favor de uma das datas e considera a outra "erro isolado". Difícil entendê-lo...

Impõe-se um reparo quanto ao desenho da capa, que pretende ser um retrato do biografado. Vire-se a página rosto, surgirá uma fotografia do brigadeiro Sampaio. A comparação alienará sem apelo o desenho. Não é que o desejassemos bem-feitinho. Pelo contrario, consideramos que a arte está acima da reprodução servil. Mas no caso as infidelidades são substanciais. Sampaio na fotografia tem o rosto gordo; o pescoço curto, cabelos abundantes revestindo as temporas, e umas sutiãs bem cultivadas; no desenho o que se vê é um rosto magro, sem pelos, a não ser os do cavanhaque, e um pescoço comprido e fino. A testa aparece enorme, porque o quepi está atirado para a nuca, em contraste com a fotografia em que vem até muito bem posto. E a expressão? Todas essas discrepâncias fisionómicas seriam desculpaveis se a expressão de Sampaio houvesse sido captada. Mas justamente a infelicidade do desenho ainda é maior. Sampaio tem uma expressão branda, de homem bom e simples, que sabe sorrir; o olhar é firme, porém não duro. O desenho, longe disso, empresta-lhe um ar de extrema rigidez, confere-lhe quasi olhar de louco.

Que nos perdôe o Maj. Valmir, tão interessante noutrous numerosos desenhos com que v. m ilustrando as edições da B. M. !

O merito da obra do Sr. Euzebio de Souza está, sobretudo, na honestidade e no sincero entusiasmo com que evoca um dos grandes

do nosso passado. E se a apreciamos com alguma severidade é porque se apresenta na coleção da *Biblioteca Militar*. Para tais responsabilidades, ao menos as que sempre atribuimos às publicações daquela instituição, a obra do Sr. Euzebio de Souza se nos atingiu insuficiente. Fôra, porem, lançada em "plaque", como estudo rapido que é, e outras bem mais suaves seriam as nossas exigencias... E' o caso do volume que se segue.

**MARECHAL JOSE' BERNARDINO BORMANN (DADOS BIOGRAFICOS) — CEL. LAURENIO LAGO — Imprensa Militar — 1944.**

Trata-se de um folheto mandado imprimir pelo Ministério da Guerra para ser distribuido como parte das comemorações do centenário do Marechal Bormann. Não foge à pauta dos trabalhos anteriores do Cl. Laurenio Lago. E assim temos agora, transplantados do Arquivo do Exército para a letra de forma, os assentamentos de Bormann. O infatigável divulgador dos nossos arquivos militares registra ainda dados cronologicos sobre a investidura de Bormann em cargos eletivos, arrola os seus principais atos na gestão da pasta da Guerra e dá uma ralação das obras de sua autoria.

São páginas para consulta, valorizadas pela segurança provinda da probidade e do zelo com que procede o autor.

S. A. FÁBRICA DE TECIDOS

**SANTA HELENA**

Fabricante dos afamados tecidos para ternos de homem e Tailleurs para senhora. "PANALVA" — "SARJALVA" — "CHEVRALVA"  
(Marcas registradas nas orelhas dos tecidos)

Fábrica: —: Petrópolis (Estado do Rio) — Rua Augusto Severo, 1204 — Caixa Postal n.º 46 — Telefone: 2445. Escritórios: S. Paulo — Rua Boa Vista, 15 — 5.º andar. — 5-10 e 11. Telefone: 3.4701. — Endereço Telegráfico "TEXELENA" — Rio de Janeiro. RUA BUENOS AIRES, 100 — Sala 31 — Telefone: 232760.

**PRODUTOS QUÍMICOS B. HERZOG LTDA.**

**Acidos**

**Desengraxantes**

**Desencrustantes**

**Drogas técnicas**

**Graxas**

**Óleos lubrificantes**

**Reagentes**

**Solventes, etc.**

RIO DE JANEIRO

R. Miguel Couto, 129/31

Tel. 43-0490

SÃO PAULO

R. Florencio de Abreu, 318

Tel. 3-6845

# REVISTAS EM REVISTA

*DA "REVISTA DE INFANTARIA" DO CHILE — Número de Janeiro-Fevereiro de 1944 — A GUERRA PSICOLOGICA — PELO CAP. OSCAR GUZMAN SORIANO.*

Esse tema, já de si tão sugestivo, recebe do Cap. Oscar Guzman Soriano, um tratamento impressionantemente objetivo. Pela primeira vez vemos classificadas e analizadas as intervenções da propaganda na guerra atuál. O articulista pondera e exemplifica a seguir com fatos da presente guerra, de sorte que a verdade surge, irrecusável, muitas vezes tristemente irrecusável... Mas não nos antecipemos... Acompanhemos-la metodicamente.

O artigo desenvolve-se dentro do seguinte esquema : I — Introdução: a guerra total; as forças navais e a guerra; defesa ou destruição da moral nacional. II — A guerra de propaganda : que é propaganda; meios de propaganda — imprensa, radiofonia, cinema, agencias telegráficas. III — Propaganda interior: preparação da moral e opinião nacionais; exaltação da moral ao estalar o conflito; manutenção da moral durante o conflito. IV — Propaganda exterior defensiva: justificação da agressão; denúncia do agressor; conquista da opinião estrangeira para a propria causa. V — A guerra de nervos: no próprio país; no interior do país inimigo; luta psicológica interior.

A GUERRA TOTAL — “A guerra é o esforço supremo de um povo para a conservação da sua existência”, fala Ludendorff citado pelo articulista, para definir a guerra total. Hoje não são só os exercitos que combatem, mas nações contra nações, arrastando à luta a totalidade absoluta de seus elementos espirituais e materiais, sem que nada possa eximir-se ao sacrifício comum. Assim, à medida que a guerra se desenvolve, to-

*dos os órgãos da nação se vêem, queiram ou não afetados, e, sob pena de um desastre, terão que amoldar-se progressivamente a funções tão novas quão variadas. E' que a guerra se desdobra simultaneamente e com a mesma intensidade sobre 4 frentes: a frente política (luta diplomática); a frente económica (financiamento da guerra e bloqueio); a frente interior (propaganda, espionagem, sabotagem); a frente militar (preparação e condução das operações).*

**AS FORÇAS MORAIS E A GUERRA** — Agora o articulista recorre a Clausewitz: “*A ação guerreira não resulta nunca unicamente do material, mas é produto a um tempo da força espiritual que vivifica a matéria, sendo impossível separar uma da outra*”. Isto significa, acentua agudamente o Cap. Soriano, que na guerra antiga, nenhuma ação, ainda a mais modesta, poude desenvolver-se desligada das forças interiores que animam a propria existência dos executantes. Na atualidade os exércitos são formados pelo que ha de melhor na nação quanto a homens e outros recursos, do que resulta que o seu valor moral e material corresponde exatamente ao do seu povo e da sua terra. Dessa forma, não só os exércitos combatentes devem possuir uma moral elevada e solida, senão tambem, e particularmente, toda a massa popular que constitue a frente interna e que tem fundamental papel na luta. Era pensando nisso que Napoleão dizia : “*Não importa que um General perca dez exércitos; em seguida se terá que contar a cabeça de um novo, composto de mulheres, meninos e velhos antes de ceder uma polegada de território.*”

**DEFESA OU DESTRUIÇÃO DA MORAL NACIONAL** — Há uma preocupação cada vez maior, por parte dos beligerantes, de incrementar e manter a moral nacional propria, ao mesmo passo que destruir a do inimigo. E esta guerra nos mostrou até onde o trabalho psicologico pode influir no resultado das campanhas. A França, por exemplo, foi prostada, não só pela formidável máquina militar alemã, como tambem porque a moral nacional era quasi nula, devido, precisamente, a que os

*germanicos a haviam minado tenaz e metodicamente. A Bélgica, a Holanda, a Noruega, os Balcans foram submetidos ao mesmo produtivo trabalho desmoralizador. Já a Inglaterra e a Russia lograram manter-se ante a máquina bélica do III Reich e depois derrotá-la, graças à inquebrável moral dos seus povos, invulneraveis à ação corrosiva do inimigo.*

**A GUERRA E A PROPAGANDA** — Inicialmente o articulista separa as noções vizinhas : propaganda e publicidade; essa ultima consiste em dar a conhecer notícias, algo que não se conhecia ou que permanecia em segredo, sem que acompanhe essas notícias uma idéia, uma opinião; quando ha propaganda as notícias levam elementos destinados a influir no modo de pensar de quem as recebe. Resulta daí que a propaganda se tornou um poderoso meio de guerra, posto que atua direta e insidiosamente contra aquilo mais difícil de proteger no seio dos beligerantes : o espírito.

**MEIOS DE PROPAGANDA** — São 4 os meios fundamentais de propaganda : imprensa, radiofonia, cinema e agências telegráficas.

A imprensa utiliza a palavra impressa, que é silenciosa, discreta e, portanto, mais apropriada para a propaganda pública ou furtiva, especialmente para esta ultima, que tanto seduz o espírito humano pelo que encerrar de misterioso e proibido. Todos os povos modernamente organizados, especialmente as grandes potencias, têm feito da imprensa diária uma poderosa arma de guerra, trazendo para esse campo planos de açãometiculosamente estudadas. Os governos totalitários controlam e dirigem completamente a imprensa, desde a designação dos diretores de jornais, até a seleção das mais inocentes histórias humorísticas.

Goebbels, o propagandista número um dos totalitários, disse certa vez referindo-se a ação do Estado sobre a imprensa: "o Governo não se contentará com dar informações à imprensa; dar-lhe-á tambem instruções". As nações democráticas, ajunta o Cap. Soriano, concedem maior liberdade à imprensa, mas agem

severeramente na seleção de notícias, artigos ou crônicas relacionadas com as operações ou interesses nacionais, mediante a "censura". Muitas delas têm compreendido a necessidade de orientar a imprensa em suas campanhas patrióticas, para obter os resultados que mais convenham à nação.

Não é, bem isso, em verdade, o que ocorre. As nações democráticas, no pleno gozo dessas instituições, não concedem maior liberdade, concedem ampla, absoluta liberdade à imprensa. Só há restrições para o noticiário de caráter militar, que sofre censura do Estado Maior. Os interesses militares, como se sabe, têm que ser severamente salvaguardados. Mas o próprio comentário às operações já empreendidas é feito livremente. E os desenvolvimentos políticos da guerra são discutidos à vontade. Quanto à necessidade de orientar a imprensa em suas campanhas patrióticas, para obter resultados que convenham melhor à nação, é coisa que foge, bem se vê, à indole democrática. Com efeito, a imprensa no clima da democracia não é um instrumento, mas um órgão ativo, e sendo assim não pode ser orientada, porque precisamente existe para orientar. Aí reside, aliás, uma diferença essencial entre os regimes totalitários e democráticos: nos primeiros a imprensa é passiva, nos segundos é ativa. Controlá-la ou orientá-la é despojá-la da sua principal função social, que é a formação da opinião pública.

O que é justo, e é o que fazem as democracias, é que todos, inclusive os dirigentes, exprimam e defendam pela imprensa as suas idéias e os seus atos. E por esse caminho se chegará, necessariamente, a obter os resultados que mais convenham à nação, mas que mais convenham mesmo...

Os folhetos prestam-se especialmente para a propaganda clandestina, correndo de mão em mão, como uma mecha acesa, compara o articulista. Nesta guerra têm sido lançados em grande quantidade sobre as populações inimigas.

O livro exerce uma ação permanente e muito eficaz, mas não está ao alcance de todos, ou por causa do seu custo ou porque nem todos estão capacitados para compreendê-lo. Mas

têm, em compensação, a vantagem de atuar sobre as classes dirigentes e os setores mais cultos da sociedade, que são justamente os encarregados de traduzir em realidade as aspirações e necessidades nacionais.

Os cartazes, distribuídos com profusão e inteligência em ruas, praças e lugares de reunião, atraem e influem com facilidade no povo, tendo, porém, a desvantagem de não produzir sempre uma impressão durável, a não ser quando destacam crueldades ou injustiças.

A radiofonia, por seu ilimitado campo de ação, tornou-se dos mais eficazes e importantes meios de propaganda, completando e multiplicando enormemente o trabalho da imprensa. A sua ação é permanente, ininterrupta, sendo essa a base de sua imensa eficácia na propaganda. Possue elementos de ação psicológica que a imprensa não tem, como o poder de impressionar os sentidos com a própria voz de seu admirado líder, ou com a reprodução fiel do estrondo de um aterrador ataque aéreo ou de uma batalha de tanques. A este propósito recorda o articulista o efeito de panico que se operou nos E.E. U.U. em consequência de uma dramatização rádiofonica, de autoria de Orson Welles, representando a invasão da terra pelos habitantes do planeta Marte.

A música clássica, folklórica ou marcial, é também um poderoso auxiliar da propaganda radiofônica, já que poucos elementos externos operam tão eficazmente sobre o homem, modificando seu estado animico. As marchas militares, executadas com vigor, fazem vibrar o mais indiferente dos indivíduos, como uma terna canção da terra natal enche de doçura o coração mais endurecido, reavivando com violencia a chama do seu amor por ela. E se tudo é temperado com habeis palavras entremeadas oportunamente na música, o efeito psicológico será, sem dúvida, muito grande.

Só duas desvantagens de alguma consideração apresenta a radiofonia na propaganda. Uma, de caráter material, está no alto custo dos receptores e transmissores. Este inconveniente pode ser em grande parte afastado pelos beligerantes com a

instalação de alto-falantes em praças e lugares concorridos. A outra desvantagem está em que, diz o articulista, a propaganda dirigida ao povo adversário encontra fortes dificuldades porque “em geral constitue grave delito escutar transmissões do exterior”.

Por certo o Cap. Soriano quer referir-se aos países totalitários, porque nos outros não ha, que nos conste, nenhuma proibição de escutar o radio do adversário.

O mesmo se pode dizer da afirmação de que a radiofonia está controlada pelos Governos e é considerada em primeiro plano nas atividades dos ministerios de propaganda. Os governos democraticos não controlam a radiofonia, apenas utilizam-na tambem.

O cinema, por proporcionar ao público fatos e não simples relatos mais ou menos verídicos, seria o primeiro dos elementos de propaganda de guerra se não tivesse contra si grandes dificuldades de realização. Sua objetividade torna-o comprehensivel a todas as mentalidades, desde a do menino até a do analfabeto, podendo explorar com a mesma vantagem temas dramaticos, historicos, jocosos ou fantasticos. Assim, cenas de brilhantes paradas militares, de aspectos agradaveis da vida dos quarteis, do esforço da industria de guerra, levantam e manteem a moral nacional.

Em suma, não tem o cinema a instantaneidade da radiofonia nem a imensa facilidade de produção da imprensa, mas por seu realismo e obje'vidade é mais eloquente e convincente.

As agencias de noticias assumem grande importancia na guerra total, no sentido de trabalhar a opinião estrangeira. E' que a imprensa resulta impotente para influir alem das fronteiras nacionais. As agencias de noticias constituem então um organismo de ampla envergadura, que ex'ende sua ação ao mundo inteiro. Os Governos totalitários chegam à perfeição de ter agencias noticiosas oficiais.

**PROPAGANDA INTERNA — PREPARAÇÃO DA MORAL E DA OPINIÃO NACIONAIS —** Os largos e indescritíveis sofrimentos que submergem as populações na guerra total

só podem ser dominados à base de virtudes profundamente arraigadas, de uma educação que permita afrontar esforços diários com espírito de sacrifício capaz de superar as mais cruas realidades.

Temos visto como os valores morais desempenham papel fundamental nas guerras. Cumpre incutir no povo sentimentos nacionais bem definidos, de maneira que na hora difícil de um conflito não se veja minado pelas dissensões, pela indiferença e até pela negação. Por outro lado sabe-se que as batalhas se ganham ou se perdem segundo são preparadas. A estratégia, em verdade, não determina somente o lugar e o momento da a idéia de manobra e o efetivo das tropas, senão também dirige todo um sistema de preparação política, psicológica e militar.

A escola e o quartel apresentam-se como os órgãos da sociedade que despertam no menino e no cidadão, com maior possibilidade de enraizamento, sentimentos de disciplina, cumprimento do dever, espírito de sacrifício e patriotismo. Entrando o indivíduo no curso definitivo de sua vida, não é difícil mantê-lo sob a ação da propaganda, qualquer que seja o órgão social de que passe a fazer parte. As organizações desportivas, religiosas, políticas, industriais, profissionais, etc., permitem realizar uma propaganda sistemática, pois que todas tendem, direta ou indiretamente, ao engrandecimento nacional.

Através da propaganda o Estado penetrando os sentimentos da coletividade, evitando que adquiram forças ideológicas capazes de complicar os problemas relacionados com a defesa nacional. Para afastar essa possibilidade a propaganda deve fazer das Instituições Armadas uma força amada pelo povo, para que este saiba dar-lhes em qualquer circunstância tudo o de que necessitam.

Mais que nenhuma outra, a guerra de material é uma luta de vontades, e só a preparação moral da nação é capaz de animar os meios materiais.

**EXALTAÇÃO MORAL AO ESTALAR O CONFLITO —**  
A propaganda nesse sentido, doutrina o articulista, deve pro-

*curar justificar a causa nacional, quer seja agressor ou agredido. Das manobras diplomáticas só deve dar a conhecer aquilo que mostre a justiça da causa do próprio país e a injustiça da do adversário. Isto trará como consequência a indignação da opinião, que a propaganda aproveitará de imediato para exaltar o espírito bélico.*

*Não vamos contestar que assim acontece quasi sempre, mas cumpre lembrar que essas idéias são moralmente muito pouco recomendáveis. A pregão-se a abstração da verdade, da justiça, ao estilo nazista, que só admite as razões do próprio interesse. Devem repugnar-nos essas desembaraçadas idéias erigidas em doutrina.*

● **MANUTENÇÃO DA MORAL NACIONAL DURANTE O CONFLITO** — *As forças morais são uma arma que requer restauração permanente, efetuada de acordo com um plano, com previsões e medidas de psicologia popular para manter a popularidade da guerra e sua prevalencia na consciencia nacional. A propaganda deve, então, estar ativa para desfazer os rudes golpes que recebe a maior parte da população com o desaparecimento dos seus seres mais queridos. Deverá destacar até o exagero as vitorias, ainda as de maior transcendencia, ao passo que terá especial cuidado em ocultar as derrotas, ou negar-lhes a importancia, se acaso são conhecidas do povo. Convém tambem fazer saber ao povo que as perdas são insignificantes em comparação com as do inimigo, mesmo que seja justamente o contrário.*

*Novamente aqui o articulista prega métodos privativos da escola totalitária. Notoriamente, fóra do estrito interesse militar, os governos democráticos não opõem restrições ao noticiário da guerra. Os fatos mais desastrados no campo aliado sempre foram divulgados amplamente, desde o momento em que o seu conhecimento não importaria mais em vantagem para o inimigo. E um povo no gozo dos seus direitos políticos não toleraria nem perdoaria ser iludido pelos órgãos oficiais, alem de que isto se tornaria impossível por muito tempo. Ainda bem*

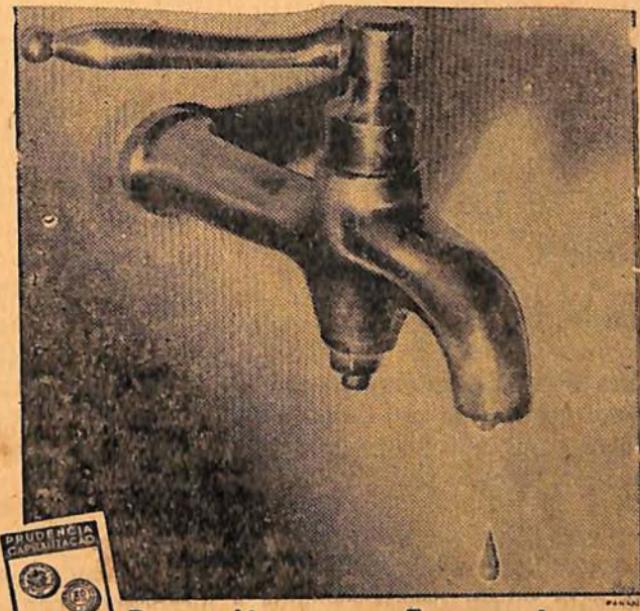
*que, logo adiante, o Cap. Soriano de certo modo modifica a penosa impressão resultante dessas idéias quando ensina que em caso de desastre a propaganda deve atuar de forma a conseguir que a população se conduza com a tranquilidade e resignação necessárias, afim de evitar maiores males. Isto sim, é limpo e é justo.*

*No proximo numero concluiremos o manuseio desse excelente e original trabalho estampado na "Revista de Infantaria" do Chile. Veremos ainda como se processa a "propaganda exterior defensiva" e teremos, desdobrada em todos os seus aspectos, a atualíssima "guerra de nervos".*

U. P.

---

## Não Desperdice!



Deposite suas Economias na  
**PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO**

# Solucionado o Problema dos Cafeicultores

Resultados da viagem do Ministro da Fazenda a São Paulo—Como o Interventor Fernando Costa, feliz e autorizado intérprete dos lavradores, favoreceu as providências adotadas.

Resultado dos mais felizes para a vida econômica de São Paulo adveio da visita que, agora, acaba de fazer o Ministro da Fazenda, Sr. Arthur de Souza Costa, à ubérrima terra do Planalto.

Foi aproveitando essa honrosa visita que os lavradores paulistas, ora vivendo uma fase de dificuldades, agravada fortemente pela forte estiagem que assolou a gleba de Piratininga, apelaram para o ilustre titular, pleiteando medidas de amparo por parte do Governo do benemérito Presidente Getúlio Vargas. O apelo tinha como objetivo supremo salvaguardar os interesses e a própria sobrevivência dessa grande riqueza nacional, só possível com medidas felizes e urgentes do Governo da República.

Foi o intérprete desse desejo dos lavradores de São Paulo o Sr. Fernando Costa, que vem mantendo, nestes últimos meses, constantes contactos com os representantes da cafeicultura nacional, com eles consertando todo um programa de providências governamentais, para assegurar a restauração dos cafezais paulistas, seriamente ameaçados de extermínio.

## A ADMIRAVEL ORAÇÃO DO INTERVENTOR FERNANDO COSTA

Foi a seguinte a admirável oração do intérprete dos cafeicultores paulistas:

"Sr. Ministro.

Responsável pela administração pública estadual, cabe-me, sem nenhuma dúvida, o encargo de zelo pelos interesses que condicionam o bem-estar e o progresso da nossa coletividade.

Em vista dessa atribuição, devo acompanhar com atenção e especial cuidado tudo aquilo que, no campo administrativo, social e econômico, ocorre com capacidade de interesse para as nossas conveniências, ou de influência para as diretrizes da nossa vida econômico-social.

E nesse exame sistemático de fatos, nessa apreciação cuidadosa das nossas coisas, eu tenho observado, de tempos para cá, que os lavradores de café vivem desassossegados e alcançados com as consequências de fatos e problemas de ordem natural, de ordem técnica produtiva e, principalmente, de ordem de política econômica.

De um lado, os fenômenos naturais trazendo a inconveniência das secas e das geadas, que nestes últimos anos têm castigado e prejudicado tão desastrosamente a nossa lavoura cafeeira.

De outro lado é o problema do esgotamento da terra que obrigou a nossa lavoura cafeeira a deslocar-se da zona leste para a zona sertaneja, deixando rincões e cidades, outrora tão florescentes, privados dos recursos provindos da produção cafeeira, e obrigados a compensar a sua economia com a adoção de outras lavouras ou de outras indústrias agrícolas.

De outro lado, ainda, as dificuldades decorrentes das condições ou das situações econômicas que afetam a produção e regulam a sua colocação nos mercados consumidores.

E, apesar de tudo isso, S. Paulo, continua a ser o Estado cafeicultor. Das suas 175 mil propriedades agrícolas mais de 75 mil mantêm, ainda, lavoura de café.

E isso quer dizer, meus senhores, que a lavoura de café ainda é, em nosso Estado, o grande estio da sua situação econômica.

Não obstante o grande desenvolvimento da lavoura algodoeira; não obstante a campanha encetada pelo Governo em favor da sericicultura e que já vai produzindo resultados apreciáveis em a nossa balança econômica; não obstante a realização de outras culturas prósperas e variadas, que enriquecem a capacidade produtiva do Estado, o café continua a ser o produto de elite, o produto básico da nossa economia agrícola.

O café ainda poderá continuar a ser, se adotarmos, em tempo, uma orientação racional e segura, o fator principal da riqueza de São Paulo.

Quando tive conhecimento, Senhor Ministro, que V. Excia. viria a São Paulo, a convite da Associação Comercial afim de proferir uma conferência sobre assuntos econômicos, lembrei-me de pedir que V. Excia. dedicasse um dia de sua permanência em nosso Estado, para tratar, com exclusividade, do problema do café.

E V. Excia. prontamente acedeu ao meu pedido, pondo-se à disposição dos lavradores de café para ouvir os reclamos e as sugestões que desejasse apresentar, com o fim de cooperar com o poder público para estabelecimento de medidas que melhor convenham aos seus interesses e aos interesses da economia nacional.

Isto posto, tomei a deliberação, Senhor Ministro, de ser o intérprete desta classe, operosa junto a V. Excia.; o intérprete destes lutadores que, no passado, como desbravadores de nossos sertões, criaram as bases da nossa prosperidade, e que chegaram a concorrer com cerca de 80% dos recursos pecuniários com que contava o País, pelo seu comércio internacional, para atender às nossas possibilidades de progresso econômico.

Senhor Ministro.

Responsável, como disse, pela administração estadual, e incumbido de zelar pelo bem-estar da nossa população, por força do man-

dato honroso que recebi do Senhor Presidente da República, devo dar exato cumprimento às determinações de S. Excia. principalmente aquelas que dizem respeito à nossa agricultura, à nossa indústria e ao nosso comércio, como fontes e fatores principais, que são da nossa economia e da nossa riqueza.

Com essa credencial, e com outras decorrentes de cargos e funções que tenho exercido como Secretário de Estado e Ministro da Agricultura, como Presidente do Departamento Nacional do Café, e, sobretudo, com a credencial de lavrador que tenho sido durante uma vida inteira, eu venho falar a V. Excia. nesta reunião, Senhor Ministro, a respeito do apelo, das sugestões que fazem os cafeicultores, em benefício da sua situação e da lavoura que patrocinam.

A lavoura dô café tem lutado, de muitos anos para cá.

Tomaram-se medidas em face de situações que as circunstâncias ou as necessidades econômicas traziam.

Do ponto de vista da técnica agrícola é necessário estabelecer agora plano racionalizado. Jogamos no passado com as condições naturais da terra e da região. E bem por isso, a lavoura cafeeira andou sempre em busca de terras novas, de zonas novas.

Começou a sua prosperidade no Vale do Paraíba. Lá formou uma aristocracia rural, durante o período monárquico.

De lá veio a lavoura se estendendo para o Oeste, de Jundiaí a Campinas, e de Campinas até os belos rincões de Ribeirão Preto, espalhando-se, afinal, por todo o território do Estado.

Primeiramente, plantava-se café só nas terras altas, segundo a orientação tradicional decorrente da experiência dos velhos lavradores.

Depois, a lavoura ocupou também as terras baixas, e espalhou-se pelas zonas sujeitas a geadas.

O desenvolvimento da lavoura para o interior do território foi, porém, se realizando sempre. As terras virgens eram sempre aproveitadas. Esgotadas, porém, pela sucessão das colheitas, eram relegadas para outras culturas ou deixadas para pastagens.

Pouco ou nenhum cuidado tinham os lavradores com a qualidade dos produtos obtidos. O principal e o mais importante era a produção em massa, que abarrotava os mercados consumidores.

Estabeleceu-se, então, a monocultura cafeeira em todo o Estado, impressionando o mar verde dos cafés que, a perder de vista, cobria grande parte do território estadual.

Como consequência inevitável adveio a superprodução que os mercados consumidores não poderiam vencer.

Nenhuma providência ou medida administrativa capaz foi adotada para impedir a superprodução.

Tivemos de queimar mais de 50 milhões de sacas de café para conseguirmos o equilíbrio em face do consumo.

No mesmo sentido de redução da produção, vieram as geadas e as secas prolongadas que têm se repetido no Estado de uns tempos para cá, prejudicando grandemente a lavoura em geral e principalmente a lavoura do café.

Em virtude desses fatos e de outros tem se verificado grande redução na lavoura estadual de café; o número de nossos cafeeiros limita-se a cerca de um milhão de pés. E que pés... outrora vigorosos, verdejantes, cobertos de ramagens densas que a florada branqueava, e hoje, depauperados na sua maioria, e desfalcados na sua produção habitual.

As fazendas de café, outrora tão prósperas, tão completas na sua montagem, tão promissoras pela sua possibilidade produtiva hoje são, em grande número, decadentes, e sobre este fato, devido também à falta de braços, falei ainda hoje com V. Excia.

Prevendo esta situação que nos assoberba, sempre fui, Senhor Ministro, adepto da policultura em nosso Estado.

Quando Secretário da Agricultura, no Governo do Estado, movimentei a maior campanha policultural que já se realizou em São Paulo e que firmou uma época nos anais da nossa história agrícola.

A campanha do algodão, do fumo, do trigo, a campanha das hortas, dos pomares, dos laranjais, tudo foi incentivado, então, e ainda hoje esta é a nossa orientação.

Prevendo também as consequências do esgotamento da terra e a necessidade de renovação das nossas práticas agrícolas sempre preguei a racionalização da nossa agricultura para atender não só às nossas conveniências de produção quantitativa mas, sobretudo, à conveniência da nossa produção qualitativa.

Ainda agora cuida o Governo do Estado de uma providência administrativa que autorize a aplicação de um crédito de 100 milhões de cruzeiros na campanha do reflorestamento e da irrigação de nossas terras e de nossas culturas.

Um dos frutos dessa campanha de poli-atividade no campo agrícola, é esse que aparece no setor da sericicultura.

Quando iniciamos essa tarefa, há 3 anos, o valor da produção sericícola, no Estado, era apenas de 5 milhões de cruzeiros. Hoje, essa produção, transformada em fios de seda, pode ser avaliada em cerca de 300 milhões de cruzeiros.

Não obstante essas providências que vão estendendo no Estado a policultura, precisamos Senhor Ministro, auxiliar técnica e economicamente a classe dos agricultores.

Precisamos auxiliar os lavradores para que os seus processos e métodos de trabalho se renovem e se aperfeiçoem, afim de se apurar

a produção, principalmente do ponto de vista qualitativo, garantindo-se, assim, uma compensação para as suas culturas.

Precisamos auxiliar os lavradores do ponto de vista econômico para facilitar as suas possibilidades de trabalho, de aperfeiçoamento técnico e de produção que, bem colocada, garanta os resultados da sua lavoura e compense o esforço do seu trabalho.

A lavoura precisa, Senhor Ministro, do amparo oficial e, no momento, principalmente a lavoura cafeeira está nessa contingência.

De nossa parte, Senhor Ministro, apraz-me declarar neste momento, que o Governo Estadual, por intermédio do Banco do Estado, providenciará um melhor financiamento à lavoura, na base de Cr\$ 300,00 a saca.

Dou conhecimento deste fato, na presente reunião, como uma demonstração de apreço pelo muito que tem feito o Governo Federal em favor da lavoura paulista, e como uma homenagem especial à pessoa ilustre de V. Excia. Senhor Ministro.

Há de ser também este fato uma credencial a mais para o Estado de São Paulo, no momento em que, pela voz do seu governo vai endereçar ao Governo Federal o seu pedido em favor dos lavradores e dos produtores rurais paulistas.

Esse pedidos, devidamente informados por V. Excia. Senhor Ministro, hão de, por certo, merecer o apoio e o deferimento do Senhor Presidente da República.

Os cafeicultores paulistas, apelam para V. Excia., Senhor Ministro, por meu intermédio, para que o resultado das vendas de café, em poder do Departamento Nacional do Café, seja depositado, em boa parte, no Banco do Brasil, numa carteira que poderia denominar-se "Carteira do Café", para empréstimo aos cafeicultores, com os juros de 3%, isto é, com juros apenas suficientes para cobrir as despesas decorrentes das transações em apreço.

Fazem, ainda, os cafeicultores um apelo a V. Excia. a respeito do reajustamento econômico. Mais de mil e oitocentos (1.800) processos precisam ainda ser julgados e reajustados os respectivos interessados.

Estou certo Senhor Ministro, que o apelo dos lavradores paulistas feito a V. Excia. e, por seu intermédio, ao Senhor Presidente da República, vai ser atendido.

O exemplo de outros países cafeicultores, há de favorecer a nossa situação.

O Governo da Colombia, em face da situação que alcançou a cafeicultura no país, resolveu suprimir todas as taxas e todos os impostos que recaiam sobre aquela produção, inclusive o confisco cambial.

Essa orientação do Governo Colombiano, foi tomada certamente em vista das dificuldades que, no momento, atravessa a lavoura cafeeira de seu país.

Essas mesmas dificuldades, acrescidas de outras, assoberbam a nossa lavoura de café, e é nestas circunstâncias que o apelo referido se dirige ao Governo da República.

O Senhor Presidente da República, quando assumiu o Governo do País, em 1930, encontrou a lavoura cafeeira em condições difíceis em vista da produção excessiva de que dispunha. Não teve, Sua Excia., nenhuma dúvida em auxiliar a cafecultura nacional, destacando-se entre as medidas adotadas o "reajustamento econômico" que amparou tantos agricultores, livrando-se da perda de suas propriedades respectivas.

De então para cá, S. Excia. tem sido sempre solícito, no auxílio de café. V. Excia. ouvirá diretamente desses lavradores os seus anseios, as suas necessidades e os motivos detalhados, que justificam os apelos que eu formulei.

Ficará então V. Excia., que tem sido um devotado administrador dos negócios da Fazenda Nacional, bem ao par da situação, que apreciamos a fim de resolvê-la, em conformidade com as determinações do Senhor Presidente da eRpública, e de acordo com os melhores interesses da nossa coletividade e da nossa economia.

Estou certo, Senhor Ministro, que com as providências que o Governo do Estado vem tomando, e com todas as demais assentadas pelo Governo Federal, havemos de defender uma das nossas principais fontes de riqueza; havemos de fazer ressurgir os cafezais na terra paulista, consolidando, assim, um dos mais fortes fatores da economia nacional".

#### SOLIDARIEDADE ABSOLUTA E HONROSA

Após uma vibrante salva de palmas, coroando as palavras do Interventor Fernando Costa, o Ministro da Fazenda facultou o uso da palavra a qualquer dos lavradores presentes à memorável reunião. O que se comprovou, então, foi uma solidariedade absoluta e honrosa em torno às expressões contidas no discurso do autorizado intérprete que acabara de prender a atenção de todos. O sr. Fernando Costa dissera tudo quanto poderia andar no espírito dos homens da lavoura. Os interesses da grande e laboriosa colmeia que trabalha pela riqueza de São Paulo e do Brasil tivera, na figura prestigiosa do chefe do Executivo bandeirante, o mais autorizado e feliz dos intérpretes. Lavrador também, o sr. Fernando Costa brilhou e convenceu, vencendo também a brilhante batalha em que se empenhara.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A "DEFESA NACIONAL" recebeu, no periodo de 20 de Setembro a 20 de Outubro de 1944, as seguintes publicações:

- 1 — Revista de Intendencia — n.<sup>o</sup> 16 — Julho-Agosto de 1944 — Rio.
- 2 — Cultura Politica — n.<sup>o</sup> 42 — Julho de 1944 — Rio.
- 3 — Nação Armada — n.<sup>o</sup> 58 — de Setembro de 1944 — Rio.
- 4 — Anais do Ministério da Educação e Saude — Abril de 1944 — México.
- 5 — Boletin Juridico Militar — ns. 3 e 4 — Março e Abril de 1944 — México.
- 6 — Visão Brasileira — n.<sup>o</sup> 74 — Setembro de 1944 — Rio.
- 7 — Liga Moritima Brasileira — n.<sup>o</sup> 446 — gosto de 1944 — Rio.
- 8 — Revista del Suboficial — n.<sup>o</sup> 305 — Julho de 1944 — Argentina.
- 9 — Revista y Biblioteca del Suboficial — Argentina.
- 10 — Revista Militar — n.<sup>o</sup> 79 e 80 — Maio e Junho de 1944 — Bolivia.
- 11 — Revista de las Fuerzas Armadas — n.<sup>o</sup> 10 — Maio de 1944 — Quito — Equador.
- 12 — Fuerzas Armadas Equatorianas — n.<sup>o</sup> 11 — Junho de 1944 — Quito — Equador.
- 13 — Revista Oficial Ejercito — n.<sup>o</sup> 99 e 100 — Março e Abril de 1944 — Cuba.
- 14 — Revista de Caballeria — n.<sup>o</sup> 89 á 92 — De Fevereiro à Abril de 1944 — Chile.
- 15 — Revista Militar y Naval — n.<sup>o</sup> 281 á 287 — Janeiro à Julho de 1944 — Uruguai.
- 16 — Aspiração — n.<sup>o</sup> 1 — de Agosto de 1944 — Rio.
- 17 — Revista Brasileira de Geografia — n.<sup>o</sup> 4 — de Outubro à Dezembro de 1943 — Rio.

# NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA PUBLICADOS NO «DIÁRIO OFICIAL» DE 20 DE SETEMBRO A 20 DE OUTUBRO DE 1944

## A. COMPANHIA DO 4.º B. DE FRONTEIRAS — (Denominação).

— A Companhia do 4.º Batalhão de Fronteiras passa a denominar-se 1.ª Companhia do 4.º Batalhão de Fronteiras e terá, provisoriamente, o efectivo atinente à Companhia Independente de Fronteira consignado nos Quadros aprovados pelo Aviso n.º 4.527 — Quad. 39, de 16 de dezembro de 1940.

(Aviso n.º 3003 de 26 — D. O. de 28-9-944).

## AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Organização).

— O Depósito Central de Material de Transmissões, ao qual foi concedida autonomia administrativa — pelos Avisos número 1.805, de 21 de julho de 1943, passa a ter a seguinte organização :

1 Major — Chefe: Engenheiro de Transmissões e Elétricidade (Q.T.A.).  
1 Capitão de Engenharia: Fiscal Administrativo e Secretário;  
2 Tenentes de Engenharia: 1 para a Seção do Estabelecimento Mallet e 1 para a Seção de Deodoro.  
(Aviso n.º 3123 de 11. — D. O. de 13 — X — 944).

## AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Concessão).

— É concedida autonomia administrativa ao Grupo-Escola (G. E.), na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

N.º 2.982 — As zonas de Recrutamento sob a jurisdição da 15.ª Circunscrição de Recrutamento passam a ter novo grupamento, de conformidade com o mapa que a este acompanha.  
(Aviso n.º 2.980 de 21 — D.O. de 23-9-944).

## AS VIATURAS AUTOMÓVEIS DO EXÉRCITO TIPO MILITAR — (Isenção).

As viaturas automóveis do Exército, tipo militar, cuja identificação e registo foram estabelecidos pelo Decreto n.º 16.456 A, de 28 de agosto de 1944, ficam isentas das disposições contidas nos artigos 75, 76 e 90 e seus parágrafos, do Código Nacional de Trânsito, aprovado pelo Decreto-lei n.º 3.651, de 25 de setembro de 1941.

(Decreto-lei n.º 6940 de 9 — X — 944 — D.O. de 11 — X — 944).

## CLASSIFICAÇÃO DE SUB-TENENTES — (Solução de consulta).

— O Exmo. Sr. General Comandante da 3.ª Região Militar consultou, em face do n.º 4, do art. 10, das Instruções para nomeação e classificação dos Subtenentes, aprovadas pela Portaria n.º 6.123, de 1 de março de 1944:

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA  
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Anuario Militar do Brasil, 1935 .....	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1936 .....	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1937 .....	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1940 .....	27,00
Anuario Militar do Brasil, 1941 .....	37,00
Anuario Militar do Brasil, 1942 .....	42,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima .....	31,00
A Campanha da África Oriental, 1.º Gen. Waldomiro Lima (D. Oficial) .....	21,00
A Revolução de 1842 — Martins & Andrade .....	26,00
A Compreensão da Guerra — J. B. Magalhães .....	30,00
Andrade Neves o Vanguardeiro — Cap. De Paranhos Antunes .....	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes .....	16,00
Aspéto Geográfico Sul-Americanano — Cel. Mario Travassos .....	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Coronel M. Travassos (*) .....	6,00
Bandeira do Brasil — Cap. Janary Jentil Nunes .....	11,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araipe e Lima Figueiredo .....	11,00

(\*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.  
"A Defesa Nacional".

- a) qual o coeficiente a atribuir ao tempo passado como monitor;
- b) como computar o tempo, por ano ou semestre;
- c) como contar o tempo excedente de dois anos.

Em solução declaro o seguinte :

- a) o coeficiente a atribuir ao tempo passado como monitor, para efeito de promoção de 1.º Sargento a Subtenente, a ser computado na ficha de que trata o Aviso n.º 1.198, de 25 de março de 1940, é dois (2);
- b) o tempo e dois (2) anos passado como monitor de Escolas ou Centros de Instrução, será computado por semestre. A fração igual ou superior a três (3) meses será computada como semestre;
- c) o tempo excedente de dois (2) anos passado como monitor será considerado tempo arregimentado como "sargento em todos os postos", cuja coeficiente é dois.

N.º 3.217 — Consulta o Diretor das Armas se um militar classificado no Destacamento Misto de Fernando de Noronha tem direito a computar pelo dôbro o tempo passado fóra do Território, pelo fato de haver recebido têrço de campanha durante esse tempo.

Em solução declaro :

- a) o tempo passado fóra do Território de Fernando de Noronha não é computado pelo dôbro e sim apenas como "em zona compulsória", desde que se enquadre no disposto no § 2.º do art. 17 do Decreto-lei n.º 3.752, de 23 de outubro de 1941;
- b) considera-se como limite inicial para contagem pelo dôbro a data da apresentação no Território e este limite final a véspera da saída do mesmo Território, qualquer que seja a circunstância;
- c) durante o tempo de afastamento o militar não tem direito ao têrço de campanha; quando a serviço receberá a diária prevista no Código de Vencimentos e Vantagens do Exército;
- d) salvo o disposto no Aviso n.º 2.293, de 20 de setembro de 1943, o militar que se afastar da guarnição beneficiada com a cota adicional de 20 %, não terá durante o tempo de afastamento direito àquela vantagem.

Ao Sr. Diretor de Intendência, por intermédio da Subdiretoria de Fundos.  
Aviso n.º 3.216 de 17 — D.O. de 19 — X — 944.

#### COMPANHIAS ESPECIAIS DE MANUTENÇÃO — (Criação).

- I. — Ficam criados os núcleos de duas companhias especiais de manutenção (2.ª e 3.ª Companhias do Batalhão de Manutenção da D.M.M.).
- O núcleo da 2.ª Companhia ficará anexo ao 1.º B.C.C. — D.M.M. e o da 3.ª Companhia ao Depósito de Motomecanização do Rio de Janeiro (Seção de Montagem).
- (Aviso n.º 2.999 de 26. — D.O. de 27.9.944).

#### COMPANHIA LEVE DE MANUTENÇÃO — (Criação).

Fica criada, para instalação imediata, com sede na Vila Militar (Capital Federal), a 1.ª Companhia Leve de Manutenção.  
Revogam-se as disposições em contrário.  
(Decreto-lei n.º 6.899 de 25. — D.O. de 27.9.944).

#### COMPANHIAS MÉDIAS DE MANUTENÇÃO — (Quadros).

— Enquanto não forem publicados os quadros de efetivos das Companhias Médias de Manutenção, criadas pelo Decreto n.º 6.844, de 1 de setembro de 1944, para todos os efeitos reger-se-ão pelos efetivos aprovados pelo

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA  
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota .....	5,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa (*) ....	6,00
Caderneta de Ordens e Partes .....	11,00
Caderneta de Ordens e Partes (blocos) .....	3,00
Caderneta de Campanha do Cap. — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Comandar — Major Niso Viana Montezuma .....	7,00
Concepção do Vitória entre os Q. Generais — Capitão F. Mindelo .....	21,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544 a 1938 — Major Beneto Lisboa .....	13,00
Contribuição da Guerra Brasil B. Ayres — Gen. Bertoldo Klinger (*) .....	13,00
Código de Justiça Militar — Ten. Cel. José Faustino da Código Penal Militar — Cap. Moacyr Faião Gomes ..	9,00
Silva .....	27,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da Hora .....	12,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga .....	8,00
Educação Física Militar — Maj. Gutemberg Ayres de Miranda .....	10,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos ..	3,00

(\*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.  
"A Defesa Nacional".

Aviso n.º 2.998, de 25 de setembro de 1944, — previstos para os núcleos de companhias de manutenção.

(Aviso n.º 3.065 de 3 — D.O. de 5.7-X-944).

#### CONCURSO DE TIRO AO ALVO — (Realização).

O Diário Oficial n.º 223 de 25 — 9 — 944 (página n.º 16.621) publica o programa e instruções para a realização de um concurso de tiro ao alvo entre atiradores dos Centros de Instrução Militar.

#### CONTINGENTES — (Aumento).

— Na conformidade do Aviso numero 1.735, de 12 de julho de 1943, após o estudo das propostas apresentadas para aumento dos efetivos dos contingentes, pelo órgão credenciado, resolvo :

a) aumentar o efetivo dos contingentes :

- do Estabelecimento de Subsistência Militar da 8.ª Região Militar de um 3.º sargento, três cabos e sete soldados (um eletricista, um serralheiro, um marceneiro, um bombeiro e três de fileira);
- do Estabelecimento de Subsistência Militar da 9.ª Região Militar de um 2.º sargento, um cabo e oito soldados;
- do Estabelecimento de Subsistência Militar da 10.ª Região Militar de um 2.º sargento, dois 3.ºs sargentos, três cabos e seis soldados.

b) permitir que continuem a servir no E. M. I. do Rio, a título precário, trinta reservistas convocados com a profissão de alfaiate e dez idem, com a profissão de contador.

c) arquivar a proposta da Diretoria de Intendência do Exército, de acordo com a informação da Diretoria das Armas.

(Aviso n.º 3.064 de 3. — D.O. de 5 — X — 944).

#### CONTINGENTES — (Aumento).

2

— I — Na conformidade do Aviso nº 1.735, de 12 de julho de 1943, após meticoloso estudo feito pelo órgão competente, levando em consideração as condições atuais do efetivo do Exército, ficam aumentados os seguintes contingentes:

- Escola de Transmissões — um cabo enfermeiro e dois soldados radioleiros;
- Depósito Regional de Material de Engenharia da 8.ª R. M. — um 3.º sargento e um cabo;
- Fábrica Presidente Vargas — um 2.º sargento enfermeiro veterinário e um 3.º sargento mestre-ferrador;
- Comissão Construtora de Estradas de Rodagem Paraná — Santa Catarina — dois terceiros sargentos de engenharia;
- Serviço de Engenharia da 10.ª R. M. — um 3.º sargento e um soldado;
- 1.ª Circunscrição de Recrutamento — um cabo, seis soldados auxiliares e quatro soldados dactilógrafos, tudo a título precário;
- Diretoria de Transmissões — um 2.º sargento, dois terceiros sargentos, dois cabos e três soldados;
- Comissão de Rêde n.º 1 — um cabo dactilógrafo;
- Asilo de Inválidos da Pátria — um 3.º sargento (para o policiamento da Ilha de Bom Jesus);
- Colégio Militar — um soldado corneteiro de 1.ª classe;
- Escola Técnica do Exército — um soldado (ordenança do General Comandante);
- Hospital Militar de Uruguaiana — um soldado motorista.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA  
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Escola de Fogo — Facículo II .....	7,50
Escola de Fogo — Facículo III .....	7,50
Escola de Fogo — Facículo IV .....	7,50
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota ..	10,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolivar Teixeira .....	17,00
Ensaio Sobre Instrução Militar — Cap. José Horacio Garcia .....	13,00
Estratégica do Terror — Trad. Cel. J. B. Magalhães (*)	15,00
Estudo sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. Moacyr N. Assunção .....	11,00
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoyo .....	18,00
Exterior e Julgamento dos Equídeos — Walter Jardim	30,00
Fenômeno Militar Russo — Cel. J. B. Magalhães ....	30,00
Fenomeno Militar Russo, desconto de 10% aos Assinantes la Rev. "Defesa Nacional" .....	27,00
Fichário para Inst. de Educação Física — Cap. Jair J. Ramos .....	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles .....	5,00
Guerra da Sucessão, Separata n.º 53 — Ten. Cel. Arthur Carnauba (*) .....	5,00

(\*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.  
"A Defesa Nacional".

II — Deixaram de ser aprovadas, nesta oportunidade, em face do acrescido afetivo dos contingentes em geral as seguintes propostas, que foram arquivadas: — 9.<sup>a</sup> C.R.; D.R.V.E.; H.M. de Juiz de Fóra; E.F. da 3.<sup>a</sup> R. M.; D.S. E.; 1.<sup>a</sup> R.M.; C.P.O.R. de Curitiba; D.R. (10.<sup>a</sup> C.R.). (Aviso n.<sup>o</sup> 3.034 de 29 — 9 — D.O. de 2 — X — 944).

#### CERTIFICADO DE RESERVISTA — (Incinação) ..

— Deve ser incinerado o certificado de reservista ou caderneta militar de reservista falecido, quando êste documento chegar às mãos de autoridade militar, publicando-se êsse ato em boletim interno ou, não sendo isso possível, comunicando-se à correspondente Circunscrição de Recrutamento.

(Aviso n.<sup>o</sup> 3.261 de 18 — D.O. de 20 — X — 944).

#### CURSO DE EMERGENCIA — (adiamento) ..

— Fica adiada, por motivo de força maior, para a data que fôr oportunamente fixada, a inauguração do Curso de Emergência para a Formação da Reserva da Justiça Militar, de que tratou o Aviso n.<sup>o</sup> 3.109, de 10 de corrente.

(Aviso n.<sup>o</sup> 3.263 de 19 — D.O. de 21 — X — 944).

#### CURSO DE ESTENOGRAFIA — (Matrícula) ..

— Deverá funcionar no Centro de Instrução Especializada, a partir de 10 de Outubro do corrente ano, um curso de estenografia para praças (Sargentos, cabos e soldados), com intensidade de 10 horas semanais e duração de 21 semanas.

As matrículas serão efetuadas sem prejuízo do serviço e atingirão sómente praças pertencentes a repartições, estabelecimentos e unidades desta Capital, nas seguintes proporção:

2 a 6 praças de cada repartição.

1 a 3 praças de cada estabelecimento ou corpo de tropa.

Em consequência, todos os estabelecimentos, corpos e repartições desta Capital farão apresentar os seus candidatos ao Centro de Instrução Especializada às oito horas do dia 5, a fim de que sejam submetidos a um exame de seleção, o qual constará de uma prova de dactilografia, uma de português e um "test" relativo à especialidade.

Aviso n.<sup>o</sup> 3.032 de 28 — D. O. de 30-9-944.

#### CURSO PARA FORMAÇÃO DE MONITORES (Autorização) ..

— Autorizo o funcionamento, no Centro de Instrução Especializada, dos cursos para formação de monitores, de acordo com as seguintes prescrições :

A) — Locais de funcionamento e calendário:

1. Escola das Armas (Vila Militar) e quartéis da Companhia Escola de Engenharia, Escola de Transmissões (Deodoro) e do 1.<sup>o</sup> Regimento de Artilharia Anti-Aérea;

2. Início da instrução: — 10 de novembro de 1944;

3. Duração dos cursos — cinco meses;

4. Apresentação das praças selecionadas ao Centro de Instrução Especializada até 5 de novembro de 1944;

5. Provas de seleções nas unidades — 20 de outubro de 1944.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA  
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Limites do Brasil — Cel. Lima Figueiredo (*) .....	11,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio P. Lira .....	19,00
Manual de Topografia Militar — Cap. Evandro Del Corona .....	26,00
Manual de Instrução Pré Militar — Cap. Moacyr Fayão Gomes .....	11,00
Manual da Socorrista de Guerra — Raul Briquet .....	21,00
Manoal de Nioac — Gen. Bertoldo Klinger .....	5,00
Memento do Artilheiro — Cap. Amir Borges Fortes (*) .....	11,00
Mais Uma Carga Camaradas — Gen. Benicio da Silva .....	21,00
Morteiro — Cap. Gutemberg Ayres de Miranda (*) .....	10,00
Moto-Mecanizados (A Defesa Contra Engenhos) — Capitão Hugo M. Moura .....	4,50
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino de Souza .....	16,00
Noções de Topografia de Campanha — Gen. Paes de Andrade (*) .....	11,00
Notas de emprego do Batalhão no Terreno — Comandante Audet .....	2
..... 4,00	
O Livro do Observador — Cap. Paladini .....	11,00
O Exército Alemão — Cel. Leony de Oliveira Machado .....	26,00
Os Pombos Correio e A Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima (*) .....	5,00

(\*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.  
"A Defesa Nacional".

B) — Efetivos à matrícula:

C) — Condições para a inscrição:

O candidato — de preferência ou sargento — deverá:

1. Estar classificado na conduta boa;
2. Ser julgado apto em inspeção de saúde;
3. Poder engajar (ou reengajar) por três anos, findo o curso;
4. Ter no máximo cinco anos de serviço.

Tratando-se de soldado, deve, também, ser considerado mobilizável e alfabetizado.

D) — Provas de seleção:

Realizadas nas próprias unidades a que pertencer o candidato, perante uma comissão fiscalizadora nomeada pelos respectivos Comandantes, devem obedecer às normas que o Diretor do Centro de Instrução Especializada enviar por intermédio dos Comandantes da grande unidade interessada. Findas as provas, será a documentação respectiva remetida ao Quartel General da Região e, daí, encaminhada ao Centro de Instrução Especializada.

E) — Apresentação dos candidatos selecionados ao Centro de Instrução Especializada:

Julgadas as provas de seleção, o Diretor do C. I. E. solicitará ao Diretor das Armas providências para que os candidatos classificados sejam mandados apresentar no prazo estipulado.

Fica o Diretor do C. I. E. autorizado a entender-se diretamente com os Comandantes das 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> Regiões Militares e a enviar para os seus quartéis gerais, se necessário, oficiais para cooperarem na realização das provas de seleção.

Os alunos que obtiverem boa classificação nos cursos serão designados monitores, transferidos para o C. I. E. e promovidos, dentro dos quadros que forem fixados pelo Ministro da Guerra. No exercício das funções de monitor perceberão as diárias estipuladas anualmente no Orçamento da Guerra. As que excederem do efetivo previsto regressarão às unidades de origem, onde preencherão as vagas de suas especialidades. Os que não lograrem aproveitamento serão imediatamente desligados e mandados apresentar aos corpos a que pertencem.

Aviso n.º 3.085 de 6 — D. O. de 9-X-944.

#### CURSO PARA SUBALTERNOS DA ATIVA — (Matrícula).

— Deverá funcionar ainda no corrente ano, o Curso para subalternos da ativa, na Escola de Moto-Mecanização, com início no mês de outubro, dia 15, com a duração de 4 meses.

Deverão ser matriculados:

Infantaria . . . . .	7
Cavalaria . . . . .	34
Artilharia . . . . .	20
Engenharia . . . . .	6

As matrículas deverão ser efetuadas mediante entendimento entre a Diretoria do Ensino e a Diretoria das Armas.

Aviso n.º 3.066 de 4 — D. O. de 6-X-944.

#### CURSO PARA FORMAÇÃO DE MONITORES (Adiamento).

— Atendendo ao que expõe o Diretor do Centro de Instrução Especializada em Ofício n.º 677, de 16 do corrente fica adiada para o dia 31 deste

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA  
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
O Surto no Japão — Maj. Nicanor G. de Souza .....	3,00
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira .....	5,00
O Tiro da Seção do Morteiro Brandt 81 — Maj. J. A. Pavel .....	16,00
O Tiro de Grupo I. Rapida, Separata n.º 55 — Cap. B. B. Fortes (*) .....	6,00
O Serviço de Campanha na Arma de Cavalaria — Capi- tão A. Pereira Lira .....	15,00
Pequeno Manual do S. C. da Cavalaria — Major José H. Garcia (*) .....	12,00
Pedagogia de Educação Física — José Benedito de Aqui- no .....	16,00
Reto. de Educação Física - 1.ª Parte (*) .....	25,00
Reto. para Instrução dos Quadros e da Tropa (*) .....	3,00
Serviço de Informação e de Transmissões em Campanha G. Cortes .....	11,00
Sinalização a braços e ótica — Cel. Lima Figueiredo ..	3,00
Três anos de Ortografia S. Brasileira — Gen. Bertoldo Klinger .....	16,00
Tres anos de Ortografia S. Brasileira (para assinantes da Revista "Defesa Nacional") .....	12,00

(\*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.  
"A Defesa Nacional".

mês a realização das provas de seleção nas unidades o que pertencem os candidatos aos cursos para formação de monitores, devendo os respectivos cursos ter início no dia 20 de novembro vindouro.  
Aviso n.º 3.260 de 18 — D. O. de 20-X-944.

#### COMPANHIAS DE MANUTENÇÃO — (Efetivos dos núcleos).

— Os núcleos de Companhia de Manutenção Leve, Média e Especial terão o seguinte efetivo :

Capitão . . . . .	1
1.º ou 2.º Tenente . . . . .	1
2.º Sargento . . . . .	7
3.º Sargento . . . . .	8
Cabos . . . . .	20
Soldados . . . . .	45
 Total . . . . .	 82

— Aviso n.º 2.997 de 25 — D. O. de 27-9-944.

#### DESPACHO DO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

Na Exposição de Motivos n.º 1.051, de 13 do mês corrente, em que era solicitada autorização para a promoção dos Aspirantes a Oficial da Arma de Engenharia que concluíram o respectivo curso, na Escola Militar, em 8 de janeiro e 2 de março do corrente ano, tendo em vista a existência de vagas naquela arma, no posto de Capitão, o Exmo. Sr. Presidente da República, deu em 22-9-44 o seguinte despacho: "Aprovado".  
— D. O. de 28-9-944.

#### ESCOLA DE SAUDE DO EXERCITO — (Matrícula).

— E' fixado, do seguinte modo o número de matrículas na Escola de Saúde do Exército, em 1945:

Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais Médicos . . . . .	10
Curso de formação de Oficiais Médicos do Exército . . . . .	50
Curso de formação de Enfermeiros do Exército . . . . .	40
Curso de formação de Manipuladores de Farmácia do Exército ..	30
Curso de formação de Manipuladores de Radiologia do Exército..	16
Curso de formação de Manipuladores de Laboratório do Exército..	20

(Aviso n.º 2.998 de 25 — D.O. de 27-9-941).

#### ESCOLA TÉCNICA DO EXERCITO (Admissão).

O Diário Oficial n.º 229 de 2-10-944 — (página n.º 17.023) publica as instruções que regulam o Concurso de Admissão aos cursos da Escola Técnica do Exército em 1945.

#### ENGAJAMENTO E REENGAJAMENTO DE SOLDADOS — (Fixação).

— I — De acordo com os artigos 141 e 142 da Lei do Serviço Militar, fixo, para o ano de 1945 e tendo por base os quadros de efetivos aprovados, as seguintes percentagens de engajamento e reengajamento de soldados na 1.ª, na 2.ª e na 3.ª Zonas:

## REPRESENTAÇÃO

DE

### A DEFESA NACIONAL

Ampliando a sua rede de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

### BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anúncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

**São Paulo** — Mario Herédia, Rua Barão de Paranaíacaba, 61 — 4.<sup>o</sup> andar.

**Curitiba** — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573.

**Porto Alegre** — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44.

**Recife** — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

**Pará** — Edgard Proença, Edifício Bern (1.<sup>o</sup> andar), Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

**A DEFESA NACIONAL**

que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

100% — Unidades, Sub-unidades e Contingentes de Fronteira; Contingentes dos Estabelecimentos e Repartições Militares, exceto os burocratas;

60% Batalhões Rodoviários e Ferroviários, quando em serviço de construção; os 40% restantes serão soldados mobilizáveis ou reservistas;

50% — Unidades de Guardas; unidades motorizadas e moto mecanizadas; Centro de Instrução de Moto Mecanização e de Artilharia Anti-Aérea;

30% — Unidades e Sub-unidades — Escolas;

20% — Unidades de Saúde e de Intendência; Batalhão de Engenharia, quando em serviço de construção;

15% — Unidades e Sub-unidades de Artilharia e Engenharia;

10% — Unidades e Sub-unidades de Infantaria e Cavalaria.

II. As cotas resultantes dessas percentagens serão distribuídas dentro de cada corpo ou formação, da seguinte forma:

a) B. C. C.:

80% para os soldados de fileira;

20% para os soldados empregados, especialistas e artífices;

b) R. M. M.:

40% para os soldados de fileira;

60% para os soldados empregados, especialistas e artífices;

c) R. C. M.:

60% para os soldados de fileira;

40% para os soldados empregados, especialistas e artífices;

d) Demais unidades:

40% para os soldados de fileira;

30% para os soldados especialistas;

30% para os soldados empregados e artífices;

e) as percentagens acima serão arredondadas para mais quando os resultados fracionários forem iguais ou superiores a 0,51 e para menos quando inferiores.

III. Os músicos, clarins, corneteiros e ferradores devem ser excluídos do cômputo das percentagens.

IV. Aos reservistas de 1.<sup>a</sup> categoria convocados não deve ser permitido o engajamento.

V. Nas recapitulações das fôlhas de vencimentos apresentadas às repartições pagadoras, deverão figurar em separado os soldados engajados e re-engajados.

Aviso 3.174 de X — D.O. de 17-X-944.

#### ESCOLA VETERINARIA DO EXÉRCITO — (Matrícula).

— São fixados nos cursos da Escola Veterinária do Exército, para o ano letivo de 1945, as seguintes matrículas:

— Curso de formação de oficial veterinário .....	15
— Curso de formação de sargento enfermeiro veterinário .....	20
— Curso de formação de sargento mestre-ferrador .....	20

Aviso n.º 3.171 de 13 — D. O. de 16-X-944.

#### ESTAÇÃO RADIOTELEGRAFICA — (Instalação).

— Tendo em vista a proteção que se faz mister assegurar à aparelhagem radiotelegráfica instalada no Morro do Capim, nenhuma peça de artilha-

# BANCO DO BRASIL S. A.

1808-1944

Séde - Rio de Janeiro, D.F., Brasil

RUA 1.<sup>º</sup> DE MARÇO N.<sup>º</sup> 66

O principal estabelecimento bancário do país — Possue 254 agências  
em funcionamento no território nacional e uma em Assunção, no Paraguai

Balanços resumidos 1.000 cruzeiros

RUBRICAS	1942		1943		1944
	1.º semestre	2.º semestre	1.º semestre	2.º semestre	1.º semestre
<b>ATIVO</b>					
Caixa.....	361.779	944.154	620.809	678.285	968.356
Correspondentes no exterior.....	1.943.121	2.803.386	4.080.935	4.577.277	4.180.041
Empréstimos.....	6.369.851	6.395.517	8.120.369	9.722.624	11.316.901
Titulos pertencentes ao Banco.....	362.560	383.340	344.426	323.311	304.550
Imóveis, móveis e utensílios.....	123.294	147.265	157.077	167.649	175.171
Outras contas.....	506.725	698.839	730.985	2.837.523	5.250.711
<b>Total do ativo.....</b>	<b>9.667.350</b>	<b>11.372.501</b>	<b>14.054.601</b>	<b>18.306.669</b>	<b>22.195.730</b>
<b>PASSIVO</b>					
Capital.....	100.000	100.000	100.000	100.000	100.000
Fundo de reserva.....	303.741	308.604	314.205	322.089	328.720
Outras reservas.....	548.747	937.443	1.026.149	1.127.186	1.219.674
Correspondentes no exterior.....	35.972	398.535	504.125	512.158	371.125
Depósitos.....	6.319.935	7.828.757	8.747.463	11.382.356	12.529.457
Titulos a pagar.....	1.082.156	100.863	1.153.839	1.168.354	1.284.615
Outras contas.....	1.276.779	1.698.299	2.208.820	3.694.526	6.362.139
<b>Total do passivo.....</b>	<b>9.667.330</b>	<b>11.372.501</b>	<b>14.054.601</b>	<b>18.306.669</b>	<b>22.195.730</b>

ria, durante os exercícios de tiro real, deve ser instalada a menos de 500 metros em volta da estação transmissora ali existente.  
Aviso n.º 3.000 de 26 — D. O. de 27-9-944.

#### FUNCIONAMENTO DO CURSO DE EMERGENCIA PARA A FORMAÇÃO DA JUSTIÇA MILITAR (Determinação).

— I — Em complemento ao Aviso n.º 1.906, de 2 de agosto do ano findo, que dispõe sobre o funcionamento do Curso de Emergência para a formação da Justiça Militar, determino:

a) — as aulas teóricas serão dadas, de preferência, no anfiteatro da Diretoria de Saúde do Exército, e as aulas práticas em local préviamente designado no horário do Curso, devendo realizar-se às segundas, quartas e sextas-feiras, das 10 às 12 horas;

b) — o diretor do Curso poderá aumentar ou diminuir o número de dias de aulas e alterar o horário, de acordo com as conveniências do ensino;

c) — fica o diretor do Curso autorizado a entender-se com o Departamento de Imprensa e Propaganda, para que sejam taquigrafadas as lições que não puderem ser escritas pelos conferencistas;

d) — o diretor do Curso, quando fôr oportuno, providenciará junto ao Secretário Geral do Ministério da Guerra, para que se faça a reprodução litofotográfica das aulas e conferências dadas, as quais serão expostas à venda na repartição competente deste Ministério, cabendo aos autores cem exemplares;

e) — quando, por qualquer motivo, fôr impossível realizar-se a conferência constante do programa, o diretor do Curso providenciará para a substituição do conferencista ficando autorizado a convidar especialistas de notória reputação, desde que essa medida não importe demasiado prolongamento do Curso.

II — Para a inauguração do Curso aludido, a fazer-se no salão de conferências da Escola de Estado Maior do Exército, designo o dia 13 de outubro, às 17 horas.

A fim de facultar ao diretor do Curso os meios indispensáveis à realização dessa solenidade, fica autorizada a entrar em entendimento com o Comandante da referida Escola.

Aviso n.º 3.045 de 30.9 — D. O. de 3.X-944.

#### INSIGNIAS DE COMANDO (aprovação).

— Aprovo as insignias de comando de Batalhão Rodoviário e respectivas sub-unidades e o distintivo de Batalhão Rodoviário.

Aviso n.º 3.072 de 5 — D. O. de 7-X-944.

#### INSIGNIAS DE COMANDO (Aprovação).

— Aprovo a Insignia de Comando e o Distintivo de praça das Oficinas da Urca.

Aviso n.º 3.246 de 18 — D. O. de 20.X-944.

#### NUCLEO OU CENTRO DE P. DE OFICIAIS DE RESERVA (Faltas).

— Os Comandantes de Núcleo ou de Centro de Preparação de Oficiais da Reserva não deverão atender aos pedidos de justificação de faltas ou de suspensão de contagem de pontos dos alunos embora êsses pedidos lhes sejam dirigidos por Diretores de Repartições Públicas, a bem do interesse do serviço.

Essa medida só poderá ser autorizada pelo Ministro da Guerra, que aten-

ACABA DE APARECER:

# Biblioteca Clássica de Cultura Militar

(Dirigida pelo Cel. J. B. Magalhães)

I VOLUME :

## A ARTE DA GUERRA -- Maquiável

(Tradução do Cel. R. B. Nunes.)

---

A seguir :

- II — *A arte da Guerra* — Frederico o Grande.
  - III — *A Guerra Antiga* — Socrates, Xenofonte, Políbio, Vércio e Sun Tsé.
  - IV — *A Guerra no Mar. A Doutrina* — G. Darrieus.
  - V — *Economia de Guerra* — E. Piattier.
- 

SÃO LIVROS QUE INTERESSAM À CULTURA DO OFICIAL MODERNO  
E DO INTELECTUAL CIVIL.

---

Apresentação esmerada da Editorial Peixoto S. A.

---

Preço: broch. Cr\$ 25,00 — Enc. Cr\$ 35,00  
Pelo Correio, mais Cr\$ 1,00.

---

Pedidos: A Defesa Nacional — (Palácio do Ministério da Guerra, 4.<sup>o</sup> pavimento, fundos. Rio) Ou, Caixa Postal 32. Rio.  
Remessa mediante vale postal, ou pelo Serviço de Reembolso Postal.

derá, conforme julgar conveniente — às solicitações, quando lhe forem dirigidas pelos Ministros de Estado, e interventores.

Avisos n.º 2.969 de 20 — D. O. de 22-9-944.

#### PENSÃO DE MEIO SOLDO E DE MONTEPIO CIVEL OU MILITAR. (Concessão).

O julgamento da legalidade da concessão de pensão de meio sôlido e de montepio, civil ou militar, pelo Tribunal de Contas implica, automaticamente, o registro da despesa correspondente, cuja classificação constará desde logo do respectivo processo de habilitação.

O título de concessão de abono provisório da pensão a que se refere o artigo anterior será transformado em definitivo mediante apostila.

A autoridade que reconhecer o direito à percepção da pensão provisória ordenará, imediatamente, a inclusão do nome do beneficiário em fólha de pagamento.

A fólha a que se refere o parágrafo anterior só será trancada, no caso de transferência do pagamento para outra repartição, quando aberta nessa a nova fólha, a fim de que não se interrompa o pagamento mensal da pensão.

A partir de 1.º de julho de 1945, nenhum funcionário contribuinte do montepio poderá receber vencimento, remuneração ou provento sem a prova de haver feito declaração de família.

Os órgãos de pessoal dos Ministérios, para efeito do disposto neste artigo, promoverão, até 30 de junho de 1945, a revisão ou a apresentação das declarações de família, das quais fornecerão ressalva aos funcionários declarantes.

O órgão pagador, á vista da ressalva a que se refere o parágrafo anterior, anotará em fólha o número da declaração de família, que será, obrigatoriamente, transcrita nos livros subsequentes, em cada exercício.

A revisão a que se refere o § 1.º será feita, a partir de 1945, de três em três anos.

A documentação necessária à habilitação fica isenta do sêlo a que se refere o art. 84, nota 2.ª da tabela anexa ao Decreto-lei n.º 4.655,<sup>1</sup> de 3 de setembro de 1942.

O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Decreto-Lei n.º 6.943 de 10-X-944 — D. O. de 12-X-944.

#### PRAÇAS DOS CONTINGENTES DAS CIRCUNSCRIÇÕES DE RECRUTAMENTO (Instrução).

-- Devendo as praças dos contingentes das Circunscrições de Recrutamento possuir no mínimo alguma instrução secundária e conhecimentos especiais de modo a poderem informar requerimentos, organizar e atualizar fichas, lavrar certidões e certificados, é facultada a transferência para os citados contingentes de soldados mobilizáveis com qualquer tempo de serviço.

Fica assim alterada a letra c do item H do Av. n.º 1.312, de 23 de maio de 1944.

(Aviso n.º 2.950 de 20. — D.O. de 22-9-44).

#### QUADRO DE OPERARIOS MILITARES — (Admissão).

— De acordo com as sugestões contidas no Ofício n.º 754-C, de 24-7-44, do Sr. General Comandante da 5.ª Região Militar e o parecer da Diretoria do Material Bélico em ofício n.º 373-D-31-357, de 13-9-44, declaro que para a admissão ao quadro de operários militares das oficinas de reparações dos Serviços Regionais de Material Bélico, os candidatos pos-

## A DEFESA NACIONAL

### LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Telemetria — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva .....	16,00
Telemetros de Inversão — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva .....	9,00
Tática de Infantaria (*) .....	3,00
Travessia de Cursos Dágua — Maj. José H. Garcia (*)	6,50
Transposição de Cursos Dágua — Cel. Lima Figueiredo	8,00
Tiro e emprego do Armamento da Infantaria — Major Pavel (*) .....	30,00
Theiria das Progressões e Logarítmicos .....	5,50
Um Ano de Observações no Extremo Oriente — Coronel Lima Figueiredo .....	15,00
Vade-Mecum de Matemática Elementar — Cap. Frederico N. Dias .....	13,00
Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões — Ten. Coronel Alexandre José Gomes da Silva Chaves (no prélo) (*) .....	16,00
Topografia Prática — Cap. João Augusto Ternandes e Rubens Monteiro de Castro .....	31,00

(\*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.  
"A Defesa Nacional".

suidores do curso de formação de cabo são dispensados do exame eliminatório.

(Aviso n.º 3.022 de 28. — D.O. de 29.9.944).

**SARGENTOS DOS CONTINGENTES — (Solução de consultas).**

— 1. — Consulta o General Cmt. da 3.<sup>a</sup> Região Militar se, em vista da letra *d*, item I, do Aviso n.º 1.312 de 23 de maio de 1944, "se deve entender que sómente os 2.<sup>os</sup> sargentos dos Contingentes, quando devidamente habilitados, podem concorrer às vagas de 1.<sup>o</sup> sargento dos Contingentes.

Neste caso, se os Contingentes situados no território da Região mas não a ela subordinados, devem ser objeto de consideração para as vagas que se derem nos Contingentes subordinados à Região ou vice-versa.

2. — Em solução declaro:

Tendo a letra *b*, do Aviso n.º 442, de 16 de fevereiro de 1943 estabelecido que os claros de 1.<sup>o</sup> sargento serão preenchidos, nos corpos de tropa, pelos Comandantes de Região Militar e, pela letra *d* do Aviso n.º 1.312, de 23 de maio de 1944, sido os contingentes do território das Regiões Militares considerados Corpos de Tropa para efeito de promoção à primeiro sargento, às vagas de 1.<sup>os</sup> sargentos dos Contingentes devem concorrer todos os 2.<sup>os</sup> sargentos da Região que estejam habilitados, inclusive os dos Contingentes que, embora não subordinados diretamente à Região estejam, entretanto, aquartelados no território dessa Região. Pelos mesmos motivos, os sargentos dos Contingentes devem, também, concorrer às vagas dos Corpos de Tropa. Em qualquer caso deve ser respeitado o n.º 5 do Aviso n.º 1.777, de 7 de julho de 1942.

(Aviso n.º 3.015 de 28. — D.O. de 29.9.944).

**TRABALHOS TECNICO-PROFISSIONAL — (Declaração).**

— Em complemento ao Aviso n.º 2.393 de 15 de setembro de 1942, declaro o seguinte:

I — Considera-se como contribuição de caráter técnico-profissional:

- a)* — publicações de natureza técnico-profissional;
- b)* — publicações diversas sobre assuntos militares.

II — Para efeito do Aviso n.º 1.198, de 28 de março de 1940 (ficha de promoção) essas publicações deverão ser submetidas ao Estado Maior do Exército para fins de aprovação e respectiva classificação.

III — A classificação referida no item II será feita do seguinte modo:

1) — Trabalhos de natureza técnico-profissional:

- 5 pontos para os trabalhos "regulares";
- 8 pontos para os trabalhos "bons";
- 10 pontos para os trabalhos "muito bons"; ..

2) — Publicações diversas sobre assuntos militares:

- 3 pontos para os trabalhos "regulares";
- 6 pontos para os trabalhos "bons";
- 8 pontos para os trabalhos "muito bons"; ..

IV — O coeficiente para o título "Contribuições de caráter técnico-profissional" será de 2 (dois) conforme determinou o Aviso acima citado.

(Aviso n.º 3.073 de 5. — D.O. de 7.X.944).

**VIAGENS PARA O NORTE — (Declaração).**

— Retificando a redação do Aviso n.º 2.803, de 9 de setembro de 1944, declaro que as viagens para o Norte do país poderão ser feitas pelo itinerário nele indicado, mas sem exclusividade, e isso com o intuito de descongestionar o tráfego nas vias pelas quais ele se fazia até então, de sorte que, dora avante, todas as vias existentes para o Norte do país passarão a ser utilizadas, segundo critério de facilidade de tráfego.

(Aviso 3.122 de 11. — D.O. de 13-X-944).

# A Defesa Nacional

em

## SÃO PAULO

A representação exclusiva desta revista no Estado de São Paulo, capital e interior, está a cargo do Bureau Interestadual de Imprensa, cuja sucursal se acha instalada na Rua Barão de Piranapiacaba, 61 - 4.<sup>o</sup> andar, — Telefone 2-5841.

Os interessados pôdem dirigir-se ao endereço supra para anuncios, assinaturas, etc.

Chefe da Sucursal: — Mario Herédia.

Só podem efetuar recebimento de contas de **A DEFESA NACIONAL** os cobradores devidamente autorizados pelo chefe da Sucursal do B.I.I.



Anunciar na **A Defesa Nacional** é fazer  
publicidade eficiente.

# A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

*Redação e Administração*

Edifício do Ministério da Guerra

PRAÇA DA REPÚBLICA — Telef. 43-0563

## *Correspondência*

Para a Gerência: Caixa Postal, 32, Ministério da Guerra

Colaborações: Ten.-Cel. Lima Figueiredo, mesmo endereço

## *Publicidade*

Bureau Interestadual de Imprensa

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.<sup>º</sup> andar

Telefone 43-9918 e 23-1451

Assinaturas	Ano	Semestre
Associados da Cooperativa	Cr\$ 30,00	Cr\$ 15,00
Renovadas	Cr\$ 45,00	Cr\$ 25,00
Novas a partir de 25/2/44	Cr\$ 60,00	Cr\$ 30,00

## A PUBLICIDADE

NA

## A DEFESA NACIONAL

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo, desta data em diante, do BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.<sup>º</sup> andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "Bureau"

## Sucursais

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranápiababa, 61 — 4.<sup>º</sup> andar — Telefone 2-5841.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rue Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgar Proença, Edifício Berna (1.<sup>º</sup> andar), Avenida 15 de Agosto.

## **Colaboram neste número :**

**Cel. R. B. Nunes**

**Ten.-Cel. Lima Figueiredo**

**Ten.-Cel. Arthur Caínaúba**

**Ten.-Cel. Paulo Mac Card**

**Major Pastor Almeida**

**Major Emanuel de Moraes**

**Major Newton Franklin do Nascimento**

**Cap. José Bezerra Pessoa**

**Cap. Rui Alencar Nogueira**

**1.<sup>º</sup> Ten. Lidenor de Mello Motta**

**Coriolano de Medeiros**



**Cr\$ 5,00**

**EDITORA HENRIQUE VELHO  
(Empresa "A Noite")**

**Mal. Floriano, 15 — Rio de Janeiro, D. F.**